



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

**DESAFIOS AO TRADUZIR FILOSOFIA *BEZIEHUNGSWEISE*
WILHELM VON HUMBOLDT AO PORTUGUÊS**

PATRÍCIA DENISE RASCHE SPECHT

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO**

**BRASÍLIA/DF
JUNHO/2017**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

DESAFIOS AO TRADUZIR FILOSOFIA *BEZIEHUNGSWEISE* WILHELM VON
HUMBOLDT AO PORTUGUÊS

PATRÍCIA DENISE RASCHE SPECHT

ORIENTADOR: PROF. DR. HANS THEO HARDEN

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

BRASÍLIA/DF
JUNHO/2017

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

DESAFIOS AO TRADUZIR FILOSOFIA *BEZIEHUNGSWEISE* WILHELM VON
HUMBOLDT AO PORTUGUÊS

PATRÍCIA DENISE RASCHE SPECHT

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SUBMETIDA AO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DA TRADUÇÃO, COMO PARTE DOS
REQUISITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO
GRAU DE MESTRE EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO.

APROVADA POR:

PROF. DR. HANS THEO HARDEN (Universidade de Brasília)
(ORIENTADOR)

PROF. DR. RENÉ STREHLER (Universidade de Brasília)
(EXAMINADOR INTERNO)

PROF. DRA. ORLENE CARVALHO (Universidade de Brasília)
(EXAMINADOR EXTERNO)

BRASÍLIA/DF, 29 de JUNHO de 2017

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois sem ele nada aconteceria;

À UNB, pela oportunidade;

Ao professor Theo Harden, pela exemplar e incansável orientação;

Aos organizadores da antologia bilíngue de Wilhelm von Humboldt Werner Heidermann e Markus Weininger, pelo envio de materiais;

Ao meu amor Gabriel, companheiro e parceiro em mais essa etapa, e ao meu amorzinho Pedro, pela compreensão e pelos sorrisos, mesmo quando passava horas sem minha presença.

.

*Palavra, palavra/ (digo exasperado),/ se me desafia, /aceito o combate./
Quisera possuir-te/ neste descampado,/sem roteiro de unha /ou marca
de dente/ nessa pela clara. / Preferes o amor /de uma posse impura / e
que venha o gozo / da maior tortura.
(Carlos Drummond de Andrade, **Obra Completa**, 1964, p. 126)*

*Ich wusste auch, warum ich oft lieber übersetzte als selbst schrieb; etwas
aus einer fremden Sprache ins Gelände der eigenen hinüberzubringen,
ist eine Möglichkeit, Grund unter den Füßen zu finden.(1)
(Heinrich Böll, Frankfurter Vorlesungen, 1974, p. 61)*

RESUMO

Esse estudo visa identificar com quais desafios o tradutor pode se deparar ao trabalhar com um texto filosófico e, mais especificamente, com os textos de Wilhelm von Humboldt. Uma síntese da sua biografia, um pouco sobre sua vida como tradutor e sua presença no Brasil apresentam primeiramente a figura da qual se está tratando. Em seguida, uma fundamentação teórica acerca das características de um texto filosófico pela perspectiva da tradução já atestam que as condições histórico-temporais, espaciais e estilísticas de um escrito como esse, além da forma interna de cada língua, são de uma amplitude e complexidade ímpar. O que é complementado pelas teorias de Walter Benjamin, Jonathan Rée, Roman Ingarden e outros estudiosos acerca da tradução dessa tipologia textual, das quais se constata que a principal tarefa desse profissional é fazer uma tradução respeitável e bem-sucedida garantindo a sobrevivência do original. Por fim, à luz de um dos textos de Humboldt e de sua tradução ao português, aplicam-se as teorias abordadas, mostrando quais desafios o tradutor encontra a nível histórico, estilístico, lexical e sintático. Análise que conduz à conclusão de que a tarefa de traduzir textos filosóficos é dificultada pela complexidade do pensamento e da linguagem de que um filósofo pode dispor, como é o caso de Wilhelm von Humboldt. A erudição de suas ideias, as obscuridades, as aparentes “contradições” no seu pensamento e o uso rigoroso da língua alemã podem ser argumentos que justificam a pouca difusão desse autor no Brasil.

Palavras-chave: Wilhelm von Humboldt; textos filosóficos; tarefa do tradutor

ABSTRACT

This study aims at identifying the challenges the translator may come across when working with a philosophical text and, more specifically, with the texts of Wilhelm von Humboldt. Firstly, a summary of his biography, some facts about his life as a translator and the diffusion of his texts in Brazil are presented. Then, a theoretical foundation on the amplitude and complexity of a translator's task working with philosophical texts, given their embeddedness in historical-temporal, spatial and stylistic contexts, as well as the languages internal forms, is outlined. This is complemented by the theories of Walter Benjamin, Jonathan Rée, Roman Ingarden and other scholars about the translation of this textual typology, which shows that the translator's main task is to make a reputable and successful translation guaranteeing the survival of the original. Finally, in the light of one of Humboldt's texts and his translation into Portuguese, the theories are applied, showing which challenges the translator finds at a historical, stylistic, lexical and syntactic level. Analysis leads to the conclusion that the task of translating philosophical texts is hampered by the complexity of a philosopher's thought and language, as in the case of Wilhelm von Humboldt. The erudition of his ideas, the obscurity, the apparent "contradictions" in his thinking and the rigorous use of the German language may be arguments that justify the little diffusion of this author in Brazil.

Keywords: Wilhelm von Humboldt; philosophical texts; translator's task

ZUSAMMENFASSUNG

Diese Dissertation erzieht die Herausforderungen zu identifizieren, mit denen der Übersetzer konfrontiert werden kann, wenn er mit einem philosophischen Text arbeitet, und insbesondere mit Texten von Wilhelm von Humboldt. Eine Kurzfassung seiner Biographie, ein wenig über sein Leben als Übersetzer und seine Präsenz in Brasilien stellen zuerst die Figur vor, mit der man hier zu tun hat. Hinterher beweist eine theoretische Grundlage über die Eigenschaften eines philosophischen Textes aus der Perspektive der Übersetzung, dass die historischen, zeitlichen, räumlichen und stilistischen Bedingungen eines solchen Textes, und auch die innere Form jeder Sprache, von einem großen Umfang und einzigartiger Komplexität sind. Was mit den Theorien von Walter Benjamin, Jonathan Rée, Roman Ingarden und anderen Gelehrten über die Übersetzung dieser Textsorte ergänzt wird, von denen man ableitet, dass die Hauptaufgabe dieser Fachmänner daraus besteht, eine respektable und erfolgreiche Übersetzung zu machen, die das Überleben des Originals gewährleistet. Schließlich werden die angesprochenen Theorien im Lichte eines Textes von Humboldt und dessen Übersetzung ins Portugiesische diskutiert, damit man sieht, welche Herausforderungen der Übersetzer auf historischer, stilistischer, lexikalischer und syntaktischer Ebene findet. Und diese Analyse führt zu dem Schluss, dass die Aufgabe, philosophische Texte zu übersetzen, durch die Komplexität des Denkens und der Sprache eines Philosophen erschwert wird, wie es der Fall von Wilhelm von Humboldt ist. Die Gelehrsamkeit seiner Ideen, die Finsternisse, die scheinbaren „Widersprüche“ in seinem Denken und die genaue Verwendung der deutschen Sprache können Argumente für die geringe Verbreitung des Autors in Brasilien sein.

Schlüsselwörter: Wilhelm von Humboldt; philosophische Texte; Aufgabe des Übersetzers

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
1 WILHELM VON HUMBOLDT	12
1.1 BREVE BIOGRAFIA	12
1.2 HUMBOLDT COMO TRADUTOR.....	16
1.3 WILHELM VON HUMBOLDT NO BRASIL.....	20
1.3.1 As obras traduzidas.....	22
1.3.2 Os tradutores de Humboldt	25
1.3.3 Impacto dessas obras no Brasil	26
2 TEXTOS FILOSÓFICOS.....	31
2.1 A TRADUÇÃO DESTES E SEUS DESAFIOS.....	36
3 O PAPEL DO TRADUTOR DE FILOSOFIA	46
4 ANÁLISE DO TEXTO DE WILHELM VON HUMBOLDT.....	58
4.1 DIFICULDADES NO NÍVEL HISTÓRICO	59
4.2 DIFICULDADES NO NÍVEL ESTILÍSTICO	61
4.3 DIFICULDADES NO NÍVEL LEXICAL	67
4.4 DIFICULDADES NO NÍVEL SINTÁTICO.....	82
CONCLUSÃO	92
REFERÊNCIAS.....	95
ANEXO A – TRADUÇÕES DAS CITACÕES EM ALEMÃO.....	101
ANEXO B – INTRODUÇÃO DO LIVRO <i>DIE SPRACHPHILOSOPHISCHEN WERKE WILHELM'S VON HUMBOLDT</i>, DE DR. H. STEINTHAL (1884).....	105

INTRODUÇÃO

Die Verschiedenheit der Sprachen ist nicht eine Verschiedenheit an Schällen und Zeichen, sondern eine Verschiedenheit der Weltansichten. (Wilhelm von Humboldt)(2)¹

Como alega o próprio Wilhelm von Humboldt na frase acima, falar de linguagem não significa falar somente de sons ou sinais linguísticos. Deve-se levar em consideração que a linguagem está intimamente ligada ao ser, e este, por sua vez, vive em mundos diferentes, ou seja, terá uma visão de mundo diferente dos demais; logo, também, uma linguagem diferente. Deve-se levar por conseguinte em consideração que a tradução tem, por causa disso, uma tarefa dupla: entender primeiramente o mundo do autor do texto para produzir um texto acessível ao mundo dos possíveis leitores.

Mais desafiante se torna essa tarefa quando se reflete sobre alguns clichês lidos ou ouvidos em diferentes contextos, como por exemplo: “Alunos de filosofia devem ler os filósofos na versão original para compreenderem na íntegra as suas ideias”; ou “Está provado que só é possível filosofar em alemão”. Entretanto são poucos os estudantes capazes de ler fluentemente alguma língua estrangeira, muito menos em língua alemã.

Contrariando esses comentários, há alguns autores que afirmam que um filósofo pode ser melhor compreendido em sua obra traduzida, como é o caso de Kant: [***Critique of Pure Reason***] “*has been read ragged by thousands of students since it was first published in 1929, but hardly any serious weaknesses have come to light. It is often said that German readers consult it when they have difficulty construing the original*” (RÉE, 2001, p. 231)

Ou seja, de uma maneira ou de outra, a tradução se faz necessária.

Tomando-se novamente como base o linguista Humboldt, deve ser excitante para amantes das letras analisar esse teórico, uma vez que dedicou sua vida a refletir sobre a linguagem, procurando atingir seus estudiosos e seguidores com seus princípios de filosofia e sua pesquisa empírica da linguística.

A presente dissertação elege como focos de estudo, portanto, a tradução de textos filosóficos e, como material concreto de análise, exemplos de traduções de

¹ Todas as traduções das citações em alemão dessa dissertação estão numericamente organizadas e listadas no Anexo A, e foram feitas de forma livre.

textos do filósofo e linguista alemão Wilhelm von Humboldt para o português no Brasil. É importante desde já ressaltar que as traduções de Humboldt utilizadas aqui servem apenas de material para exemplificar o que se está abordando; não se objetiva, portanto, criticar e/ou potencializar sua originalidade.

Elucidando melhor o objetivo desse trabalho, o que se pretende englobará estudos ainda não muito explorados academicamente, como a tradução de textos filosóficos e, mais especificamente, a tradução de Wilhelm von Humboldt.

O estudo inicia com uma parte dedicada a Wilhelm von Humboldt, como sua biografia, suas ideias como tradutor e o impacto de suas obras no Brasil. Não se pretende aqui esgotar o que se pode falar sobre essa importante figura, até por que somente uma abordagem sobre sua filosofia da linguagem já renderia uma dissertação. Optou-se por falar sobre Humboldt como tradutor pela pertinência que isso tem ao estudo, e sobre sua recepção no Brasil para justificar o pouco conhecimento que se tem dele.

O segundo capítulo destina-se a teorizar sobre textos filosóficos, ou melhor, sua linguagem e os obstáculos que esta pode colocar no caminho do tradutor. Parte teórica que abre caminho ao próximo capítulo, que aborda especificamente o papel o tradutor desse tipo de textos. Ou seja, além das diferenças históricas, temporais, culturais e estilísticas entre um texto escrito em 1820 e uma tradução feita em quase dois séculos depois, há as diferenças lexicais e estruturais em traduzir de uma língua germânica – o alemão - para uma língua neolatina – o português.

E o último capítulo é dedicado especificamente à análise da tradução do texto *²Ueber das vergleichende Sprachstudium in Beziehung auf die verschiedenen Epochen der Sprachentwicklung* (Sobre o estudo comparativo das línguas em relação com as diferentes épocas do desenvolvimento das línguas), traduzido por Luiz Montez e presente na antologia bilíngue de Heidermann e Weininger (2006). Ou seja, todos os tópicos levantados durante o embasamento teórico são nesse momento exemplificados e melhor esclarecidos por meio de exemplos concretos.

Tanto a pesquisa sobre o linguista e filósofo Humboldt, tanto a breve explanação sobre textos filosóficos e o papel do tradutor destes, como a análise de um dos textos desse renomado teórico agregarão conhecimento a diferentes áreas.

² Em todos os exemplos retirados da antologia bilíngue de Heidermann e Weininger, optou-se em respeitar a ortografia empregada, mesmo que desde 2006 e, logicamente, 1820, já tenham ocorrido revisões ortográficas em ambos os idiomas.

Amantes da filosofia e da linguística conhecerão um pouco mais sobre alguém que influenciou ambas as áreas; estudantes de filosofia poderão entender o porquê de muitas obras não terem uma versão em português; estudiosos das Letras terão contato com uma pessoa de grande relevância para os estudos da linguagem. E, finalmente, tradutores poderão quem sabe traçar outras estratégias para o trabalho com um texto tão difícil.

1 WILHELM VON HUMBOLDT

1.1 BREVE BIOGRAFIA

Friedrich Christian Karl Ferdinand Wilhelm von Humboldt nasceu em 22 de junho de 1767 em Potsdam. É irmão do geógrafo e naturalista Alexander von Humboldt, conhecido por suas viagens e descobertas pela América do Sul. Filho de Alexander Georg von Humboldt, major do exército da Prússia e Elisabeth von Holwede, de família bastante abastada, recebeu desde cedo até a faculdade uma formação integral de professores particulares renomados.

Devido a esses professores, que conduziram os irmãos Humboldt ao caminho do sucesso, segundo Scuria (1976, p. 21), antes mesmo de ingressar na faculdade, Humboldt já sabia falar grego, latim e francês, já conhecia a maioria dos clássicos da literatura, pertencia ao grupo seletivo de estudiosos do iluminismo alemão. Grupo no qual entrou em contato com a obra de Kant, o que o levou, já aos 21 anos, a compor seu primeiro importante escrito: ***Sokrates und Platon über die Gottheit*** (**Sócrates e Platão sobre a divindade**). Seus pais almejavam que seguisse carreira política, por isso fora preparado para a faculdade de direito, onde ingressou em 1787. Mas tanto pela precariedade do curso como por interesses próprios, largou a faculdade de direito depois de um semestre para estudar línguas clássicas e ciências naturais em outra universidade.

Nesse meio tempo conheceu sua esposa. Ao ingressar em uma associação de patriotas (*Tugendbund*) em Erfurt, teve o primeiro contato com Caroline von Dacheröden, pela qual se encantou. Casaram-se em 1791 e tiveram oito filhos, dos quais três já faleceram quando crianças. Entretanto viveram grande parte da vida separados, principalmente por Humboldt ter sido enviado a diferentes lugares, por ter de participar de várias conferências em lugares distintos ou por querer às vezes um tempo só pra si. Apesar dessa distância e do temperamento de Humboldt, entendiam-se muito bem e Caroline foi sua melhor consultora em todas as decisões de sua vida, segundo Scuria (1976, p. 89) - "*Karoline war immer da, wenn Wilhelm sie brauchte; und sie wusste sich auch, frühzeitig kränkelnd, im Hintergrund zu halten, wenn die jeweilige Lebensaufgabe ihres Mannes dies erforderte*"(3). Porém

ao final da vida, depois de largar a carreira política, moraram muito tempo juntos em sua casa em Tegel, Berlim, onde ambos morreram. Caroline morreu 6 anos antes de Wilhelm, o que o levou a uma fase psicologicamente crítica, além de já estar sofrendo do mal de Parkinson. E nos seus últimos anos de vida, compunha um soneto por dia, como forma de autoanálise. Por isso, os sonetos não tiveram grande significância: “*In ihrer Gesamtheit stellen sie zwar kein dichterisches Opus von Bedeutung, wohl aber die umfassendste psychische Autobiografie in Reimen dar, die jemals einer sich selbst befohlen hat*”(4) (BERGLAR, 1970, p. 142). Wilhelm morreu em sua casa, em 1835, alguns dias antes de completar 68 anos.

Além de suas capacidades intelectuais, sua vida sempre fora permeada de muito estudo, muitas leituras, muitas viagens exploratórias, muitos grupos de discussão etc. – “Sua persistência e sua inteligência, as visitas às bibliotecas de Roma, Paris, Viena e todos os lugares em que esteve, tornaram-no dono de uma cultura, principalmente linguística, quase universal, além de colocá-lo em contato com as mentes mais atuantes de seu tempo” (MILANI, 2006, p. 317). Experiências essas que lhe renderam amplo conhecimento sobre vários assuntos, o que é refletido através da multiplicidade de suas obras. Escreveu primeiro um ensaio sobre o que entendeu do que Platão e Sócrates teorizavam sobre a divindade (já citado acima). Depois, influenciado pelos ideais da Revolução Francesa - *Liberté, égalité, fraternité* -, compilou uma de suas obras mais reconhecidas ainda hoje: *Ideen zu einen Versuch, die Grenzen der Wirksamkeit des Staats zu bestimmen* (**Os limites de ação do Estado**). Por já ter tido contato com várias línguas, logo produziu ensaios que refletem sobre as diferenças entre elas e sobre linguagem em geral: *Ueber die Natur der Sprache im allgemeinen, Ueber das vergleichende Sprachstudium in Beziehung auf die verschiedenen Epochen der Sprachentwicklung, Form der Sprachen, Natur und Beschaffenheit der Sprache überhaupt* etc. são alguns exemplos, cujas traduções se encontram no livro **Humboldt – Linguagem, Literatura, Bildung** (2006). Mais tarde, dedicou-se também aos estudos do que considera uma *Bildung* (formação) ideal, o que resultou no texto *Ueber die innere und äussere Organisation des höheren wissenschaftlichen Anstalten in Berlin*, que foi o estatuto para a fundação da Universidade de Berlin, assunto que será detalhado mais adiante.

Além de produzir esses ensaios, Humboldt dedicou sua vida também a correspondências, a diários, a projetos políticos e até a sonetos. Mas foram principalmente os textos em que discorria filosoficamente sobre as diferentes línguas e sobre a linguagem humana em si que o tornaram mais conhecido e lhe deram o título de “Filósofo da Linguagem”³. E todas as suas obras têm um fundamento empírico consolidado pelo seu amplo conhecimento de várias línguas:

er beherrschte das Französische, Englische, Italienische und Spanische in Wort und Schrift; ebenso Griechisch, Lateinisch, Baskisch, Provenzalisch, Ungarisch, Tschechisch, Litauisch. Mehr als zwei Jahrzehnte beschäftigte er sich mit den Eingeborensprachen Mittel-, Süd- und Nordamerikas, er befasste sich mit dem Koptischen, Altägyptischen, Chinesischen und Japanischen, ab 1820 vor allem mit dem Sanskrit(5) (BERGLAR, 1970, p. 129).

Sobretudo por causa desses escritos acerca da linguagem, Humboldt pode ser considerado contemporâneo. Suas pesquisas em diferentes áreas do saber promoveram a produção de um conhecimento acerca da língua que compreende, simultaneamente, preocupações com a forma, os sentidos, as funções e a natureza das línguas (SEVERO, 2015).

Contudo sua vida não se resumiu somente aos seus escritos. Humboldt teve uma carreira pública bastante ativa, porém também frustrante. Trabalhou 18 anos para o governo prussiano. Desenvolveu muitas ideias para melhorar a forma de governo, como um projeto de constituição e planos de reforma administrativa dentro do governo, mas seus projetos políticos nunca foram reconhecidos (BERGLAR, 1970, p. 10). Seus superiores os julgavam pouco práticos e um tanto utópicos para a atual situação, inclusive por Humboldt ser da opinião de que o governo deve servir à nação, e não o contrário (HUMBOLDT, 2004). Por isso sentia-se subaproveitado em sua função. E quando o rei fez algumas mudanças em seu governo e Humboldt não recebeu nem mesmo um ministério, ele largou sua carreira política.

Foi somente nos 16 meses (1809-1810) em que trabalhou como uma espécie de diretor do setor de cultura e educação, que seus projetos foram

³ Este trabalho não é o lugar para se analisar a obra linguística de Wilhelm von Humboldt, mas devido à sua importância e para fins de aprofundamento, é essencial mencionar alguns livros de Jürgen Trabant, linguista que dedicou grande parte da vida acadêmica ao estudo dos escritos de Humboldt, inclusive sendo um dos editores internacionais mais renomados de seus escritos. Suas principais obras são **Apeliotes oder Der Sinn der Sprache**. *Wilhelm von Humboldts Sprach-Bild* (München, 1986), **Traditionen Humboldts** (Frankfurt a.M., 1990) e o **Weltansichten: Wilhelm von Humboldts Sprachprojekt** (München, 2012).

reconhecidos, perpetuando seu nome por toda a história. Seu projeto é reconhecido pela agilidade, pelo fundamento e pela amplitude com que modificou toda a área de formação e educação alemãs. Foi ele, por exemplo, que instituiu o que hoje ainda se conhece por formação integral: educação básica, que seria o nosso Ensino Fundamental, ginásio, nosso Ensino Médio, e o Ensino Superior (universidade). Ele introduziu o ano escolar, o plano de aulas semanais etc. *“Humboldt denkt an alles, regelt alles, dekretiert alles: Aufnahmeprüfung, Versezungsvorschriften, Abitur (nicht vor achtzehn), Schulgeld, Schulverwaltungsgliederung”*(6) (BERGLAR, 1970, p. 90). E o seu maior feito foi a fundação da Universidade de Berlim, cujo plano educacional, já que Humboldt não tinha grandes conhecimentos de pedagogia, foi idealizado por fortes nomes como Schelling, Fichte e Schleiermacher (BERGLAR, 1970, p. 91). *“Die neue Universität wurde und blieb während des 19. Jahrhunderts und noch bis an die Schwelle des Hitlers-Reiches eine der glänzendsten Hochschulen Deutschlands, Zentrum einer Wissenschaft von Weltgeltung”*(7) (p. 95).

Obviamente há críticas. Alguns autores questionam suas concepções acerca de *Bildung*, ciência, sistema escolar e universitário, e muitos colocam suas obras à prova. E justamente isso é motivo suficiente, segundo um de seus biógrafos (op. cit., p. 7), para se debruçar sobre ele, pois *“Immerhin besuchen noch Millionen Kinder und junger Leute die höheren Schulen und Universitäten, die er, wenn man einmal so sagen darf, „erfunden“ hat, und die seitdem [...] im Prinzip, ihren von Humboldt gelegten Fundamenten nach, erhalten geblieben sind”*(8).

Dentre as biografias lidas até aqui, conseguiu-se verificar no mínimo três acepções diferentes sobre a figura de Humboldt. Um primeiro grupo destaca-se por vangloriá-lo: intitulam-no „ministro do espírito”, diplomata, cientista político e da linguagem. Para esses, Humboldt é um dos homens mais influentes da Alemanha, pois teve, não a maior, mas a mais longa influência no desenvolvimento do país. Outros alegam que Humboldt não tem uma obra coerente, que suas colocações são quebradas, que não há como encaixar suas ideias dentro da realidade alemã-prussiana da sua época ou até dos dias de hoje, ou seja, que ele é *“der Mann der Ansätze ohne Vollendung”*(9), segundo palavras novamente de Berglar (1970, p. 9). Por isso, mesmo tendo sido influenciado em vários aspectos pelos amigos Goethe e Schiller ou mesmo sendo posto ao lado deles como figuras mais renomadas na história do país, ele não pode, segundo essa segunda acepção, receber tal glória –

ele não influenciou o mundo por meio de suas produções, como eles o fizeram. Ele nem mesmo revolucionou o campo político, como o queria: “*Er blieb in einem Zwischenreich zwischen marmorn-idealer Griechen-Irrealität und konservativ-fortschrittlichem Preußen-Kosmopolitismus eingeschlossen – Symbolgestalt aller deutschen Zwiespalte*“(10) (op. cit., p. 54).

E há ainda um terceiro grupo, que é ciente de que suas obras poderiam ter alcançado mais êxito caso suas ideias fossem expressas de forma mais clara, mas que alega que suas obras não podem ser vistas como receitas a serem seguidas. Por um lado por causa da obscuridade de suas ideias, por outro pelas aparentes contradições em seu pensamento. Para esses, o mais importante e interessante delas e da figura Humboldt é a forma curiosa e consciente como ele modelou sua vida, que é e permanecerá *zeitlos* (atemporal):

Dieser Humboldt [...] bietet keine “Aktualität” im Sinne des für uns Übernehmbaren, aber die Tatsache, dass einer von uns sein Leben bewusst und klar in die Hand genommen, es mit seinen Mitteln, in seinen Gegebenheiten und Grenzen, in den Zwängen und Chancen seiner Epoche zu einer sinnerfüllten, fruchtbaren Wirklichkeit zu machen versucht hat, wirkt doch, zeitlos, als Trost und Anreiz(11). (op. cit., p. 15)

1.2 HUMBOLDT COMO TRADUTOR

De uma maneira geral, Humboldt é conhecido somente por sua atuação no serviço público e por ser autor de diversos textos relacionados à diversidade das línguas e à linguagem no geral. Poucos sabem que ele também foi tradutor. E não só isso. Que também desenvolveu algumas teorias acerca desse tema. Até por isso, segundo Oustinoff (2011, p. 22), “as concepções humboldtianas têm implicações epistemológicas e filosóficas consideráveis [...] mas têm [também] repercussões não menos essenciais para a tradução”.

Não se abordará profundamente ao longo dessa dissertação as teorias de Humboldt sobre a linguagem, mas é preciso apresentar, antes de explorar suas reflexões acerca da tradução, dois conceitos a partir dos quais se pode extrair seu arbítrio a favor do ato de traduzir. Wilhelm von Humboldt foi o primeiro a colocar a linguagem como uma forma de expressão e representação do espírito de uma nação. Segundo ele, a diversidade das línguas não está somente no nível lexical e

fonológico, mas sim na diversidade de visões de mundo. Ou seja, a importância de compartilhar a visão de mundo de uma nação com uma outra demonstra o caráter verdadeiramente social e político da tradução. E um segundo conceito que reflete a imprescindibilidade da tradução é o fato de pensamento e linguagem terem uma dependência recíproca (HUMBOLDT. In.: HEIDERMANN (org.), 2006, p. 77). Explicando melhor, se o que difere o homem do restante dos seres é sua qualidade de ser pensante e se o homem só é homem através da linguagem, conforme defende inclusive o próprio Humboldt, a função da linguagem e, por consequência, da tradução, é unir o EU ao MUNDO.

Humboldt ousou traduzir algumas obras influentes, como dos dramaturgos gregos Sófocles e Ésquilo e do poeta grego Píndaro. Mesmo com esses experimentos, uma leitura superficial de seus textos conduz a sua teoria sobre a intraduzibilidade, principalmente de poemas. Teoria explicada na introdução a sua tradução do poema *Agamêmnon*, quando esclarece que “nenhuma palavra de uma língua é perfeitamente igual a uma de outra” (HUMBOLDT, 2001, p. 91). Essa questão também é apontada por outros estudiosos da tradução, como por Genzler (2009, p. 91), que discorre sobre a visão de Humboldt, “segundo a qual as línguas são, em essência, dissimilares e a tradução é impossível”. Também Silva (2013, p. 119) se debruça sobre essa questão quando fala do relativismo linguístico baseado em Humboldt. Segundo essa teoria, a tradução não é possível pela diferença existente entre as línguas e as culturas, pois nunca falamos da mesma coisa, mesmo quando se fala sobre um mesmo objeto. Uma outra visão do que Humboldt quis dizer com a impossibilidade de tradução está em Milani (2006, p. 320), que explica a intraduzibilidade de Humboldt pelo fato da língua só poder ser compreendida a partir das “suas relações com as outras línguas conhecidas, suas relações com o caráter da nação que a fala, suas relações com a língua de que descende”.

Batalha & Pontes (2007, p. 27) esclarecem um pouco mais o que seria a intraduzibilidade. Para eles, a tradução *literal* é impossível, ou seja, uma tradução no nível lexical, pois cada palavra exprime o conceito de um modo um pouco diferente, dependendo de suas experiências, de sua visão de mundo. Isto é, o que precisa ficar claro, é que Humboldt não procurou desenvolver uma teoria da intraduzibilidade. Ele quis demonstrar que “as dificuldades que o tradutor enfrenta ao

ter que lidar com sistemas linguísticos diferentes e, de certa forma, incomensuráveis, são parte de uma teoria da linguagem fundamentalmente relativista” (GONÇALVES, 2008, p. 57). E justamente por causa do “relativismo linguístico”, Humboldt defende a impossibilidade da tradução totalmente fiel – o que já fora explicado acima por Batalha & Pontes-, considerando apenas a possibilidade de uma eventual similaridade. Ideia que se aproxima do terceiro tipo de tradução sugerido por Goethe (In.: HEIDERMANN (org.), 2001, p. 21), quer seja fazer uma “tradução idêntica ao original, não de modo que um [texto] deva vigorar ao invés do outro, mas no lugar do outro”⁴. Segundo essa ideia, a tradução é possível se ela busca, na língua de chegada, palavras cujos significados tenham alguma semelhança ou uma equivalência parcial àqueles vinculados à língua de partida, valorizando o nível funcional do texto (SILVA, 2013, p. 120).

O que se viu até aqui é um Humboldt bastante crítico no que diz respeito ao ato de traduzir. Mas o próprio também discorre, em momentos diferentes, sobre as vantagens desse ato, quer sejam as diferentes interpretações que cada nação pode ter a respeito de um único conceito e o fato de que o intercâmbio oportunizado pelas traduções pode permitir a seus falantes o acesso a diferentes visões de mundo. Segundo ele (In.: HEIDERMANN (org.), 2006, p. 9), caso as diferentes línguas fossem multiplicadas, cada povo descobriria a cada novo ponto de vista algo anteriormente desconhecido.

Em sua introdução ao poema *Agamêmnon*, seu parecer a favor da tradução fica ainda mais claro:

A tradução [...] é uma das tarefas mais necessárias dentro de uma literatura: em parte para fornecer àqueles que não conhecem a língua, formas de arte e da humanidade que de outro modo lhes permaneceriam desconhecidas e pelas quais toda nação obtém ganhos significativos, mas em parte, também – e sobretudo – para aumentar a importância e capacidade expressiva da própria língua (HUMBOLDT. In.: HEIDERMANN (org.), 2001, p. 93).

Essa citação também mostra que Humboldt é seguidor de Lutero, no que se refere ao enriquecimento da língua alemã por meio de traduções, isto é, no enriquecimento de qualquer língua em contato com outra. Além de permitir a comunicação entre diferentes línguas, nações ou culturas, transpor um texto de uma língua estrangeira à língua materna enriquece e refina a própria língua. Mas é claro que esse cultivo linguístico é sobretudo uma virtude patriótica, ou seja, mesmo

⁴ Essa teoria será mais explorada no terceiro capítulo.

apossando-se de novo vocabulário, novas formas, a própria língua deve ser valorizada.

Por fim, considerando os argumentos acima, pode-se perceber uma certa incoerência nas suas ideias. Incoerência que pode ser explicada tanto em sentido restrito, especificamente referente ao ato tradutório, como de modo mais amplo. A explicação restrita é dada de forma muito clara e sucinta por Cardozo, Heidermann e Weininger (2009, p. 74):

Humboldt, teórico e filósofo da linguagem, ao considerar a tradução como uma “tentativa de solucionar uma tarefa impossível”, vê-se enredado numa contradição entre a impossibilidade de traduzir [...] – postulada teoricamente com base nas relações “heterocósmicas” dos povos e épocas espelhadas na diversidade das línguas – e a tão extensa e diversamente reconhecida prática de tradução, assim como a constatação de sua validade e necessidade prática, visto que o próprio Humboldt (assim como Schleiermacher e muitos outros) não apenas traduzia, como também recomendava a tradução como um requisito prático.

De forma mais ampla, as ideias contraditórias de Humboldt podem ter duas justificativas. Ele pode ter sido influenciado tanto pelos ideais iluministas quanto pelos classicistas e românticos alemães, pois essas ideias contrárias podem estabelecer uma tensão de pensamento de difícil resolução. Além disso, conforme Heidermann (2006, p. xxiii-xxv), há o caráter de formação pessoal que a escrita exercia para Humboldt, pois ele escrevia mais para si do que para seu público leitor.

Mas a principal contribuição de Humboldt aos estudos da tradução não reside no fato de ele ser a favor do ato tradutório ou dissertar sobre a intraduzibilidade. Humboldt introduziu os conceitos de “estranho” e “estranheza”. Uma tradução pode e deve conter o tom estranho que o autor quis dar à determinada ideia, a determinado poema ou a um simples termo, porém nada disso pode ser sentido com “estranheza”. O que soa dessa maneira é, segundo ele, um erro do tradutor e pode destruir a mensagem do original. Explicado por meio de suas próprias palavras, “Na medida em que faz sentir o estranho ao invés da estranheza, a tradução alcançou suas mais altas finalidades; entretanto, no momento em que aparece a estranheza em si, talvez até mesmo obscurecendo o estranho, o tradutor revela não estar à altura do seu original” (HUMBOLDT. In.: HEIDERMANN (org.), 2001, p. 97).

A estranheza também vai de encontro ao conceito humboldtiano de intraduzibilidade, mais precisamente de encontro a uma tradução totalmente fiel. Quanto mais uma tradução se inclina à fidelidade, mais se desvia do original, pois no

momento em que o tradutor interpreta idiomorficamente todos os detalhes, os tons refinados do autor, ele pode criar tons novos e diferentes. E já que o objetivo de traduzir é para Humboldt, segundo se viu acima, atentar particularmente à diversidade de pontos de vista, de formas e demais detalhes de uma nova língua, a tradução deve manter o caráter verdadeiro do original.

Mesmo depois de dois séculos, as teorias de Humboldt acerca de intraduzibilidade e fidelidade continuam muito atuais. Alguns autores, como George Steiner, aceitam que a fidelidade defendida por Humboldt implica uma sistemática desambiguidade. Outros, como os irmãos brasileiros Campos, seguidores das teorias poundianas de transcrição, são aversos a esse conceito.

Mesmo que seu nome ainda seja bastante desconhecido no Brasil, como se verá a seguir, sabe-se, a partir do que foi explanado acima, que todas as suas ideias continuam permeando os estudos da tradução. Ou seja, Wilhelm von Humboldt deixou um legado que se perpetuará por muitos anos ainda.

1.3 WILHELM VON HUMBOLDT NO BRASIL

Jürgen Trabant já afirma em uma de suas obras que o espírito de Humboldt não é presença marcante na linguística moderna (1986, p. 10). Também os organizadores da antologia bilíngue, Heidermann e Weininger, atestam que “Wilhelm von Humboldt é muito pouco lido no mundo e praticamente desconhecido no Brasil” (2006, p. IX). A partir dessas afirmativas, já se tem uma ideia do porquê da mínima quantidade de publicações encontradas sobre esse autor, e do porquê de nem haver nenhuma publicação referente às suas (poucas) traduções no Brasil.

Humboldt pode até ser um nome conhecido ao ouvido de muitos, mas quem sabe a maioria remeta imediatamente ao seu irmão Alexander, renomado geógrafo e naturalista alemão, que fez grande parte dos seus estudos na América.

Mas sim, existem traduções de Humboldt no Brasil. Depois de uma intensa procura, foram encontrados treze textos traduzidos, divididos em cinco publicações: uma obra completa - **Os limites da ação do estado**; uma antologia bilíngue com nove textos – *Sobre a natureza da linguagem em geral, Sobre o estudo comparativo das línguas em relação com as diferentes épocas do desenvolvimento das línguas*,

Formas das línguas, Natureza e constituição da linguagem em geral, Carta a Karl Ferdinand Becker: A língua como organismo, Carta a Schiller: Sobre língua e poesia, Sobre a influência do caráter diferenciado das línguas na literatura e na formação intelectual, Teoria da formação do ser humano, Ação de uma força de espírito extraordinária – civilização, cultura e formação; um texto publicado na Antologia Bilingue dos **Clássicos da Teoria da Tradução – Introdução a Agamêmnon**; e dois textos traduzidos e publicados em forma de artigo – *Sobre pensamento e linguagem* e *Sobre reformas no sistema de ensino*.

Todos os textos estão sintetizados a seguir, mas é importante comentar que são publicações recentes, feitas entre 2001 e 2011. O que já pode ser uma pista sobre a falta de críticas e artigos a respeito – cada texto leva um tempo para ser descoberto, e ainda um tempo maior para “amadurecer” entre os leitores. Outra explicação que parece lógica para a pouca divulgação desse material é o que a autora Maria Paula Frota desenvolveu em seu texto “Um balanço dos Estudos da Tradução no Brasil” (2007, p. 148) – foi somente na década de 90 que houve um verdadeiro *boom* no volume de estudos feitos sobre tradução no Brasil. Possivelmente os estudos feitos nesses 20 anos englobam primeiramente textos e autores mais reconhecidos mundialmente, antes de chegarem a Humboldt.

Por outro lado, é interessante observar que os editores, autores, organizadores e/ou tradutores desses cinco textos enfatizam a necessidade de se conhecer mais sobre as ideias desse autor. Werner Heidermann, organizador das duas antologias bilíngues, dispensa a Humboldt o título de “erudito mais universal da filosofia da linguagem do século XIX” (2001, p. 11) e convida pesquisadores, estudantes, professores ou apaixonados pelas áreas de linguística, filosofia da linguagem e estudos da tradução a se debruçarem sobre os textos desse “grande erudito prussiano de inquestionável riqueza intelectual” (2006, p. IX), pois esses oferecem valiosas contribuições para essas áreas. O editor da obra **Os limites da ação do Estado** valoriza a obra em questão alegando que é “um livro crucial para o desenvolvimento do liberalismo na Europa no século XIX” (2004, badana do livro). E o autor de um dos artigos é ainda mais enfático ao lamentar a pequena divulgação desse nome no Brasil: “A importância de Humboldt na constituição do modelo moderno de universidade [...] é incompatível com a quase ausência de material

bibliográfico em língua portuguesa (tanto traduções quanto comentários)” (LEMOS, 2011, p. 207).

Abaixo encontram-se então sinopses das obras citadas, descrição dos tradutores de Humboldt e o impacto dessas obras aqui no Brasil a partir de seus temas centrais.

1.3.1 As obras traduzidas

HUMBOLDT, Wilhelm von. Os limites da ação do Estado

Após a Revolução, a França estava passando por uma mudança política radical, a qual era intensamente seguida por Humboldt. Este inclusive mudou-se por um tempo para Paris, para acompanhar essas mudanças e debater os assuntos relativos à formação de um novo Estado com os iluministas franceses, dentre eles Rousseau.

Essa obra pretende revelar, portanto, a finalidade das instituições do Estado e quais os limites para suas atividades. Ou melhor explicando, Humboldt gostaria de conciliar política e filosoficamente o indivíduo e a comunidade política. Pois para ele, somente um indivíduo livre pode ser espontâneo, o que é fundamental para a criação e para o florescimento da confiança social.

O estado tem o poder de moldar e controlar a vida dos cidadãos, o que impede o homem de conhecer seu verdadeiro ser e faz com que permaneça estranho à sua verdadeira natureza. Partindo dessas premissas, Humboldt conclui que qualquer interferência do Estado em assuntos individuais deveria ser absolutamente condenada.

Mas ele alerta que essa liberdade também deve respeitar o outro. E nisso o Estado pode interferir, garantindo a segurança dos indivíduos, possibilitando assim a manutenção dessa liberdade. Ou seja, o Estado pode atuar quando a comunidade assim o necessitar, mas os demais problemas devem ser resolvidos pela própria sociedade, uma vez que ela pode fazê-lo com mais propriedade.

HEIDERMANN, Werner; WEININGER, Markus J. (orgs.) *Wilhelm von Humboldt: Linguagem, Literatura e Bildung*

Essa coletânea apresenta alguns textos com as ideias centrais de Humboldt, enfatizando a tríade Linguagem, Literatura, *Bildung*. A linguagem é o tema central de toda sua vida, pois ela representa para ele muito mais do que uma simples comunicação entre pessoas (textos 1 a 5). Os textos sobre literatura (6 e 7) apresentam colocações sobre a alteridade, além de remeterem a obras de Goethe e Schiller. E nos dois últimos textos sobre *Bildung* (8 e 9), é encontrado o pensamento de Humboldt sobre a formação do ser humano. Essa edição bilíngue alemão-português, além de dar acesso ao leitor luso-falante às ideias mais importantes do filósofo e linguista prussiano, possibilita uma leitura transparente do original. Isso significa que o leitor pode buscar ajuda no original caso surja alguma incoerência na tradução – “esta característica enriquece o resultado não somente no estágio da criação da retextualização pelos tradutores, mas também na hora da sua recriação pelos leitores e na sua reflexão (re)construtiva sobre o tema dos textos e sobre a sua tradução sempre impossível” (HEIDERMANN & WEININGER (org.), 2006, p. X).

HUMBOLDT, Wilhelm von. Introdução a *Agamêmnon*

Essa introdução a *Agamêmnon* foi extraída da própria tradução de Humboldt da tragédia grega *Agamemnon*, de Ésquilo. Nesta ele explica, como já foi desenvolvido no subcapítulo anterior, os aspectos teóricos da tradução. Sua explanação inicia com a afirmação de que a tradução, principalmente de poemas, é necessária dentro da literatura, para fazer com que outros povos entrem e contato com a língua, as formas de arte e a humanidade de outro lugar. Ele fala que *Agamêmnon* apresenta certas obscuridades, para a compreensão das quais o tradutor deve penetrar na atmosfera do poeta, do seu tempo e dos personagens apresentados. Humboldt mesmo assume que sua tradução não é perfeita, pois cada palavra carrega em si as fantasias de cada ser humano, o que impossibilita uma obra totalmente fiel à original. Porém ele enfatiza a importância da métrica para a beleza do trabalho, pois os sons atingem a alma de forma mais profunda do que somente uma lista de palavras.

SEGATTO, Antonio Ianni. Sobre pensamento e linguagem - Wilhelm von Humboldt

Segatto inicia seu artigo fazendo, como ele próprio intitula sua apresentação, uma “Breve nota sobre Wilhelm von Humboldt e a filosofia alemã da linguagem”. Ele afirma que, para Humboldt, a linguagem é muito mais do que simples instrumento da expressão dos pensamentos; ela é considerada como elemento constitutivo do pensamento e do conhecimento. Por isso, ela não é um produto do pensamento, mas sim uma atividade, um processo. Eis que ela ganha um caráter também filosófico: por ser uma atividade, por meio dela criam-se novos conceitos, novas ideias, por meio dos quais o entendimento entre falantes é possível e o mundo se faz acessível. Em seguida, Segatto contrapõe essas teorias de Humboldt com as teorias de Kant e outros filósofos. E ao final da sua apresentação e antes da tradução do texto “Sobre pensamento e linguagem”, ele ainda explica que este é o primeiro texto de Humboldt sobre a linguagem, escrito entre 1795 e 1796, e é uma resposta ao texto de Fichte “Da faculdade de falar e da origem da linguagem”, que aborda justamente algo do qual Humboldt discorda – de que a linguagem é usada somente para expressar pensamentos previamente existentes.

LEMOS, Fabiano. Sobre reformas no sistema de ensino - Wilhelm von Humboldt: Introdução, tradução e notas

Esse artigo, além de apresentar a tradução das ideias de Humboldt “Sobre reformas no sistema de ensino”, traz uma introdução que contextualiza essas ideias historicamente e as explica em suas dimensões institucionais e conceituais.

Humboldt deu as bases para a reforma institucional e filosófica do sistema educacional alemão, cujos ideais vigoram até hoje. Ele, enquanto diretor do Departamento de Ensino Público do Ministério do Interior, fez inúmeros relatórios e propostas de caráter oficial, abordando a situação das escolas nos Estados prussianos. Como o estado prussiano estava em processo de modernização e descentralização política, essas reformas foram levadas a cabo.

Seus ideais reformatórios estavam pautados em três eixos, os quais permeavam todos os seus escritos: a linguagem (que representava o pensamento e a identidade do povo), a educação (que afirmava e construía essa identidade) e a política (que poderia efetivar esse projeto). Eixos esses que podem ser sintetizados no conceito humboldtiano *BILDUNG* – formação no sentido de integração natural da multiplicidade dos Estados, das culturas locais e dos indivíduos.

1.3.2 Os tradutores de Humboldt

Com exceção do tradutor Jesualdo Correia e dos autores/tradutores dos dois artigos, todos os demais tradutores têm alguma formação ligada à Letras ou Linguística, além de um amplo conhecimento da língua alemã, seja por origem ou por formação no exterior.

Jesualdo Correia, tradutor da obra completa **Os limites da ação do Estado**, é o que mais destoa dos demais tradutores: ele não tem experiências na área política ou com estudos sobre o próprio Humboldt e aparentemente também não tem nenhum conhecimento do idioma alemão, tanto é que sua tradução foi feita a partir da versão inglesa de J. W. Burrow (detalhe que será comentado mais adiante). Segundo seu currículo⁵, tem formação em línguas e culturas orientais, e profissionalmente atuou principalmente como tradutor e intérprete, além de algumas experiências como escritor, ensaísta e professor. Mas a tradução de Humboldt provavelmente vem da sua qualificação como *Expertise* em Livros Raros.

Os tradutores da coletânea bilíngue são Paulo Sampaio Xavier de Oliveira, Luiz Montez, Karin Volobuef, Markus J. Weininger, Álvaro Alfredo Bragança Júnior, Izabela Maria Furtado Kestler, Maria Aparecida Barbosa, Paulo Astor Soethe e Susana Kampff Lages. Não se discorrerá aqui sobre o perfil de cada um desses bravos tradutores, pois suas formações, de uma maneira ou outra, concentram-se na área de Letras, Linguística, Tradução, História e Literatura⁶. Por isso provavelmente todos já tiveram contato com as teorias de Wilhelm von Humboldt e/ou com a tradução de textos desse porte.

Os autores dos artigos, Antonio Segatto⁷ e Fabiano Lemos⁸, são da área de filosofia e já traduziram outros textos filosóficos, além de terem publicado vários textos sobre a filosofia alemã.

⁵ Disponível em: <http://www.jesualdocorreia.com/curriculum-vitae/>. Acesso em: 25 nov. 2015.

⁶ Informações retiradas dos respectivos currículos Lattes.

⁷ Informações retiradas do currículo Lattes.

⁸ Informações retiradas do site: <http://www.escavador.com/pessoas/7096680>. Acesso em: 22 nov. 2015.

Como pôde ser constatado acima, pode-se dividir os tradutores em três grupos – tradutor livre, tradutores da área de linguística e/ou tradução, e tradutores da área de filosofia. Assim os textos também podem ser relativamente classificados. Jesualdo Correia traduziu uma obra que não tem ligação alguma com as demais, a não ser o autor em comum. As obras que compõem as duas antologias estão focadas nas áreas de linguagem, literatura e tradução, e os artigos, mesmo abordando as teorias humboldtianas sobre linguagem e educação, apresentam um enfoque filosófico dessas.

1.3.3 Impacto dessas obras no Brasil

Lamentavelmente não foram encontrados nenhum texto, nenhuma resenha, nem mesmo alguma menção a essas traduções em algum artigo. Talvez por serem recentes. Talvez por Wilhelm von Humboldt não ser uma figura de renome aqui no Brasil. Ou talvez ainda por todos os tradutores ou críticos da tradução ficarem encantados e agradecidos por haver alguém que ousou traduzir esse autor, cujos textos são normalmente um tanto incógnitos.

Mas mesmo que não haja nenhum material que comprove o impacto desses textos no Brasil, far-se-á aqui uma análise das possíveis repercussões que elas poderiam ter e do possível público que elas poderiam atingir. Até porque são felizes os leitores que tiveram/têm/terão acesso a essas 13 obras traduzidas de Humboldt. Todas elas trazem um pouco do que esse “*pensador universal, espírito independente*” (SIPMANN, 2009) representou no seu tempo e continua representando hoje. Elas trazem os conceitos fundamentais dele em relação à linguística, ou mais precisamente à linguagem, à educação, à literatura, à tradução, à filosofia e aos seus ideais políticos. Conceitos estes que podem ser resumidos em três temas centrais de seus escritos: a função do Estado, a importância da formação do indivíduo para a organização da sociedade e o papel do estudo das línguas e das artes nessa formação.

Começando pela sequência em que as obras foram sintetizadas acima, a obra **Os limites da ação do Estado** revela o Humboldt estadista. Na verdade, se a definição de estadista é lida somente em sentido restrito, Humboldt não era uma

pessoa ativamente envolvida em conduzir os trâmites governamentais. Estadista aqui se refere a uma pessoa especialista nos princípios e na arte de governar, sem que tenha limitações partidárias. Justamente nesse ensaio sobre os limites do Estado, Humboldt argumenta que o poder do Estado deve ficar em segundo plano, pois ele pode impedir que cada pessoa goze da liberdade necessária para se constituir internamente como indivíduo pertencente a uma nação.

Se essa obra já foi lida por algumas pessoas, ela aparentemente não repercutiu sobre a forma como nosso Estado e nossa sociedade são organizados – somos demasiadamente controlados pelos nossos governantes em algumas esferas, como em relação às polícias, porém em outras há uma carência da presença do Estado, como na educação. Talvez a obra, caso fosse mais difundida, poderia provocar uma reflexão e, por conseguinte, um debate mais profundo acerca dos limites do governo, tanto no sentido de aplicar algumas ideias desenvolvidas por Humboldt, como no sentido de criticar outras, pois ele escreveu suas impressões em um contexto bem diferente da jovem democracia que temos aqui no Brasil.

Passando para a análise de um “outro” Humboldt, não foi por acaso que “Introdução a Agamêmnon” foi o texto escolhido para compor a antologia bilíngue dos **Clássicos da Teoria da Tradução** (2001). A obra tem impacto significativo entre seus leitores daqui, sobretudo entre os que lidam com os Estudos da Tradução. Para Humboldt, não existe “Teoria da Tradução”, mas sim, “Teoria da Linguagem”. Com essa afirmação, ele transcende, segundo palavras do próprio organizador da antologia (p. 11), “os limites estreitos de um pragmatismo tradutológico”, contradizendo inclusive outros célebres autores que defendem uma “teoria” para a tradução. Os leitores desse texto também encontram a máxima humboldtiana da tradução – que a tradução só alcança seu êxito quando o tradutor consegue fazer o leitor sentir o “estranho” do texto de origem, e se, ao invés do estranho sobressair a “estranheza”, o tradutor não está à altura da obra traduzida.

O impacto que a obra **Humboldt: Linguagem, Literatura, *Bildung*** tem por aqui tem relação, em primeiro plano, com o fato de ser uma edição bilíngue. Estando o original ao lado da tradução, o leitor terá a oportunidade de esclarecer eventuais dúvidas que surjam durante a leitura, pois, como se está descobrindo aos poucos, Humboldt não é um dos autores mais fáceis de serem traduzidos.

Se a seleção de textos teve alguma repercussão para o leitor brasileiro é difícil de saber. Talvez em partes. Por um lado, nem todos os textos são obras completas, o que pode diminuir seu crédito, pois não se tem a visão completa do que Humboldt quis dizer. Por outro lado, a particularidade de terem sido selecionados extratos de obras que abrangem diferentes áreas, como estudos da linguagem, literatura e tradução, é de inquestionável riqueza para pesquisadores desse autor, pois terão uma ideia da abrangência de seus estudos.

Por fim, os dois artigos podem impactar, além da área de filosofia, também a área da educação. Está-se falando especificamente do texto de Fabiano Lemos – “Sobre reformas no sistema de ensino”. Há mais de dois séculos, Humboldt escreveu projetos organizacionais e conceituais, que além de dar origem à Universidade de Berlim, provocaram uma mudança na forma de pensar a educação, que vigora em partes até o presente. Em outras palavras, Humboldt modernizou a pedagogia alemã mudando o conceito de educação ligado estritamente à *Erziehung* - educação como “uma atividade disciplinar cujo fim último deveria ser a transformação do homem em cidadão, ou seja, em um indivíduo útil à sua espécie” (LE MOS, 2011, p. 221) -, para uma educação como *Bildung*. Isso significa, na concepção de Humboldt, reintegrar em um processo unívoco e natural de formação tanto a cultura, a política e os conhecimentos. Entretanto, diferente do conceito anterior de educação, a *Bildung* não é uma formação para a sociedade, mas algo que acontece internamente, sem ser um meio para outro fim.

Provavelmente Fabiano Lemos viu a necessidade de colocar o público daqui em contato com essas ideias, para que criemos uma visão crítica da nossa própria formação acadêmica.

Já Antonio Segatto parece direcionar seu texto/sua tradução mais para leitores da área de filosofia, pois escolheu esse escrito por ser uma reação ao texto “Da faculdade de falar e da origem da linguagem” de Fichte. Possivelmente ao contrapor os dois filósofos, Segatto tem o objetivo de fazer o leitor refletir sobre o real papel da linguagem. Para Fichte, a linguagem serve somente para expressar um pensamento, e para Humboldt a linguagem não é um produto do pensamento (*Ergon*), mas uma atividade dele (*Energeia*), ou seja, por meio dela criam-se novos “conceitos”, novos “conteúdos”. Além da contraposição com Fichte, Segatto cita

ainda a máxima de Descartes – “Penso, logo existo”. Como consta nas palavras da sua apresentação,

Seja como for, não há como não reconhecer que Humboldt foi responsável, nas palavras de um de filósofo contemporâneo que reivindica a herança do autor, por desenhar os contornos de uma arquitetônica da linguagem que até hoje permaneceu decisiva para uma transformação pragmática da filosofia kantiana (2009, p. 195).

E se as traduções por si só (ainda) não tiveram impacto perante o público brasileiro, as teorias de Humboldt, principalmente como linguista, filósofo e pedagogo-reformador, sim. É o que se pode comprovar através de alguns artigos, cujas publicações irromperam a partir de 2008⁹. Há um artigo falando do Humboldt pedagogo-filósofo - "O ideal do processo formativo em Wilhelm von Humboldt (1767-1835) nos seus pressupostos teóricos em recepção do antigo pensamento filosófico" (BISPO, 2012). Outros dois dele como idealizador de uma universidade – “O projeto de Humboldt 1767-1835) como fundamento da pedagogia universitária” (ARAÚJO, 2009) e “A universidade da modernidade nos tempos atuais” (PEREIRA, 2009). E mais dois de uma mesma autora e publicados no mesmo ano, que apresenta sobretudo suas ideias como linguista – “Humboldt e a relação entre linguagem, ser humano e mundo: uma visão holística” e “Sobre o apagamento de Humboldt das teorias linguísticas modernas” (SEVERO, 2008).

Por fim, realmente ainda não se encontrou um número considerável de obras traduzidas de Wilhelm von Humboldt no Brasil. E o que foi abordado acima pode dar algumas pistas sobre essa lástima. Uma delas é dada abertamente pelo organizador dos **Clássicos da Teoria da Tradução** (2001). Ele credita aos escritos de Humboldt uma obscuridade, uma nebulosidade, que pode ser o motivo que dificultou a recepção desses textos já durante a vida do próprio Humboldt como até os dias de hoje. Essa pouca nitidez das ideias se deve ao fato de Humboldt não escrever “para um grande público, mas, de maneira bem aristocrata, em primeiro lugar para si mesmo e para o próprio benefício intelectual” (HEIDERMANN, 2001, p. 11).

Outro fato pertinente são os extensos paratextos das traduções. Estes podem nos levar a duas interpretações - ou esse filósofo é realmente quase desconhecido para o público brasileiro ou é preciso toda uma contextualização para entender suas ideias. Como exemplo, Lemos dedica um subtítulo inteiro ao regime de ensino

⁹ Não se dará atenção maior a esses artigos, uma vez que o foco são as traduções de Wilhelm von Humboldt.

alemão antes da reforma de Humboldt, pois somente assim se entende porque ele elaborou tais propostas. Os organizadores do livro **Humboldt: Linguagem, Literatura, Bildung** dedicaram 30 páginas a uma introdução, pois, segundo eles, sentiu-se “a necessidade imperiosa de proporcionar um contexto orientador de leitura para aqueles que ainda não se debruçaram sobre a filosofia linguística de Wilhelm von Humboldt” (2006, p. XVII). Também na obra **Os limites da ação do Estado** há uma introdução e uma nota à edição brasileira, uma introdução e uma nota do editor da versão americana, uma referência a outras obras de Wilhelm von Humboldt e ainda uma bibliografia seleta de outras obras que tratam desse filósofo.

Inclusive a última obra citada acima é intrigante e pode ser mais um argumento a favor da grande dificuldade que é traduzir Humboldt – a tradução estudada foi feita a partir da versão americana já traduzida por J.W. Burrow, como já foi citado acima, e não diretamente do escrito em alemão. Seu tradutor possivelmente também não é um estudioso de Humboldt, assim como já foi abordado durante o texto. E esses dois aspectos podem dispensar a essa tradução inclusive um certo ceticismo.

No entanto, tem-se a expectativa de que esses escritos sofram em algum momento alguma crítica de especialistas no assunto, assim como se espera que outras obras desse grande autor sejam traduzidas para o público luso falante.

2 TEXTOS FILOSÓFICOS

Talvez seja interessante iniciar uma exegese sobre o termo com a sua origem: do grego *φιλοσοφία* - "amor à sabedoria". Isso não significa que os filósofos são sábios por natureza; eles simplesmente têm um sentimento de curiosidade, uma ânsia em "saber". O que pode ser traduzido em uma procura por entender os papéis que o ser humano e outros seres têm no universo, tendo para isso o suporte dos fundamentos da realidade.

Para se ter uma noção de como o conceito evoluiu com o tempo, tomar-se-á a definição de dois renomados filósofos - um da Antiguidade, Aristóteles, e outro da atualidade, Anthony Quinton. Aquele foi o primeiro a dar uma definição de filosofia: "[...] é um saber (comportamento cognitivo) dos princípios supremos e mais universais (In. TUGENDHAT, 2006, p. 27). "[...] E tudo o que sabemos precisa ser fundamentado, senão não é saber" (p. 30). Já Quinton concede uma descrição minimalista de que filosofar significa pensar sobre o pensamento, mas também define o termo de forma pormenorizada: "a filosofia consiste em pensar racional e criticamente, de modo mais ou menos sistemático, sobre a natureza do mundo em geral (metafísica ou teoria da existência), da justificação de crenças (epistemologia ou teoria do conhecimento), e da conduta de vida a adotar (ética ou teoria dos valores)" (QUINTON. In.: HONDERICH, 1995, p. 666).

Logicamente há vários filósofos renomados entre os dois supracitados que também têm sua própria teoria acerca do que significa "filosofar". Em síntese é possível afirmar que a filosofia parece uma busca infinita e desregrada sobre qualquer assunto ou questão; e apesar disso soar desconexo, é a forma como cada filósofo compreende e interpreta as verdades do mundo. Aristóteles e Quinton já fornecem uma noção de como o conceito é amplo e pode mudar dependendo da fase histórica. E por essa amplitude, as ramificações foram acontecendo naturalmente. Ou seja, hoje pode-se estudar somente a filosofia da educação, por exemplo. Ou a filosofia da ciência, da matemática. Assim como a filosofia da linguagem, que foi a ramificação estudada pelo linguista aqui abordado – Wilhelm von Humboldt.

Caio Prado Junior, renomado político e historiador brasileiro, apresenta outro ponto de vista. Em seu livro **O que é filosofia?** mostra que não há na verdade um

conceito estanque do que venha a ser a filosofia. Logo no princípio do livro ele diz que “Não precisamos buscar na infinidade de conceitos de “Filosofia” (...) a incerteza e imprecisão que reinam e, sobretudo em nossos dias, no que concerne o objeto da especulação filosófica” (2007, p. 5). E ainda complementa dizendo que cada autor que tenta defini-la o faz de maneira diferente e muitas vezes até contraditória.

Até por isso não se objetiva aqui esmiuçar a definição do que significa “filosofar”. Mais meritório é falar do estilo de um texto filosófico, que já será um passo em direção à compreensão de como Humboldt quis transmitir seus pensamentos aos leitores.

A linguagem filosófica é permeada, segundo Jonathan Rée, de três aspectos: obscuridade, dialética e criações arbitrárias. Obscuro significa falta de clareza ou sentido, falta de certeza ou outros defeitos que possam comprometer a inteligibilidade do que está sendo dito. Esse aspecto é, para o citado autor, a qualidade que faz de um trabalho um clássico, pois a obra é naturalmente conduzida à reinterpretação. Isto é, não significa que o texto tem essa linguagem propositalmente, mas que é uma documentação sensível e talvez artisticamente elaborada. Até porque a leitura se torna muito mais interessante para o leitor, se este tenta desvendar a obscuridade do original.

Apart from positive obscurity, the other feature that distinguishes philosophy from other kinds of theorizing is that it is always more or less explicitly dialogical. It seeks not simply to state some worthy and notable truths but to present them in active negotiation with rival ideas, or even in open combat with them (RÉE, 2001, p. 227).

Ou seja, dialética não pode ser entendida como um simples diálogo; uma simples troca de informações. Ela acontece quando são apresentadas teses com o objetivo de estabelecer a verdade sobre algum tema em discussão. É como se fosse um jogo de perguntas e respostas, por meio do qual se procura alcançar a verdade. Trazendo esse conceito para o tema em questão, o filósofo apresenta argumentos bem fundamentados sobre suas ideias e os contrapõem, não objetivando convencer o interlocutor, mas fazendo com que ele reflita e encontre o caminho da verdade.

O terceiro aspecto levantado por Rée diz respeito às criações arbitrárias. Os filósofos podem criar expressões que para eles fazem bastante sentido, mas que para muitos leitores, que estão fora do seu mundo e, principalmente, longe da sua

época, são incompreensíveis. Para exemplificar essa arbitrariedade, Rée (2001, p. 229) cita Kant:

Even the notorious Kantian vocabulary of Apperzeptionen, Paralogismen, Amphibolien, Antinomien, Schematismen, and so forth, was not an arbitrary invention: Kant prided himself on building on the conceptual resources of Greek and Latin, rather than devising arbitrary names with no semantic tradition behind them.

Pode-se dizer que o filósofo “brinca” com as palavras para proporcionar uma maior interpretação por parte do interlocutor. Deveras as três características supracitadas exigem um leitor ativo. Um filósofo nunca dará uma resposta pronta ao leitor, até porque ele não a tem. As interpretações feitas pelo filósofo abrem caminhos para cada um compreender algumas coisas dentro da sua realidade.

Outra característica do texto filosófico é que ele não constitui um gênero textual específico, apesar de muitos partilharem da ideia de que ele é um texto argumentativo. O professor de filosofia Jorge Molina apresenta uma explanação interessante sobre essa variedade de gênero em seu artigo “A leitura dos textos filosóficos” (2006, p. 39). Segundo suas pesquisas, a filosofia já foi transmitida por meio de poemas (por Lucrecio), de diálogos (por Platão e Aristóteles), de cartas (por Leibniz), de apologias (por Platão, Santo Agostinho e Pascal), de aforismos (por Wittgenstein), entre outros. Ou seja, é praticamente impossível encaixar textos tão distintos sob o rótulo comum de textos filosóficos.

Podemos, então, afirmar o seguinte: parece difícil apontar a priori um conjunto de marcas necessárias e suficientes que outorguem uma especificidade ao texto filosófico. Não podemos definir o texto filosófico por meio de uma cláusula do tipo “texto filosófico é ABC... e somente aquilo que seja ABC... poderá ser chamado de texto filosófico”. (MOLINA, 2006, p. 40)

Friedrich Schlegel (1963) já discorreu há muitos anos sobre a indeterminação desse gênero. Para ele, como essa disciplina compreende outras áreas - política, religião, história, crítica, física, estética, matemática e poesia -, ela pode ser também transmitida de várias formas, como muitos filósofos fizeram e fazem. Porém ele é da opinião de que a filosofia surge da fundição da poesia com a prática. Em seus fragmentos “*Zur Philosophie*”, ele inclusive critica Spinoza e Leibniz pelo tom abstrato de suas obras (p. 563). Até por isso ele objetivava transmitir seus pensamentos não por meio de fragmentos, mas trabalhar literariamente (p. XIX), pois

[84] Die Poesie ist die Sonne in die sich alle Planeten der Kunst und Wissenschaft auflösen. φσ [Philosophie] kann schon darum nicht allgemeine WS [Wissenschaft] oder WSWS [Wissenschaft der Wissenschaft] sein, weil sie [Wissenschaft] ist; Poesie als Darstellung ist zugleich WS [Wissenschaft] und mehr als das(12) (p. 569).

Como um texto filosófico é, portanto, complexo de ser definido, cabe aqui talvez fazer uma comparação entre esses textos com outros, como os literários e os científicos. Começando por Roman Ingarden, que procura conceituar um texto filosófico traçando uma comparação entre filosofia e literatura. Os literários são o produto dos processos psicológicos do autor, ou seja, são meios de auto-expressão e retratam experiências artísticas criativas. Já os filosóficos são textos eruditos, acadêmicos; são o produto de intenções e procedimentos cognitivos de central interesse do seu autor em dada fase de sua vida. Sintetizando, eles servem para “(1) *registering the results of the cognitive process; [...] (2) passing the results to other people who, by performing cognitive functions, are thus (3) contributing their co-operation in cognizing the objects that the sentences of the scholarly work refer to*” (INGARDEN, 1991, p. 132).

Como literatura é, então, uma obra autônoma dotada de uma linguagem esteticamente elaborada, muitos devem ser da opinião de que traduzir literatura é mais difícil, pois a filosofia emprega, a princípio, uma linguagem mais lógica. Para refletir sobre isso, Paviani (2003) apresenta um artigo que interessantemente compara textos filosóficos e literários. Ele mostra as semelhanças e as diferenças entre eles, e conclui que há traços literários em textos filosóficos e que obras literárias também podem apresentar conteúdos filosóficos. Mas apesar de mostrar-se neutro em relação à dificuldade de traduzir um ou outro, deixa sobressair que os conceitos de significado e validade abordados em obras filosóficas “desafiam o leitor ou exigem dele uma atitude crítica frente às pretensões de validade levantadas no interior do texto” (p. 552). E na literatura essas pretensões não valem para o leitor, mas somente se aplicam para o desempenho dos personagens, por isso são “ilocucionariamente despotencializadas” (p. 552). Isso reflete tanto no ato da tradução do texto como na recepção dele, pois as críticas feitas no domínio literário caem sobre o texto, enquanto no texto filosófico a crítica dirige-se a aspectos do mundo. O que em outras palavras significa dizer que a atenção é voltada ao estilo do autor na literatura, enquanto na outra disciplina o foco é o próprio autor e suas teorias.

O mesmo autor também levanta outro aspecto que o tradutor precisa considerar. Enquanto a literatura se realiza no plano “ôntico”, ou seja, na vida real, na experiência vivida do ser, a filosofia trabalha no plano “ontológico”, na teoria, na essência do ser (p. 551). Detalhe que novamente abasta a dificuldade de traduzir esses textos, pois essa universalidade ou não-cientificidade exige que o filósofo muitas vezes use o recurso da “autobiografia intelectual”, em que os conceitos “aparecem envoltos em imagens, oferecem seu sentido a partir de cenas filosóficas ou situações que lhes determinam o horizonte de compreensão ou simplesmente oscilam entre o vivido e o abstrato” (op. cit., p. 553).

Mesmo não constituindo um gênero textual com marcas específicas, o teor argumentativo e reflexivo desses textos é inegável, o que poderia ser um fato que os assemelha a textos científicos. Um texto filosófico também é normalmente construído, estruturado de maneira lógica, mas a grande diferença está na metodologia empregada. Enquanto a Filosofia inicia uma investigação a partir de um problema do ou no mundo, ao redor e comum a todos os homens, a ciência pesquisa problemas não necessariamente comuns a todos, mas normalmente problemas de um grupo seleto de pessoas (cientistas). E essas pesquisas ocorrem normalmente em um laboratório, com objetos concretos, o que permite sua objetividade.

Visto de uma maneira um tanto mais negativa, Ortega y Gasset, mencionando possivelmente os textos científicos e/ou técnicos, diz que estes são “fáceis de traduzir”, pois o autor já abdicou de escrever de forma autêntica e escreveu em “uma pseudolíngua formada por termos técnicos, por vocábulos linguisticamente artificiais que ele mesmo necessita definir em seu livro. Em suma, ele se traduz a si mesmo de uma língua a uma terminologia” (2013, p. 9). Esses textos também são fáceis porque mundialmente, em qualquer língua, os dominadores dessa língua técnica já se entendem, isto é, os termos não variam muito.

As dificuldades surgem para o leitor ou o tradutor da obra, conforme o que foi explanado acima, quando estes não têm conhecimento suficiente acerca do assunto para conseguir compreender a obscuridade do escritor, a forma dialética como apresentou seus conceitos e sua linguagem repleta de criações arbitrárias. Especificamente para o tradutor que talvez esteja acostumado com outros gêneros

textuais, como textos literários ou científicos, aparentemente menos complexos por constituírem um gênero textual definido, trabalhar com textos filosóficos torna-se um grande desafio. Temática que será melhor abordada a seguir.

2.1 A TRADUÇÃO DESTES E SEUS DESAFIOS

Dizer que filosofia é uma busca “desregrada” da verdade, como afirmado acima, já deixa claro que a tradução desses textos é um desafio. Ortega y Gasset reforça esse desafio, inclusive fazendo jus à sua profissão – ele apresenta uma explicação filosófica do porquê da dificuldade de traduzir na verdade qualquer texto, partindo de dois questionamentos: toda língua consegue formular todo pensamento? Ou consegue fazê-lo com a mesma facilidade e imediatez? (2013, p. 26) E mais adiante ele mesmo afirma: “a língua não somente apresenta dificuldades à expressão de certos pensamentos, mas também estorva a recepção de outros, paralisa nossa inteligência em certas direções” (p. 27). E continua com uma ideia que parece ilógica em uma primeira leitura – por meio da tradução, quer-se dizer o que o texto na língua-fonte tende a silenciar (p. 29). Essa é uma característica de textos mais difíceis, em que o autor tenta representar seu pensamento autêntico em forma de palavras, peculiaridade de textos filosóficos.

Todavia há outros aspectos dignos de menção. O primeiro deles, e talvez um dos mais desafiadores, é a condição histórico-temporal, ou seja, todo texto, logo toda tradução, tem um contexto histórico anterior e um posterior. Assim como só é possível compreender um texto levando em conta o contexto histórico em que foi escrito, assim a obra traduzida também precisa trazer esse contexto para a linguagem atual, para que o leitor de hoje possa entender a ideia expressa. Explicação dada por Bykova em seu texto *Probleme der Philosophischen Übersetzung* (In.: FRANK et. al., 1993, p. 257): *„Man kann die historischen Zusammenhänge momentan aufheben, um die grammatischen und lexikalischen Aspekte systematisch besser ansehen zu können. Am Ende muss der Text seinen historischen Platz einnehmen“*(13). Como exemplo, a autora cita uma tradução de Kant para o inglês. Na época dele, a palavra *Gemüt* era possivelmente comum a

todos, mas não há uma tradução simples para o inglês, pois pode significar índole, temperamento, ânimo, caráter, alma, coração, mente etc.

Complementando a ideia acima, a mesma autora alega que, em um texto filosófico, mundo e língua se fundem para determinar a existência humana. Por isso é necessário conhecer o “mundo”, a realidade em que o filósofo viveu para entender o que quer expressar por meio de palavras: „*Die Dialektik der Beziehung und Bewegung von Sprache und Welt bildet nun den inhaltlichen Raum eines philosophischen Textes, den Raum, der innerhalb konkreter Epochen und Kulturüberlieferungen von jedem Philosophen konkreter geformt wird*“ (14) (p. 249). Argumento reforçado por Ortega y Gasset (2013, p. 37): “As línguas nos separam e incomunicam, não porque sejam, enquanto línguas, diferentes, mas porque procedem de quadros mentais diferentes, de sistemas intelectuais díspares, em última instância, de filosofias diferentes”.

Ainda segundo Ortega y Gasset, falar em contexto histórico anterior e posterior é na verdade uma forma branda de dizer que nossa língua é anacrônica, ou seja, se o indo-europeu, criador do nosso idioma, expressava em palavras literais o que pensava, definindo inclusive um gênero para cada coisa por alguma explicação lógica para ele ou montando uma frase com um agente (substantivo) e uma ação (verbo), hoje não dizemos mais literalmente o que pensamos, mas nós temos formas simbólicas de expressar nossos pensamentos (2013, p. 38) – por exemplo: “Hoje eu tive um dia do cão” não significa ir passear com o cachorro, nem ter um dia parecido com o de um cão, mas significa ter um dia difícil.

Para situar o leitor, ou mais especificamente o tradutor que quer entender melhor seus desafios, dar-se-á aqui um exemplo concreto de como esse aspecto temporal exige uma pesquisa aprofundada da época. O grandioso filósofo Hegel, influenciado pelas transformações emancipatórias depois da Revolução Francesa, escreveu em sua obra **A Razão na História** (2001), que as coisas acontecem racionalmente na história do mundo. Isso possivelmente foi um reflexo das transformações positivas da época, mas não se pode mais afirmar isso depois do Holocausto ou depois dos assombrosos feitos do Estado Islâmico.

Também o fator espacial contribui para a árdua tarefa da tradução dessas obras. Traduções de textos europeus são mais difíceis por dois motivos: a) a proximidade das línguas tradicionais possibilitou (e possibilita) o intercâmbio entre

mais de duas línguas. Ou seja, caso o tradutor já se sinta seguro em dominar a língua-fonte e a língua-alvo, em certos textos isso não é suficiente. Rée (2001, p 230-231) explica que esse fato se originou no Renascimento e triunfa até hoje: “*The European philosophical tradition is thoroughly multilingual, therefore, perhaps to a greater degree than any other intellectual discipline. Almost without exception, its major practitioners have been able to read several languages, and many have written in more than one*“. E b) as traduções de filosofia europeias seguem uma tradição paradigmática, além das interações linguísticas serem antigas e, logo, sedimentadas – e o filósofo parece esperar que o leitor reconheça isso (RÉE, 2001, p. 245-246): “*Under these conditions, the philosophical translator can hardly make any move at all without colliding with some obstacle or other: almost every translation will be, in some perspective, quite definitely wrong*“.

Novamente situando o leitor e/ou tradutor, eis um exemplo do texto de Heidegger, que “exige” um conhecimento tanto de alemão, língua-base de seu texto, quanto conhecimento das línguas clássicas da filosofia - grego e latim:

1. Das »Sein« ist der »allgemeinste« Begriff: τὸ ὄν ἐστὶ καθόλου μάλιστα πάντων. *Illud quod primo cadit sub apprehensione est ens, cuius intellectus includitur in omnibus, quaecumque quis apprehendit.* »Ein Verständnis des Seins ist je schon mit Inbegriffen in allem, was einer am Seienden erfaßt.«² Aber die »Allgemeinheit« von »Sein« ist nicht die der Gattung. »Sein« umgrenzt nicht die oberste Region des Seienden, sofern dieses nach Gattung und Art begrifflich artikuliert ist: οὔτε τὸ ὄν γένος⁽¹⁵⁾ (HEIDEGGER, 1967, p. 3).

Os textos contemporâneos, principalmente os brasileiros, já apresentam menos termos clássicos, ou apresentam-nos acompanhados de uma tradução. Porém termos em inglês, que é considerada língua universal, já aparecem com mais frequência. Como o texto “Aristóteles: os quatro discursos”, do filósofo brasileiro contemporâneo Olavo de Carvalho – há termos mantidos em grego, porém com tradução logo em seguida, e termos em inglês:

(a) O discurso poético versa sobre o *possível* (δυνατός, *dínatos*), dirigindo-se sobretudo à imaginação, que capta aquilo que ela mesma presume (εἰκαστικός, *eikástikos*, “presumível”; *eikasia*, *eikasia*, “imagem”, “representação”) [...] Aristóteles, em suma, antecipa a *suspension of disbelief* de que falaria mais tarde Samuel Taylor Coleridge¹⁰.

¹⁰ Trecho retirado do blog do próprio autor - <http://www.olavodecarvalho.org/livros/4discursos.htm>. Acesso em: 01 dez. 2006.

Além de haver uma diferença intercontinental na linguagem filosófica, ou seja, uma diferença entre textos de países tradicionais (europeus), e textos contemporâneos, pós-coloniais ou não-europeus, há grandes diferenças relativas à pessoa que escreve – o filósofo. Essa escrita pode variar dependendo da linguagem usada, mas também pode estar relacionada ao modo de vida do filósofo, pois alguns transferem para o texto suas vivências. Todavia parte-se sempre do pressuposto de que cada autor escreve seus textos com a intenção de que sejam lidos e/ou estudados, ou seja, com o propósito de difundir as ideias refletidas. Alguns conseguem fazê-lo de uma forma bastante acessível, como o inglês John Locke, mas outros escrevem de forma "truncada", como Kant e Heidegger. E muitas vezes essa linguagem também é obscura, como nos textos do filósofo aqui em estudo.

David Hume também aborda a liberdade que cada filósofo tem para “pintar” sua obra da maneira que lhe melhor convém:

As virtue, of all objects, is allowed to be the most valuable, this species of philosophers paint her in the most amiable colours; borrowing all helps from and eloquence, and treating their subject in an easy and obvious manner, and such as is best fitted to please the imagination, and engage the affections (1748, p. 1).

Mas Nietzsche é um tanto mais extremo, dizendo que filósofos escrevem para filósofos ou pelo menos para conhecedores do assunto:

Não queremos apenas ser compreendidos ao escrever, mas igualmente não ser compreendidos. De forma nenhuma constitui objeção a um livro o fato de uma pessoa achá-lo incompreensível: talvez isso estivesse justamente na intenção do autor — ele não queria ser compreendido por “uma pessoa”. Todo espírito e gosto mais nobre, quando deseja comunicar-se, escolhe também os seus ouvintes; ao escolhê-los, traça de igual modo a sua barreira contra “os outros”. Todas as mais sutis leis de um estilo têm aí sua procedência: elas afastam, criam distância, proíbem “a entrada”, a compreensão, como disse — enquanto abrem os ouvidos àqueles que nos são aparentados pelo ouvido (2001, p. 284).

Um bom exemplo, que não se encaixa no extremo de Nietzsche, mas que ilustra o fato de que cada autor tem seu estilo de transmitir seus pensamentos, é Sigmund Freud. É de conhecimento geral que as primeiras traduções de suas obras para o inglês e francês são bastante distorcidas da versão original. Inclusive o que se conhece sobre Freud no Brasil provém da tradução inglesa. Freud não usava termos técnicos para explicar suas descobertas; ele buscava algo além de acrescentar mais e mais conceitos, regras e axiomas ao que se sabia sobre psicanálise até então. Um excelente exemplo encontrado em sua obra “Über

Psychotherapie”, mostra como ele faz uso da arte, mais especificamente de Leonardo da Vinci, para explicar sua teoria. Para ele, um psicoterapeuta faz com seu paciente o que da Vinci faz com suas esculturas:

die Skulptur dagegen geht per via di levare vor, sie nimmt nämlich vom Stein so viel weg, als die Oberfläche der in ihm enthaltenen Statue noch bedeckt. Ganz ähnlich, meine Herren, sucht die Suggestivtechnik per via di porre zu wirken, sie kümmert sich nicht um Herkunft, Kraft und Bedeutung der Krankheitssymptome, sondern legt etwas auf, die Suggestion nämlich, wovon sie erwartet, daß es stark genug sein wird, die pathogene Idee an der Äußerung zu hindern. Die analytische Therapie dagegen will nicht auflegen, nichts Neues einführen, sondern wegnehmen, herauschaffen, und zu diesem Zwecke bekümmert sie sich um die Genese der krankhaften Symptome und den psychischen Zusammenhang der pathogenen Idee, deren Wegschaffung ihr Ziel ist(16) (FREUD, 1972, p. 13).

Partindo para uma análise mais estrutural, é preciso levar em consideração que os textos filosóficos não são formados por estruturas gramaticais que querem nos dizer algo de forma literal. Eles apresentam, ao invés de termos claros e simples frases, conceitos que representam a dimensão de uma cultura. Tomamos essa consideração novamente de Bykova (In.: FRANK et. al., 1993, p. 248):

Der philosophische Text repräsentiert eine inhaltliche Dimension der Kultur, die in der Sprache der Begriffe vor uns tritt. (...) Diese Begriffe sind keine leeren konventionellen Formeln, sondern konkrete Sinnstrukturen – Träger tatsächlicher Gedanken. (...) Jedem Wort, jedem Sprachzeichen entspricht ein konkreter Topos der Welt.(17)

A reflexão do próprio Humboldt acerca dos conceitos e das imagens que cada palavra evoca clarifica o que Bykova diz. Segundo ele, como a linguagem externa uma atividade mental, ou seja, um pensamento, ela varia de ser para ser - “a língua é, ao mesmo tempo, veículo do pensamento, instrumento do pensamento, instrumento da apreensão do caráter da nação e o próprio “mundo” intersubjetivo que liga as operações internas ao mundo exterior” (In.: GONÇALVES, 2008, p. 55). Se dentro de uma mesma língua já há conceitos diferentes, estar em contato com outras línguas significa ter um modo diferente de acessar a realidade existente, o que permite ao interlocutor o acesso a diferentes “cosmovisões”.

Aproximando essa reflexão do tema aqui abordado e exemplificando mais esse desafio ao leitor/tradutor de filosofia, tem-se novamente um exemplo de Heidegger que, com seus conhecimentos e sua visão de mundo, escreveu uma obra de grande renome – **Ser e Tempo** - em que discorre sobre o termo *Dasein*: “Die

Interpretation des Daseins auf die Zeitlichkeit und die Explikation der Zeit als des transzendenten Horizontes der Frage nach dem Sein”(18) (1967, p. 41). Esse termo, mas também toda a oração, precisa ser primeiramente decodificado pelo leitor/tradutor a nível linguístico. O que poderia significar literalmente “estar/ser aí”. Mas essa palavra possui também um caráter subjetivo, ou seja, o leitor/tradutor precisa mergulhar no contexto do autor, ou seja, na sua realidade histórica e espacial e tentar compreender o conceito que está por trás da palavra usada. Consciente da problemática, o próprio Heidegger já tentou explicar o que quer dizer com *Dasein*: “*Da-sein*” é uma palavra chave no meu pensar, por isso ela é causa de graves erros de interpretação. “*Da-sein*” não significa para mim exactamente “eis-me” mas se é que me posso exprimir num francês impossível: “*ser-o-aí*” e “*o-lá*” significa exactamente *Ἀλήθεια*, desvelamento-abertura (HEIDEGGER, 2005, p. 89). E o papel de um tradutor vai além, pois ele precisa então representar esse mesmo conceito ao seu leitor, porém utilizando-se de palavras que representam claramente o conceito a ser compreendido. Foi o que a tradutora Marcia Sá tentou fazer em sua versão de **Ser e tempo**, traduzindo o trecho apresentado acima: “A analítica ontológica da pre-sença como liberação do horizonte para uma interpretação do sentido do ser em geral” (op. cit., p. 42). Ou seja, ela optou por traduzir *Dasein* como “pre-sença”, justificando em uma nota sua escolha:

Pre-sença não é sinônimo de existência e nem de homem. A palavra *Dasein* é comumente traduzida por existência. Em **Ser e Tempo**, traduz-se em geral, para as línguas neolatinas pela expressão “ser-aí”, *être-là*, *esser-ci*, etc. Optamos pela tradução de pre-sença pelos seguintes motivos: 1) para que não se fique aprisionado às implicações do binómio metafísico essência-existência; (...) 2) para superar o imobilismo de uma localização estática que o “ser-aí” poderia sugerir. O “pre” remete ao movimento de aproximação, constitutivo da dinâmica do ser, através das localizações; 3) para evitar um desvio de interpretação que o “ex” de “existência” suscitaria caso permaneça no sentido metafísico de exteriorização, atualização, realização, objetivação e operacionalização de uma essência. O “ex” firma uma exterioridade, mas interior e exterior fundam-se na estruturação da presença e não o contrário; 4) pre-sença não é sinónimo nem de homem, nem de ser humano, nem de humanidade, embora conserve uma relação estrutural. Evoca o processo de constituição ontológica de homem, ser humano e humanidade. É na pre-sença que o homem constrói o seu modo de ser, a sua existência, a sua história etc. (Nota N1 de Márcia de Sá Cavalcante, In.: HEIDEGGER, 2005, p. 309).

Até pelo tamanho da nota acima, vê-se a trabalhosa tarefa do tradutor, pois muitas vezes precisa-se justificar a escolha de um e não de outro termo, pois as críticas podem ser inúmeras.

Um outro aspecto a ser observado na amplitude dessa tarefa é que cada língua tem uma forma interna, por isso, cada leitura será uma interpretação diferente da obra. Novamente recorre-se aqui a Humboldt, pois em vários de seus textos ele discorre sobre essa forma interna. Ela constitui todos os pormenores da análise linguística, começando pelos morfemas, que se combinam para significar algo, até a estrutura frasal e textual como um corpo todo. E por isso, cada pessoa, e conseqüentemente cada língua, estabelece uma relação única com a realidade. O que quer dizer, segundo Gonçalves (2008, p. 59), que cada falante tem uma impressão única de cada palavra, e esta impressão depende

de noções de simbolismo fonético, das associações que ela [a palavra] estabelece inconscientemente com outras palavras da língua, com momentos exclusivos de uso daquela palavra proporcionados tanto pela própria língua quanto pela experiência individual daquele falante com aquela palavra e seu campo de relações.

Argumento reforçado por Ortega y Gasset, que inclusive critica os dicionários e diz ser utópico o fato de duas palavras de dois idiomas diferentes serem traduzidas de tal forma a representarem o mesmo objeto, pois “Uma vez formadas as línguas em paisagens diferentes e por conta de experiências distintas, é natural a sua incongruência” (2013, p. 12).

Curiosamente pode-se usar o próprio termo “forma interna” para exemplificar ao leitor/tradutor a dificuldade do seu trabalho referente a esse aspecto. Caso se coloque esse termo em algum *site* de busca, já aparecem diferentes concepções, diferentes ramos em que ele é utilizado. Por exemplo no *Google*¹¹, logo há referências à forma interna de comunicação de uma empresa, à forma interna de um teatro, um romance, à forma interna dos negócios, à *innere Sprachform* de Humboldt, e alguns *sites* que fornecem outras traduções.

Apesar dos argumentos apresentados acima suporem que será difícil o tradutor encontrar algum material que o ajude em sua árdua tarefa, ele ainda recorre às várias ferramentas existentes, como *softwares* (por exemplo o CAT – *Computer-assisted Translation*) e outros aplicativos, e seu braço direito ainda acaba sendo o dicionário. Mas será que esses materiais são adequados a essa tradução, uma vez que os dicionários, por exemplo, normalmente honram a língua padrão nacional, não apresentando os diversos estrangeirismos, neologismos e, principalmente, termos

¹¹ Pesquisado em 02 dez. 2016.

específicos presentes em obras filosóficas? Segundo Rée, eles não são de grande ajuda, pois suas características:

(...) makes national dictionaries peculiarly unhelpful for the study of philosophical words, if not positively obstructive. The vocabularies of philosophy - in large part constituted by translation, and constandy recalibrating them selves across the boundaries that are supposed to divide national languages - are exactly what they turn their blind eye to. For the language of philosophy is not a mighty tree, immovable and reassuringly familiar; it is flocks of strange birds, dispersing and regrouping, landing for a moment, and then flying away (RÉE, 2001, p. 253).

Novamente Ortega y Gasset reforça sua crítica aos dicionários explicando que *bosque* do espanhol e *Wald* do alemão não querem dizer a mesma coisa, mesmo que esse seja o equivalente apresentado em dicionários. Ele conclui que “a clara intuição da enorme diferença existente entre as duas realidades é tão grande, que não somente elas são de sobra incongruentes, mas praticamente todas suas ressonâncias intelectuais e emotivas” (2013, p. 12).

Um termo comum tanto na obra de Humboldt, como também na de outros filósofos, como Kant, Hegel e Descartes, é o termo “*geistig*”. Na busca do verbete em dois dicionários de renome - **DUDEN** impresso (1989) e online (<http://www.duden.de/>), e **WAHRIG** (2011), apareceram os seguintes resultados:

No **DUDEN**, tanto na versão impressa como na online, *geistig* apresenta três significados: 1) a capacidade cognitiva ou intelectual de alguém; 2) característico de tudo que existe só em pensamento, no âmbito espiritual; 3) característico do que é alcoólico – “*geistige Getränke*”. Já o **WAHRIG** registra somente dois significados: tudo que se relaciona ao mental e ao intelectual; e o que caracteriza uma pessoa inteligente - “*ein geistiger Mensch*”.

Talvez um tradutor sem larga experiência traduza-o logo como espiritual ou intelectual a partir do dicionário. Mas é preciso verificar qual das duas traduções se encaixa melhor no contexto da obra, ou até mesmo verificar se *geistig* não está sendo usado no sentido religioso, como eclesiástico, o que inclusive nem aparece nos dicionários supracitados, mas muitas vezes é usado como sinônimo de *geistig* – *geistlich*.

Um outro desafio encontrado não só em textos filosóficos, mas em textos de qualquer estilo, são as diferenças quanto à estrutura frasal de cada idioma. Dificuldade já encontrada por qualquer estudante de uma língua estrangeira, que se confronta com frequência com frases incompreensíveis, mesmo entendendo

literalmente o que cada termo da frase significa. Entretanto um estudante precisa se debruçar sobretudo com a compreensão do enunciado, enquanto o tradutor tem uma dupla tarefa: compreender a estrutura na língua-fonte e torná-la compreensível na língua-alvo. Roman Ingarden (1991) ocupa-se com esse tema e alerta que a simples substituição de termos de uma língua para outra pode “*often changes the sentence’s dynamics and, consequently, the clarity or opacity of sentence structure, its expressiveness, etc.*” (p. 157). E ele vai adiante com exemplos concretos inclusive sobre a língua aqui em análise: o alemão tem uma ordem rigorosamente fixada, enquanto a ordem das palavras em outros idiomas, como no grego e no polonês, são relativamente soltas (p. 157-158).

Ainda quanto à estrutura frasal, a língua alemã também tem a possibilidade e a característica de usar frases longas: “*So called “long sentences” are used frequently in German literature even by very acclaimed authors and stylists, and in many cases, they do not constitute stylistic “erros”, nor are they marked in German by “heaviness” that the non-Germans who read or translate them complain about*” (INGARDEN, 1991, p. 158). Estruturas que não podem ser escritas da mesma forma em outra língua, pois o sentido será claramente comprometido. Especificamente em relação a essas frases longas, ousa-se dizer que justamente a tradução destas, ou seja, o sentido expresso em sentenças mais curtas, facilita sua compreensão. É a sugestão dada pelos professores de tradução Nomura e Azenha em um dos artigos aqui estudados – eles sugerem fazer um processo de redução do texto-fonte, criando uma espécie de texto-andaime, “no qual todo o sistema de relações sintáticas estivesse reconstruído de forma mais simples e mais visível (2009, p. 234).

Aproximando o leitor do que aqui está sendo explanado, pode-se na verdade fazer uso de qualquer escritor, pois esse tipo de estrutura é realmente corriqueiro na literatura alemã. Mas focar-se-á mais uma vez em textos filosóficos, quer seja, em Arthur Schopenhauer. Em seu texto “*Über Sprache und Worte*” (In.: HEIDERMAN, 2001, p. 166), ele afirma em dada parte:

In allen Fällen, wo in einer Sprache nicht genau der selbe Begriff durch ein bestimmtes Wort bezeichnet wird, wie in der andern, giebt das Lexikon dieses durch mehrere einander verwandte Ausdrücke wieder, welche alle die Bedeutung desselben, jedoch nicht concentrisch, sondern in verschiedenen Richtungen daneben, wie in der obigen Figur, treffen, wodurch die Gränzen abgestreckt werden, zwischen denen er liegt: so wird man z.B. das lateinische „honestum“ durch wohlänständig, ehrenwerth, ehrenvoll, ansehnlich, tugendhaft u.s.w. umschreiben.

Traduzindo literalmente, ter-se-ia uma frase longíssima e com certeza sem sentido. O início dela já soaria mais ou menos assim: Em todos os casos, nos quais em uma mesma língua não exatamente o mesmo conceito por meio de uma palavra específica é designado, como em uma outra, etc. Ou seja, a tradutora Ina Emmel teve que tomar algumas atitudes quanto à estrutura desse excerto, partindo-o por exemplo em três frases:

Em todos os casos em que numa determinada língua um determinado conceito não é designado por uma palavra específica, tal como acontece em uma outra, o léxico se encarrega de oferecer várias outras expressões semelhantes entre si, não de forma concêntrica, mas em várias direções paralelas conforme demonstrado graficamente acima. Ele se encarregará também de demonstrar onde se encontram os limites do paralelismo. Por exemplo, para *honestum* em latim, em alemão o léxico apresentaria *wohlanständig, ehrenwerth, enhrenvoll, ansehnlich, tugendhaft* etc. (op. cit., p. 167).

E questões de estrutura são alguns dos maiores desafios dos tradutores de Wilhelm von Humboldt, porém essa parte será melhor explicada no dois próximos capítulos.

Até então foram abordados somente aspectos a serem considerados antes ou ao longo da tradução, porém o profissional dessa área ainda terá obstáculos depois da tarefa cumprida, quer seja nas editoras. Estas exigem normalmente algumas questões de natureza técnica e burocrática que não condizem com um texto filosófico escrito há duzentos anos ou mais. Por exemplo a aplicação de normas da ABNT a uma citação de Aristóteles. Por isso é importante que o tradutor acompanhe seu texto também durante a revisão e composição final, não permitindo que nada seja alterado sem sua concordância. Mas como a dissertação atual contempla mais o processo de tradução mesmo, não se aprofundará aqui esse tema.

Sintetizando, a linguagem filosófica pode ocasionar uma dificuldade natural para quem se propõem a ler esses textos despreparadamente. O tradutor precisa, por isso, estar pronto “filosoficamente” para compreender os conceitos usados em determinado texto, o que exige dele uma carga de leitura suficiente, tanto de outros textos do mesmo autor, como de outras obras da mesma época, para assimilar com mais facilidade o conteúdo. Tarefa que será aprofundada a seguir.

3 O PAPEL DO TRADUTOR DE FILOSOFIA

Para iniciar essa discussão sobre o papel do tradutor, algumas constatações são importantes: ainda existem muitos analfabetos no mundo; ainda existem pessoas leigas, que conseguem entender um texto com dificuldade; ainda existem aqueles que mal conseguem se comunicar corretamente em sua língua materna; logo, existem poucos que dominam uma língua estrangeira, e mais raros ainda são os políglotas. Relacionando ao que está sendo proposto nesse artigo, existem poucas pessoas que já tiveram contato com textos filosóficos, e das que tiveram, provavelmente há poucas que os entenderam na íntegra. O que se espera, partindo das premissas acima, de um tradutor de textos filosóficos?

Como é óbvio, então, que são poucos os que têm acesso a esse tipo de textos, julga-se importante falar um pouco de sua importância. Até porque se um estudo praticado já há tantos séculos (aparentemente surgiu em VI a.C.) ainda está tão vivo, ele deve ter uma utilidade na vida das pessoas.

As palavras de Caio Prado Junior em seu livro **O que é filosofia?** (2007) já fornecem uma ideia da relevância dessa área. Ele tenta explicá-la comparando-a com a ciência. Enquanto esta é um conhecimento sistematizado de um experimento da vida real, a filosofia é o conhecimento do conhecimento. Enquanto a ciência trabalha com dados empíricos, a filosofia trabalha com ideias, representações mentais acerca dos dados colhidos. Ou seja, uma complementa a outra.

Mas a filosofia é muito mais do que uma simples reflexão sobre determinados acontecimentos ou problemas. Ela é útil para os que querem se conhecer e entender de onde vêm as ideias que estão em sua mente; “ela é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 10). Ou seja, usando-se dela, o ser humano pode analisar criticamente as atitudes e práticas adotadas na própria vida, podendo, se julgar necessário, mudá-las.

Pela magnitude dessa disciplina, decidiu-se reintroduzi-la ao conteúdo programático do Ensino Médio. Talvez os estudantes, por terem somente entre 15 e 17 anos, não conseguirão nesse momento formar, inventar e fabricar conceitos para a sua vida. Mas pelo fato de essa disciplina carregar os mais altos pensamentos racionais sobre o que é essencial, universal e verdadeiro, é imprescindível familiarizar-se com este conteúdo o quanto antes.

O estudo da filosofia também complementa o estudo da história, pois os alunos estudam a época das descobertas marítimas, estudam o Império Romano e o poder absoluto da igreja naquela época, estudam a Reforma Protestante, mas não conseguem entender que todos esses assuntos estão interligados e contribuíram para a promoção da filosofia e, por conseguinte, alteraram sobremaneira o que se conhece hoje como sociedade. Explicando melhor, essa disciplina desabrocha quando o homem chega a novos mares, novas terras, novas culturas, que lhe permitiram ter uma visão crítica da sociedade em que vivia. Nessa época, as críticas à igreja tomam tamanha proporção, que culmina na Reforma Protestante, baseada na ideia de liberdade de pensamento. Fato que tem reflexo ainda nos dias atuais.

Os estudantes também estudam meses e meses a Revolução Francesa, mas é talvez só nas aulas de filosofia que entenderão que os ideais do Iluminismo foram decisivos para o início da Revolução. Ou seja, os filósofos dessa época descobrem e doutrinam sobre o poder da razão. Por meio dela, o homem pode conquistar a liberdade e a felicidade, pode evoluir e progredir por meio do pensamento. Nessa época, descobre-se ou entende-se que na natureza há leis de causa e efeito, leis universais e imutáveis e que a liberdade reside na civilização, em que os homens são moral, técnica e politicamente livres.

Para entender melhor todos esses acontecimentos, para entender o mundo em que se vive atualmente ou simplesmente pelo encantamento pela filosofia, alguns estudantes optam em ler as principais obras ou até mesmo decidem cursar filosofia na Universidade. Evidentemente esses mesmos teriam vontade de ler o filósofo em sua versão original, mas como poucos dominam o grego para ler Platão ou Aristóteles, ou alemão para ler Hegel ou Kant, ou até mesmo o conhecimento de francês e inglês não é suficiente para ler Descartes ou Sartre, Locke ou Hume, o papel do tradutor é essencial.

Sabe-se que as possibilidades desse profissional são infinitas, e por vários motivos – entre o texto-fonte e o texto-alvo há um mundo de diferenças, como já teorizado anteriormente; traduzir clássicos europeus para uma língua neolatina como o português exige “olhos multilíngues”, como afirma Jonathan Rée (2001, p. 235): “[*European philosophy*] has to be read, and translated, with multilingual eyes as well”. Inclusive essa frase metafórica elucida a amplitude da tarefa do tradutor – esses “olhos multilíngues” não se referem somente à parte da visão, nem o

multilíngue quer dizer aqui somente a domínio de idiomas. Rée simplifica nesses termos não só o que foi apresentado até agora sobre textos filosóficos e seus desafios, mas também sobre o enigma que é a figura e principalmente os escritos de Wilhelm von Humboldt.

Esmiuçando melhor a teoria de Rée, essa multiplicidade é exigida do tradutor, pois o autor do texto já escreveu baseado em várias línguas, várias leituras feitas, ou seja, múltiplo conhecimento de mundo. Ele aliás faz uma interessante analogia com o amor. Este não acontece unicamente entre um casal; ele é influenciado também pela família de cada pessoa: “*In the same way, no linguistic coupling can take place in philosophy without the quarrel some and insistent involvement of the rest of the family*” (op. cit.) – até mesmo quando estes já estão mortos – como é o caso do latim e do grego.

Transpondo essa explanação para o filósofo em estudo, viu-se já em sua biografia as várias influências que ele teve, seja das mais de 30 línguas estrangeiras com as quais teve contato, seja por meio das renomadas pessoas que faziam parte do seu círculo de amizades, seja pelas inúmeras áreas de interesse que estudava, seja pelas experiências profissionais que teve ou pelas inúmeras viagens exploratórias realizadas. Humboldt se tornou uma figura excepcionalmente erudita para sua época, e como nem tudo estava esclarecido para ele, principalmente no que tange à linguagem, iniciou um processo de auto clarificação de determinados conceitos, que ficou então conhecida como sua filosofia da linguagem.

Para discorrer, então, sobre o papel do tradutor de uma figura como Humboldt, ou de outros textos filosóficos, far-se-á uso aqui das teorias de Walter Benjamin, das quais é impossível abdicar quando se discorre sobre o assunto. ***Die Aufgabe des Übersetzters*** é um texto escrito em 1923 em Heidelberg, Alemanha, como prefácio às suas próprias traduções dos ***Tableaux Parisiens*** de Baudelaire, e serve como uma espécie de Bíblia para o tradutor.

Benjamin começa seu discurso afirmando que uma obra de arte, um romance, uma composição não são concebidos para um público específico - “*Nirgends erweist sich einem Kunstwerk oder einer Kunstform gegenüber die Rücksicht auf den Aufnehmenden für deren Erkenntnis fruchtbar. [...] Denn kein Gedicht gilt dem Leser, kein Bild dem Beschauer, keine Symphonie der Hörerschaft*”(19) (BENJAMIN. In.: HEIDERMANN (org.), 2001, p. 188), justamente porque a essência de uma arte está

no seu mistério, na sua poética. Da mesma forma, uma tradução também não pode ser direcionada a um leitor específico, e se o faz, torna-se uma má tradução.

Traduzir é, portanto, fazer ecoar o original na língua em questão; é dar vida ao original ou garantir sua sobrevivência ao longo dos anos; é fazer com que o original alcance “*seine erneute späteste und umfassendste Entfaltung*”(20) (op. cit., p. 194).

E isso é possível pelo fato de tradução ser, para ele, uma forma. Enquanto o escritor de determinado texto usa uma forma própria para exprimir um sentido, o tradutor usa outra forma para exprimir o mesmo sentido do original. Ou nas palavras do próprio Benjamin (op. cit., p. 203):

Die Übersetzung aber sieht sich nicht wie die Dichtung gleichsam im innern Bergwald der Sprache selbst, sondern außerhalb desselben, ihm gegenüber, und ohne ihn zu betreten, ruft sie das Original hinein, an denjenigen einzigen Ort hinein, wo jeweils das Echo in der eigenen den Widerhall eines Werkes der fremden Sprache zu gehen vermag.(21)

O que é melhor explicado pelo filólogo brasileiro Mauri Furlan, um pesquisador de Benjamin. Ele interpreta “*die Aufgabe*” de Benjamin como uma “missão”, em que o tradutor trans-**forma** a arte do original em outra língua. E continua sua reflexão alegando que o tradutor não tem a missão de criar uma nova obra, mas sim de re-criar uma criação pré-existente – “A obra (*Dichtung*) do poeta (*Dichter*) é fruto do poetizar (*dichten*). O tradutor (*Übersetzer*) deve re-poetizar (*umdichten*) para re-criar aquela obra (*Umdichtung*). O tradutor torna-se, pois, re-poetizador (*Umdichter*)” (FURLAN, 1996, p. 101).

O mesmo autor ainda vai adiante em sua análise do texto de Benjamin e faz uma analogia entre um tradutor e um profeta. Aquele teria a missão profética de revelar o verbo divino oculto nos textos humanos. O que pode ser dito em outras palavras, conforme a própria colega de universidade, Josalva Vieira (2006, p. 109): “O Tradutor deve liberar a língua aprisionada numa obra estrangeira através da sua nova criação desta mesma obra na língua materna. Libertar a língua pura é romper as barreiras decadentes da própria língua”. Conclusão depreendida de palavras do próprio Benjamin – “*Jene reine Sprache, die in fremde gebannt ist, in der eigenen zu erlösen, die im Werk gefangene in der Umdichtung zu befreien, ist die Aufgabe des Übersetzers*”(22) (BENJAMIN. In.: HEIDERMANN (org.), 2001, p. 210).

A ideia de que a tradução não é uma atividade puramente técnica também é partilhada pelo escritor e tradutor alemão Karl Dedecius, que discursou em um Simpósio sobre Tradução em 1991, cujo conteúdo foi publicado no livro **Übersetzen, verstehen, Brücken bauen** (1993). Para ele, não há como o tradutor se esquivar de novas palavras, expressões, construções, figuras linguísticas ao transferir o original para a língua-alvo. E três pressupostos permeiam a sua fala – a) novas construções fazem parte do cotidiano de cada língua; b) o fato de que tradutores transportam e transformam, mudam e promovem o texto, e é de conhecimento geral que sem transformação e mudança, não há vida; e c) que a tradução é uma “*mitschaffende, mitverantwortliche Kreation*”(23) (DEDECIUS. In.: FRANK et. al., 1993, p. 15). Sua argumentação ainda é aprofundada quando compara traduções do ramo das artes e das ciências com traduções das áreas de política ou comércio. Nestas não há muita liberdade de expressão e troca de experiências entre um partido e outro, por exemplo. Já as artes e as ciências são caracterizadas pela constante troca de experiências, justamente por serem em consequência disso mais desenvolvidas e positivamente influenciadas: “*Der Austausch, der hier ansetzt, kann erfahrungsgemäß mit tiefer wirkenden und länger anhaltenden Bindungen gegenseitiger Sympathie rechnen*”(24) (op. cit., p. 16).

Mas voltando a falar de Walter Benjamin, talvez a sua contribuição mais importante para os estudos da tradução esteja ligada ao seu conceito de “traduzibilidade”. Este pressupõe que se deva aceitar o fato de que há uma distância entre o texto-alvo e o texto-fonte. E justamente essa distância é o que possibilita a tradução. Susana Kampff Lages, uma das tradutoras do ensaio de Benjamin ao português e autora do livro **Walter Benjamin: Tradução e Melancolia**, ou seja, alguém que pode falar das ideias desse autor com propriedade, esclarece a noção de traduzibilidade no artigo “A Tarefa do Tradutor” e o seu duplo: a teoria da linguagem de Walter Benjamin como teoria da traduzibilidade”. Ela a compara com o fiel de uma balança, em cujos pratos estão de um lado o original e do outro as traduções, ou seja, o passado e o futuro. Esse fiel “presentifica” o que se encontra temporalmente no passado e prepara as futuras reproduções possíveis. Nas palavras da autora supracitada, a traduzibilidade, localizada “no meio”, irá

eliminar todo e qualquer viés interpretativo do sujeito que se debruça sobre esse passado, desejando anular a distância entre texto, passado, e interpretação presente, e, em termos semelhantes, entre original e tradução,

forçando-os a coincidirem, cristalizados na atemporalidade, na ahistoricidade de uma interpretação canônica, necessariamente única, que acaba por ser também tendencialmente dogmática (LAGES, 1998, p. 69-70).

Outros artigos lidos sobre a obra e a própria leitura desse texto, seja no original ou na tradução, apontam a dificuldade de compreensão de suas ideias. Mas o objetivo no presente trabalho não é analisar a fundo todas as suas reflexões, mas usar seus principais conceitos para explicitar a tarefa do tradutor de textos filosóficos. Quer sejam a ideia de que a língua está em constante trans-**forma**-ção, que a traduzibilidade dos textos permite que o tradutor execute sua tarefa e que, para isso, ele precisa “*sich aufgeben*” em vários momentos: primeiramente abandonar sua própria língua para compreender o sentido do texto original e depois abandonar a forma do texto original para recriá-lo na língua-alvo, fazendo com que o texto perpetue. E por mais que se deva transmitir o sentido do texto original aos futuros leitores, o tradutor precisa “*sich aufgeben*” (renunciar) à vida do original pela continuação dessa em outra língua, que não será nem a língua do original, nem na língua do tradutor.

Teoria que vem de encontro ao que Humboldt já simbolizava com o termo *über-setzen* (“verter sobre”, “verter além” – “atravessar de balsa” – “traduzir”) - para entender a língua, a palavra, é preciso que o leitor/tradutor “saia de si”, que ele se abra para o estrangeiro. E nesse ponto, Humboldt é possivelmente influenciado por seu amigo Wolfgang von Goethe, que já dissertou sobre o ato tradutório alguns anos antes. Goethe definiu três tipos de tradução possíveis – a) “*Die erste macht uns in unserem eignen Sinne mit dem Auslande bekannt*”(25) (GOETHE. In.: HEIDERMANN (org.), 2001, p. 18), em que há um desejo de trazer para a tradução o estrangeiro e sua cultura, ou seja, fazer uma tradução que não exclua ou apague traços culturais. Espécie que contrasta com a segunda - b) “*Eine zweite Epoche folgt hierauf, wo man sich in die Zustände des Auslandes zwar zu versetzen, aber eigentlich nur fremden Sinn sich anzueigenen und mit eignem Sinne wider darzustellen bemüht ist*”(26) (p. 20). Estilo usado predominantemente pelos franceses, pois estes gostavam de tornar uma leitura tão agradável e saborosa aos seus conterrâneos e contemporâneos quanto os leitores do original desfrutavam. c) O terceiro período, por revolucionar o que se viu até então, sofreu forte resistência, pois é o tipo “*wo man die Übersetzung dem Original identisch machen möchte, so daß eins nicht anstatt des andern, sondern an der Stelle des andern gelten soll*”(27)

(p. 20). Isto é, o tradutor precisa abandonar sua cultura e sua língua para penetrar no mundo do original e criar outra obra que o substitua, o que não quer dizer criar uma nova obra, como é característica do segundo tipo de tradução. O que também pode ser expresso em outras palavras: o tradutor parte em busca do outro, do desconhecido, para em seguida voltar ao seu presente e modificá-lo pela influência do encontro com o outro.

Este tipo é considerado pelo próprio Goethe o último e mais elevado, pois uma obra não consegue ser tão perfeita que reproduza literalmente o texto original (tipo a), nem tão imperfeita que distorça alguns fatos só atentando à recepção na língua-alvo (tipo b). Em outras palavras, “Nesse terceiro modo da tradução, portanto, Goethe destacou a ambiguidade da tarefa (*Aufgabe*) da tradução, a saber: ela inclui um abandono (*Aufgeben*) tanto da sua própria pátria, como da possibilidade de se traduzir de modo integral” (SELIGMANN, 1996, p. 16). Tipo de tradução no qual Walter Benjamin precisamente se inspirou ao falar sobre a traduzibilidade dos textos.

O brasileiro contemporâneo Millôr Fernandes também foi um dos influenciados pelas ideias de Walter Benjamin, principalmente no que diz respeito à sobrevida do original. No prefácio de uma de suas traduções, ele afirma humoristicamente o seguinte: “As traduções, quase sem exceção (e não falo só do Brasil) têm tanto a ver com o original quanto uma filha tem a ver com o pai ou um filho a ver com a mãe. Lembram, no todo, de onde saíram, mas, pra começo de conversa, adquirem como um outro sexo” (1998, p. 7). Esse ciclo familiar na verdade explana claramente a função de uma tradução – para sobrevivência desta, os sucessores serão os pais que estão por vir (novos tradutores) e que gerarão outros filhos (novas traduções), formando assim um círculo de perpetuação das espécies (perpetuação do original).

Em outras partes desse prefácio, Millôr também explica que sua função, ou seja, a de um tradutor, é manter o respeito pelo original, mas também ter o desrespeito pela letra do mesmo no momento da escrita na língua-alvo. O que nas suas palavras significa: “Não se pode traduzir sem ser escritor, com estilo próprio, originalidade sua, senso profissional. Não se pode traduzir sem dignidade” (ibidem).

As características de estilo próprio, porém digno, também são abordadas em outro texto – *Übersetzung und Sprachwissenschaft*, de Ana Agud (In.: FRANK et

al., 1993, p. 122). Seu discurso inicia com uma crítica a autores que defendem a ideia de que é possível falar tudo e qualquer coisa em todas as línguas. Isso só seria possível, segundo ela, se as línguas fossem isomorfas ou se houvesse significados extralinguísticos – ou seja, é impossível. Justamente aí reside a “liberdade” do tradutor, que precisa “*manches unausgedrückt lassen, manches andere dagegen selber hinzufügen*”(28). O que surge é então um texto próprio, cujas mudanças são de inteira responsabilidade do tradutor.

Marina Bykova, outra filósofa já citada anteriormente, que discursa especificamente sobre os problemas da tradução de filosofia, também partilha da opinião de que o sentido do original deve ser respeitado mesmo que haja inferências do tradutor. Tradução é, para ela, “*keine bloÙe Übertragung von Wörtern aus einer Sprache in eine andere und auch keine Wiedergabe eines reinen Formalismus der Wörter und Symbole einer Fremdsprache im Rahmen muttersprachlicher Regeln und Strukturen*”(29) (In.: FRANK et. al., 1993, p. 249). Caso a tradução fosse tão simples, qualquer leigo poderia fazê-la. Respeitar o autêntico conteúdo semântico do texto original significa transmitir a autêntica visão de mundo do filósofo.

Para isso, o papel do tradutor de filosofia é, para ela, semelhante ao que Rée quer transmitir com sua expressão “*multilingual eyes*”:

Der Übersetzer [muss] nicht nur gute philologische Kenntnisse (was sowohl die Aneignung eines gewissen Wortschatzes und Einhaltung sprachlicher Regeln als auch ein gewisses Sprachgefühl und eine gewisse Sprachkompetenz bedeutet), sondern auch das Vermögen zur kulturphilosophischen und hermeneutisch-philosophischen Reflexion besitzen. [...] Der Übersetzer muss sich zum anderen in den Text so gut „einleben“, seinen Vorsatz so vollständig "dekodieren" können, dass in der Muttersprache eine Besinnung des Inhalts des Originals möglich ist, d.h. er mit Mitteln einer anderen Sprache und auf eine andere Weise das im Text Ausgesprochene denken kann(30) (op. cit., p. 249).

À parte dessa forma generalizada do papel do tradutor e retomando o que foi visto no capítulo sobre os desafios dos textos filosóficos, viu-se que mesmo em uma mesma língua pode haver sentenças parecidas com sentidos diferentes, quiçá entre dois idiomas diferentes. Da mesma forma pode haver orações com formulações subentendidas, até por isso é imprescindível que o tradutor saiba ler também as entrelinhas. Isso também significa que o tradutor precisa conhecer o estilo do autor em estudo, mas principalmente dominar o assunto em questão:

In other words, the translator of the classics of philosophy, beside [having] a purely philological background, has to be a philosopher as well, and has to

have a thorough knowledge of the discipline treated in the work he translates; he also has to know sufficiently the history and philosophy of the epoch from which the work dates, as well as the conditions of the work's creation. (INGARDEN, 1991, p. 165)

Mas dominar o assunto ainda não basta para uma tradução justa. Ao escrever em sua língua ainda é preciso formular esse assunto de tal maneira que seja compatível com a forma com que o autor o formulou no texto original. O que novamente se relaciona ao “*sich aufgeben*” de Benjamin, mas colide em partes com a ideia de Millôr de que o tradutor pode usar seu estilo próprio na criação do texto.

E eis que surge a necessidade de relacionar o papel do tradutor a um dom. Esse profissional precisa ser apto a equilibrar todos os “participantes” do processo tradutório: língua estrangeira, língua materna, assunto, sentido, estruturas, leitor, autor etc. E como um dom é considerado uma capacidade especial inata do ser, não são todos os profissionais que o tem, ou seja, algumas traduções acabam parecendo falsas, ou se distanciam consideravelmente do original, ou são tão literais que são incompreensíveis quanto ao sentido, entre outras.

Por outro lado, há profissionais que assumem a dificuldade de sua tarefa ou a dificuldade específica de determinado texto, e informam o leitor sobre isso. Teoria defendida inclusive por Ingarden, que afirma que “*the reader of translation cannot be misled as to the original text; wherever change of sentence structure is introduced, or words are added to aid the understanding of some crucial thought of the original text, etc., the reader should be informed about it*” (op. cit., p. 169).

Ingarden aprofunda o assunto abordando as atitudes que o tradutor pode ou precisa tomar quando se depara com ambiguidades na obra original. Talvez o primeiro ímpeto de um tradutor ainda inexperiente seja eliminá-las, já que deseja tornar a leitura clara, “*but the role of ambiguity does not have to be negative. It may serve, for instance, as a means to foster in the reader certain associations, to suggest to him relations between objects under investigation, etc*” (op. cit., p. 170). Por isso, o tradutor deve mantê-las caso tenha sido uma intenção do autor. Entretanto, caso seja constatado que a ambiguidade constitui um erro, um lapso de escrita, então ele tem a liberdade de alterar o texto tomando o cuidado de não alterar o sentido.

Como se pode perceber, a fidelidade é um tema constante em Ingarden, também no que tange a questões lexicais e semânticas. Para ele, alguns termos ou alguns assuntos podem não ser mais atuais ou, como se viu anteriormente,

ambíguos. Ou seja, alguns termos podem ter caído em desuso e alguns assuntos podem ter evoluído tanto que parecem incongruentes hoje em dia. Para exemplificar, esse autor cita alguns termos que Kant usou em seu texto *Kritik der reinen Vernunft*, como *Vorstellung* e *Weltanschauung*. Estes são termos muito amplos e podem incidir em falhas para o leitor atual, pois “*these terms were at the time used without any clear consideration for the differences, so familiar and widely accepted today, between “act”, “content”, and “object” of representation*” (op. cit., p. 175). E mesmo que Ingarden seja da opinião de que “*The translator has to, therefore, unlearn to see things his way and stop using his own vocabular*” (op. cit., p. 163), há casos em que a reescrita de determinados trechos é imprescindível para sua compreensão.

E caso uma reescrita seja necessária, alguns autores, inclusive Ingarden, são da convicção de que haja um comentário ou uma nota explicativa para a decisão tomada. Inclusive no caso de obscuridades, das quais os textos do autor em estudo são recheados, pode/deve haver uma nota contendo a interpretação do tradutor, caso seja comprovado que haja “*unintended and accidental obscurities of a rather trivial nature*” (op. cit., p. 185). Heidermann e Weininger fazem isso na apresentação e na introdução às traduções de Wilhelm von Humboldt (2006). São 30 páginas que justificam algumas escolhas feitas pelos diferentes tradutores, que falam um pouco da biografia de Humboldt, de suas teorias, enfim, que proporcionam “um contexto orientador de leitura para aqueles que ainda não se debruçaram sobre a filosofia linguística de Wilhelm von Humboldt”, conforme palavras dos próprios organizadores (p. XVII).

Porém essa fidelidade ao original, até mesmo no momento de manter a obscuridade ou certa ambiguidade intencionada pelo autor, é praticamente impossível, uma vez que dificilmente se domina uma segunda língua tão bem quanto a materna, segundo defende Ortega y Gasset. Para este, o tradutor precisa modificar o texto fonte de tal maneira a se adequar às regras normativas da língua-alvo (2013, p. 8). Mas o detalhe mais agravante é o fato de que não conseguimos “expressar tudo o que pensamos, [ou seja] ao falar ou escrever renunciamos a dizer muitas coisas porque a língua não nos permite”. E essa foi a dificuldade assumida pelo próprio autor ao tentar justificar suas teorias em francês (op. cit., p. 28).

Essa dificuldade de seguir piamente o sentido da versão original também é abordada por Seligmann em seu artigo “Filosofia da tradução – tradução de filosofia”

(1996). Ele teoriza que toda tradução já é uma interpretação e que o tradutor deve ter a consciência da necessidade da transferência de um texto, mantendo, logicamente, o sentido do original - “A tarefa do tradutor deve, portanto, sempre consistir não em copiar o dito, mas antes em se colocar na direção do dito, isto é, no seu sentido, para verter o a ser dito na direção do seu próprio dizer” (p. 20).

Ideia que vai em direção à noção de sobrevivência da obra, já abordada anteriormente. Ainda para esse autor, o texto está em constante movimento, isto é, como uma ação. E conclui com uma frase que curiosamente vai de encontro ao que Humboldt entende sobre língua (= *energeia*): “a tradução revela a língua como um ente vivo em constante criação” (op. cit., p. 39).

Portanto conclui-se que a tarefa de um tradutor não é fácil; que esse profissional se depara com novos desafios a cada novo texto; que suas habilidades devem se assemelhar a um dom. Até porque, como afirma Ortega y Gasset, a tradução não é a obra em si, mas o caminho para ela. Ou dito nas palavras de Cervantes, citado por Frank et. al. (1993, p. 10), a tradução é como „*flamischen Tapeten von hinten betrachtet: voller Fäden, die sich entstellen*“(31).

Por outro lado, ou até quem sabe justamente por causa desses desafios, viu-se que sua tarefa é também maravilhosa; que ele é responsável pela sobrevivência de uma teoria e/ou de um autor; que ele brinda os contemporâneos com ideias que poderiam ser esquecidas com o passar do tempo. E o título da bela obra de Ortega y Gasset - **Miseria y Esplendor de la Traducción** - ilustra essa duplicidade. Miserável é o tradutor que precisa escrever muito bem e ao mesmo tempo ser inteligível. Miséria é o fato de que o tradutor sempre precisa acreditar que uma outra pessoa e não ele próprio tem razão (2013, p. 11). Miserável é o ser humano ser dotado de razão e, apesar desse privilégio, ter a consciência de que nunca conseguirá realizar tudo a que se propõem (p. 7) etc. Todavia esse autor lançou essas “misérias” com o intuito de que sejam “uma mola propulsora que nos lançasse até o possível esplendor da arte de traduzir” (p. 15). O esplendor está no fato da obra traduzida libertar o homem da distância estabelecida entre as línguas e iniciar logo essa aproximação. Esplêndido é que um autor e uma obra se tornam imortais. Enfim, esplêndida é a tarefa tradutória por ela ser a técnica que aproxima o leitor do autor linguística, cultural e historicamente. “E como isso é a verdade do homem, somente a consciência histórica pode inseri-lo em sua verdade e salvá-lo” (p. 42).

Talvez o que Gildeon Toury, citado por Genzler, defende consola o tradutor. Ele afirma que podem haver traduções boas e outras não tão boas; que algumas soluções encontradas pelos tradutores podem ser corretas ou incorretas. Quer dizer, ele

localiza a tradução sempre no meio: nenhuma tradução é inteiramente “aceitável” à cultura-alvo porque sempre apresentará novas informações e formas que desfamiliarizam esse sistema; tampouco é a tradução inteiramente “adequada” à versão original, porque as normas culturais causam desvios das estruturas do texto-fonte (2009, p. 161).

Mas esse consolo não retira a responsabilidade da tarefa do tradutor, que é resumidamente garantir a sobrevivência de uma obra. E garantir a sobrevivência de Humboldt nos dias de hoje ou mais especificamente de suas obras no Brasil exige um olhar diferenciado. Apesar de Humboldt ter dado importantes contribuições, principalmente no ramo da linguística, ele está longe de ser famoso de tal maneira como seus contemporâneos Kant, Schleiermacher, Schlegel e Goethe, por exemplo. O tradutor tem, portanto, também a tarefa de difundir esse autor no meio do público que ainda o desconhece. Mas esses e demais detalhes da tarefa de traduzir Wilhelm von Humboldt para o português serão destrinchados a seguir.

4 ANÁLISE DO TEXTO DE WILHELM VON HUMBOLDT

São muitas as obras humboldtianas que poderiam servir como material de análise para o que se quer abordar aqui, porém utilizar muitos textos seria algo utópico em relação ao tempo, mas também ilógico em relação ao seu estilo, que é constante em praticamente todos os seus textos. Por isso, escolher-se-á um único texto de Humboldt - *Ueber das vergleichende Sprachstudium in Beziehung auf die verschiedenen Epochen der Sprachentwicklung* (1820) – por alguns motivos listados a seguir: a) de certa forma ele se relaciona ao tema abordado aqui. Isto é, suas ideias principais são a afirmação de que se deve ter plena clareza das formas da própria língua para fazer um estudo comparativo entre estas; que a língua tem uma estrutura orgânica já pronta desde seu surgimento e o que pode ocorrer ao longo do tempo são ramificações ou supressões para que se elimine o supérfluo e se crie um brilho não antes existente. Simplificando, se esse é o fundamento da linguagem, também pode ser o fundamento da tradução. Esta também já tem uma forma pronta, o original, que sofre alterações em função do tempo, do espaço ou do estilo do tradutor, para por fim se tornar uma obra melhor, menos supérflua e com mais brilho. b) Esse texto, mesmo sendo somente a ata de uma palestra proferida por Humboldt em 1820 na Academia Prussiana (HEIDERMANN; WEININGER (orgs.), 2006, p. XLIX), é uma das principais obras linguísticas de Humboldt, já que introduz suas ideias básicas, que foram desenvolvidas ao longo dos seus seguintes 15 anos em forma de outros textos. E c) por esse texto fazer parte da antologia bilingue supracitada **Humboldt: Linguagem, Literatura, Bildung** (2006), organizada pelos professores doutores Werner Heidermann e Markus Weininger. Ou seja, o núcleo de pesquisas em Literatura e Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, com a composição dessa antologia, agregará muito para essa análise, pois dedicou quatro anos de seus estudos na composição de uma antologia bilingue de alguns textos do linguista e filósofo Wilhelm von Humboldt. A pesquisa será facilitada concretamente pelo fato que se pode confrontar frase a frase as traduções feitas. Os próprios organizadores comentam na apresentação da obra, que

(...) o texto original em alemão está presente nesta edição para assegurar transparência e prestar auxílio no esclarecimento de dúvidas que possam surgir ao se ler a tradução. (...) esta característica enriquece o resultado não

somente no estágio da criação da retextualização pelos tradutores, mas também na hora da sua recriação pelos leitores e na sua reflexão (re-)construtiva sobre o tema dos textos e sobre sua tradução sempre impossível, como é o caso de todas as traduções. (p. IX-X)

Entretanto considera-se importante salientar mais uma vez que não se quer aqui criticar o esmeroso trabalho do tradutor Luiz Montez, até por sermos muito gratos que uma pessoa dedicou seu tempo e seu estudo à tradução de um autor tão pouco conhecido no mundo lusófono.

E para que essa análise faça jus ao que foi apresentado anteriormente tanto sobre a pessoa Wilhelm von Humboldt como sobre os desafios de textos filosóficos e a tarefa do tradutor, far-se-á aqui um breve resumo do que já foi dissertado. Humboldt iniciou muito cedo seus estudos e também suas viagens desbravadoras. Mas foram principalmente suas próprias experiências com o momento político e com os acontecimentos do mundo e seus vários amigos influentes que o levaram a refletir mais sobre alguns fenômenos pouco conhecidos até então, principalmente acerca da linguagem. Sua recepção aqui no Brasil ainda é praticamente imperceptível, até porque são poucas as obras que já chegaram até nós. E esse fato é também um reflexo dos desafios que um texto filosófico pode proporcionar ao tradutor. Ou seja, a condição histórico-temporal, espacial e, por conseguinte, estilística de um texto como esse, a forma interna de cada língua, o que engloba tanto o nível sintático como terminológico, as ferramentas que podem ou não ajudar o tradutor e outros desafios extraprofissionais podem influenciar seu trabalho. Todos esses fatores ampliam consideravelmente a tarefa de um tradutor, que precisa, com olhos “multilíngues”, transformar, abandonar, libertar, garantir a sobrevivência, respeitando o sentido, entre outros domínios exigidos por ele para uma tradução bem-sucedida.

4.1 DIFICULDADES NO NÍVEL HISTÓRICO

Talvez pode-se começar a análise aprofundando a descrição da época em que Humboldt viveu, *beziehungsweise*¹² da época em que o texto em questão foi

¹² Optou-se aqui pela manutenção desse termo em alemão, assim como já foi feito no título desse estudo, pois não há um equivalente ideal em português que expresse seu real sentido – o que será melhor explicado a seguir.

escrito. Em 1820 já haviam se passado mais de 20 anos do fim da Revolução Francesa, mas as influências desse período ainda eram evidentes nacionalmente e, por consequência, nos escritos da época. A ideia de liberdade é um dos temas mais presentes, pois era a principal característica do Iluminismo. Os escritores aproveitaram-se dessa época para divulgar suas percepções com maior profundidade, pois o público estava mais aberto, inclusive para temas mais abstratos. Talvez uma afirmação categórica de Humboldt que confirme essa tendência seja “A língua só pode surgir de uma vez; ou, para exprimi-lo melhor, ela deve em qualquer momento de sua existência possuir aquilo que a torna um todo”¹³ (p. 25¹⁴).

E mesmo que a época (1820) seja marcada por um sentimento nacionalista (uma marca já do Romantismo), uma vez que os prussianos estavam criando um sentimento de “germanismo”, de identidade e unidade do povo alemão frente ao que era pregado durante a Revolução, Humboldt ainda permanece o racionalista e crítico do Iluminismo. Ou seja, havia o desejo de construir um novo Estado, e o povo, permeado das ideias românticas, idealizava uma sociedade “germânica” perfeita. Enquanto isso, Humboldt mantinha “os pés no chão” e contestava, reavaliava e punha valores à crítica. Isso fica muito claro em sua obra **Os limites da ação do Estado**. Nesta, como já brevemente explanado, ele defende a plena liberdade do cidadão, isto é, ele “limita” a ação do Estado a somente garantir segurança ao seu povo, não devendo interferir em suas decisões pessoais – “*Wilhelm von Humboldt war einer der ersten, der die Gesellschaft radikal vom Individuum her gedacht hat – und nicht etwa vom Gedanken des Staates, also eines Allgemeinen her*”(32) (FEGER; BRITTNACHER, 2008, p. 204).

Mas sua criticidade também está presente no texto em análise, quando coloca-se contra a corrente nacionalista e valoriza consideravelmente as línguas rudimentares. Humboldt, influenciado pelos desbravamentos de seu irmão no Continente Americano, descobre as várias e variadas línguas dos povos isolados e as explora. Acerca destas, talvez surpreendendo vários linguistas e filósofos de sua época, afirma que “os falares assim chamados rudimentares e bárbaros já possuem

¹³ Aprofundamentos sobre essa afirmação encontra-se na obra *Abhandlung über den Ursprung der Sprache*, de Johann Gottfried Herder.

¹⁴ Todos os exemplos serão retirados da antologia bilíngue organizada por Heidermann e Weininger (2006), por isso não se dará sempre a referência completa, somente a página respectiva.

tudo o que faz parte de um uso completo” (p. 25). E continua mais adiante: “mesmo o falar da nação mais rudimentar é uma obra natural nobre demais para ser desfigurada em partes tão casuísticas e ser examinada de forma tão fragmentária” (p. 43).

E mais um detalhe característico do Iluminismo é o princípio da autoconsciência para explicar a própria existência, a realidade, os fatos. Segundo os autores de *Die Realität der Idealisten*, essa fase é marcada pelo “*Bewusstsein des Menschen von sich Selbst und seinem eigenen Tun (oder seiner Aktivität)*”(33) (FEGGER; BRITTNACHER, 2008, p. 96). E como a reflexão é a marca registrada de Humboldt, ele autoconscientemente explicou vários fenômenos linguísticos, como a origem da linguagem. Enquanto muitos eram ou ainda são da opinião de que esta é um produto do intelecto humano, Humboldt argumenta que, se este fosse o caso, ela seria inexplicável. Por isso afirma que “para que o ser humano entenda verdadeiramente uma única palavra, não como puro impulso sensorial, mas como um som articulado, como a designação de um conceito, a língua já deve estar dentro dele completa e coesa” (p. 49).

4.2 DIFICULDADES NO NÍVEL ESTILÍSTICO

Além de analisar o contexto social, histórico e político da época, é preciso dar atenção também ao estilo filosófico do início do séc. XIX, isto é, ao estilo dos textos. Barry Smith escreve um artigo interessante em que analisa uma tradução do alemão para o inglês. Comparando as duas línguas, alega que o alemão tem uma relação muito estreita com o passado linguístico da filosofia, ou seja, com línguas e escritos mais tradicionais – “*Sie ist durch die Auffassung geprägt, dass es spezielle Personen oder Traditionen oder Kulturen gibt, die einen besonderen Zugang zur Sprache der Philosophie aufweisen, eine Sprache, die gerade nicht leicht zu verstehen ist – nicht zuletzt für die Vertreter anderer Traditionen*”(34) (In.: FRANK et. al., 1993, p. 296). E ele continua comparando o estilo filosófico das duas culturas, dizendo que os anglo-saxônicos são empiristas, ou seja, primam por uma aproximação com a realidade, usando-se da técnica argumentativa – e já os alemães querem que sua filosofia seja entendida “*als einen Beitrag zum breiteren*

intellektuellen und politischen Leben verstanden wissen. Philosophen in Deutschland tragen zur Orientierungsleistung bei und haben das, was man eine weltanschauliche Pflicht nennen könnte. Sie sind manchmal auch „Zeitkritiker“, oder sie betreiben „Vergangenheitsbewältigung“(35) (op. cit.) – termos com os quais o próprio autor brinca, dizendo que nem os termos *Zeitkritiker* e *Vergangenheitsbewältigung*, nem sua aplicabilidade podem ser traduzidos/compreendidos em inglês.

Se esse comparativo é feito com a língua portuguesa, a primeira hipótese é de que seja um desafio semelhante ao da língua inglesa, pois a filosofia brasileira é muito mais jovem que esta e, como segunda hipótese, sabe-se que muitas obras, mesmo alemãs, foram traduzidas primeiramente do inglês, e não do original alemão, como é o caso de Kant (**Crítica da Razão Pura**) e até de Humboldt (**Os limites da ação do Estado**), como já afirmado anteriormente. Porém uma pesquisa mais aprofundada sobre a história da filosofia brasileira comprova que há outros fatos que podem contribuir para a dificuldade de receber textos clássicos. Um artigo de Luiz Cerqueira (2011) explica que os primeiros textos brasileiros eram de teor teológico, já que derivavam dos ensinamentos do jesuíta Antônio Vieira (séc. XVII). Mais tarde, já no princípio do séc. XIX, quando os estudos começaram a aflorar, houve influência de pensadores franceses, como Descartes e Rousseau, ou seja, de conceitos iluministas. Mas já ao final do século perceberam que a filosofia brasileira precisava ser impulsionada, por isso buscaram reforço em textos e filósofos estrangeiros – e a Alemanha passa a ser referência (Kant, Fichte, Hegel...).

No séc. XX, já aparecem nomes mais renomados na área da filosofia, como Antônio Paim, por exemplo. Este teoriza sobre o “culturalismo”, delineamento que acabou contribuindo para uma nova leitura da história da filosofia brasileira. Em síntese, suas teses são as seguintes:

o reconhecimento da diversidade de pontos de vista na origem do filosofar, em que se diferenciam as perspectivas, os sistemas e os problemas; o reconhecimento de que é a ciência que faz o discurso válido sobre o real, embora algumas ciências humanas, pelo menos, conservam laços insuperáveis com a filosofia; o principal esforço teórico está direcionado para examinar o ser do homem e, nessa tarefa, privilegia a atividade; finalmente, no exame da ação humana, entende que ela se objetiva na cultura e, na cultura, distingue a idealidade pura das outras realidades culturais (CERQUEIRA, 2011, p. 187).

Porém a leitura plena do artigo e as considerações finais do autor deixam claro que a filosofia brasileira é na verdade uma mistura de várias escolas de

pensamento. Houve em certo momento uma abertura para a filosofia oriental, mais especificamente para a doutrina do Buda; o alemão possibilitou o contato com textos e filósofos clássicos; já o francês facilitou a distinção entre fatos empíricos e fatos de consciência; e o inglês, como já citado, foi a ponte através da qual se teve contato com outros textos que não foram traduzidos diretamente do original.

Sintetizando, não é possível afirmar que a tradução de Humboldt para o português seja totalmente complicada por causa dos estilos filosóficos diferentes entre um e outro idioma, todavia o fato da filosofia brasileira não ter origens e formas muito claras pode ser um empecilho para a tradução. É o que acontece também, segundo Georgia Apostolopoulou (In.: FRANK et. al., 1993), com as traduções de clássicos para o neogrego. Sua análise de traduções de Hegel apontam que esta língua também não tem critérios definidos para a tradução por ser uma estrutura linguística ainda em construção. O que exigirá do tradutor não só conhecimento de alemão e de Filosofia, “*sondern sie erfordert auch profunde Kenntnis der griechischen Sprache nach philosophischen Maßstäben; darüber hinaus verlangt sie Entscheidungsbereitschaft zu verfremdenden Kompromissen, für die keine operativen Sprachregel vorgegeben sind*”(36) (p. 242).

Um dos exemplos em Humboldt que comprova que ele escreve para conhecedores da área é o fato de ele dividir seu texto em vários pequenos textos, que nem podem ser chamados de capítulos e que não apresentam à primeira vista uma sequência lógica. Leitores de Humboldt precisam ser capazes de acompanhar sua linha de raciocínio, mesmo que um assunto semelhante seja tratado em um momento do texto e seja retomado outras vezes ao longo de toda explanação – assim identificarão a lógica entre os pequenos textos. Além disso, leitores da filosofia de Humboldt precisam entender frases como esta: “*Jedes Ausgesprochene bildet das Unausgesprochene, oder bereitet es vor*”(37) (p. 26) – frase que na verdade não apresenta dificuldades para o tradutor se traduzida literalmente: “Tudo que se pronuncia forma o impronunciado, ou prepara-o” (p. 27). Mas seu conteúdo certamente não é de fácil compreensão para qualquer interlocutor.

Apesar de todos esses argumentos em prol das dificuldades da tradução do alemão ao português, é sensato ponderar que pior seria traduzir para o Chinês ou para o Árabe, cujas raízes não possuem semelhança alguma com a ramificação germânica, ou dessas línguas para o português. Vários termos do vocabulário

alemão foram retirados por exemplo do Latim, língua-base do português, o que facilita a vida de quem traduz para o português. E em Humboldt pode-se obter vários exemplos: *Cultur* (p. 34), cuja grafia Humboldt manteve até mais parecida com o latim, *Elemente* (p. 48), *Nationen* (p. 54), *Natur* (p. 56), *Familien* (p. 44) usw.

Retomando um pouco a questão do estilo de Humboldt, sabe-se que ele não tinha a ambição de ser popular, até por isso somente um público mais culto conseguia entender essa sua escrita difícil. Ele não estava preocupado em difundir suas ideias; ele escrevia primeiramente para “se conhecer”, para entender o mundo e os fenômenos que o rodeavam (MAURER, 2016, p. 295). Conclusão a que chegou também H. Steinthal, importante filólogo e filósofo alemão do séc. XIX, o qual dedicou a vida aos estudos de Wilhelm von Humboldt e seus escritos. Ele foi inclusive o editor de uma das suas principais obras - ***Die Sprachphilosophischen Werke Wilhelm's von Humboldt*** (1884)¹⁵. E no prólogo a essa edição, Steinthal reconhece que ler Humboldt não é uma tarefa para qualquer um. Mas ele também afirma que as palavras de Humboldt não significam mais nada além do significado que literalmente devem desempenhar: “*H.s Worte enthalten und sagen genau so viel und genau das, was sie wollen, und leisten, was Worte leisten können*”(38) (p. 2). E justamente o fato de cada palavra desse autor concretizar exatamente o seu significado torna o texto enigmático para alguns leitores, pois “*Nur darum ist H. schwieriger zu verstehen, als sonst Schriftsteller unserer Muttersprache und auch als viele der alten Sprachen, weil hier die Mittel zum Verständnis mühseliger und gehäufte zusammengesucht werden müssen*”(39) (p. 3).

O que poucos sabem é que ele foi fortemente influenciado por Kant, não tanto pelas ideias deste, mas principalmente por seu estilo. Depois de ler todas as suas obras, Humboldt chega à seguinte conclusão: “*Und daß Kant eigentlich so dunkel schriebe, das finde ich nicht. Er schreibt viel mehr sehr bestimmt, definirt, und dividirt sehr genau. Die Schwierigkeit liegt wohl nur in den Sachen, und in der neuen, ungewohnten Darstellungsart*”(40) (SAUTER, 1989, p. 137-138).

Portanto, o que soa hoje obscuro e confuso, era perfeitamente aceitável e normal para Humboldt. E apesar de alguns autores acharem que a filosofia da época de Humboldt ainda estava em formação - “*Für Kant und seine Generation befand sich die Tradition der Philosophie in deutscher Sprache erst im Werden*”(41)

¹⁵ O prólogo desse livro inclusive está anexado à essa dissertação, pois a riqueza de informações sobre Humboldt, seu estilo e suas obras merece ser compartilhada.

(DOSTAL. In.: FRANK et.al., 1993, p. 258) – e que isso poderia ser uma das explicações para seu estilo complicado, Humboldt dispunha de um alemão perfeito, tanto é que era conselheiro pessoal do renomado poeta Schiller. E nas cartas direcionadas a este, descobriu-se que aquele aparentemente criticava os escritos de Schiller, mas seu estilo era inclusive nessas cartas pessoais tão enigmático, que essa mensagem na verdade nem chegara claramente a Schiller – *“Eine genauere Lektüre der “Vorerinnerung” zeigt freilich, dass es sich auch hier um einen komplexen, anspielungsreichen, teilweise verschlüsselten Text handelt, der eine exoterisch bewundernde und esoterisch kritische Botschaft enthält”*(42) (FEGER; BRITTNACHER, 2008, p. 149).

Sintetizando essa análise estilística, pode-se dizer que o estilo foi inclusive uma desvantagem na vida de Humboldt e na difusão de suas ideias de um modo geral. Humboldt não era um seguidor de ninguém, e ninguém também o seguiu imediatamente. Mesmo que ele tenha sido amigo íntimo de Schiller e Goethe, tenha lido toda a obra de Kant, tenha automaticamente em função da idade próxima compartilhado experiências com Hegel e tenha herdado muitas características de outros iluministas como Leibniz, ele não se deixou influenciar diretamente por nenhuma teoria, por nenhuma escola filosófica. Era da mesma forma uma figura isolada a seu tempo; uma figura à frente de seu tempo, *“ein Pionier”* (MAURER, 2016, p. 147). Para se ter uma ideia da sua avidez por novos conhecimentos, precisa-se esmiuçar o momento em que ele teve seus primeiros contatos com a filosofia. O estudo de direito era muito pouco para essa pessoa que já estudava assuntos mais complexos ainda em idade escolar. Ou, nas palavras de mais uma biógrafa de Humboldt, *“Da die “Georgia Augusta “ [Universidade de Göttingen] im Bereich der Philosophie keine über die gängige Popularphilosophie hinausweisende Lehren anbietet, macht sich Humboldt in Eigeninitiative auf die Suche nach Neuansätzen”*(43) (SAUTER, 1989, p. 124). Ou seja, Humboldt dedicou-se também aos estudos de arqueologia, filologia, religião e antropologia. Também viajou para a França e pela Alemanha para ampliar seu círculo de amigos (cultos). Em outra parte do texto, a mesma autora lista algumas leituras de Humboldt na época: Platão, Plutarco, Hobbes e Hemsterhuis, além de várias obras de Kant, como já abordado acima (op. cit., p. 137).

Ou seja, Humboldt era incrivelmente moderno – o povo não conseguia acompanhar sua linha de pensamento. Mas olhando por outro ponto, ele escreveu sobre coisas consideravelmente significantes e até mesmo descomplicantes, como por exemplo sua concepção de *Geist* da língua. Para os idealistas, somente o *Geist* trazia a verdade sobre o mundo em si. Entretanto eles não conseguiam transmitir às pessoas o que entendiam por esse *Geist*. E Humboldt simplificou esse termo, explicando-o a partir da língua:

Für Humboldt bezieht sich der Begriff “Geist” zugleich auf den Geist des Individuums und der Nation, was das Problem zunächst noch komplizierter machte. Aber gleich hier lassen sich zwei Gründe herausstellen, die uns zeigen, warum die Humboldtsche Blickwendung auf die Sprache so bedeutsam ist und dekompliziert. Erstens: Anders als das Denken, das uns manchmal zu flüchtig und spitzfindig scheint, kann man die Sprache tatsächlich hören, sprechen und schriftlich niederschreiben, oder in ihr denken und mit anderen Menschen kommunizieren. Zweitens: Das Problem der Sprache hat eindeutige Relevanz sowohl für das Individuum wie auch für das Kollektiv. Anders gesagt: Die Sprache ist als geistiges Vermögen das Ausdrucksmittel für den einzelnen Menschen und als Sozialeinrichtung die kennzeichnende Identifikation für die Nation(44) (FEGEL; BRITTNACHER, 2008, p. 101).

Para concluir essa análise mais a nível estilístico, deve-se levar em consideração mais um aspecto: atualmente a linguagem é marcada por um fenômeno que se nomeará aqui “redução linguística”. O nosso leitor hoje procura por textos mais simples, por resumos, ou até mesmo se restringe a ler somente as manchetes dos jornais para se dizer “informado” sobre determinados assuntos. O livro ***Übersetzen, verstehen, Brücken bauen***, compilado em 1993, que apresenta os discursos de um simpósio sobre tradução, já aborda esse fenômeno da redução linguística. Mas nessa época, o mundo digital ainda não era tão desenvolvido, por isso se falava mais em redução qualitativa; hoje fala-se em redução qualitativa e quantitativa:

Die Menschen entfernen sich von der reichen Sprache des abstrakten Denkens, während die Mathematisierung der Welt die wissenschaftliche Symbolisierung in den Vordergrund führt. Das Bild gewinnt die Priorität gegenüber der Sprache, während die Beschleunigung und die Globalisierung der Geschichte die großen Traditionen marginalisieren, die überhaupt Traditionen der Schriftlichkeit waren. Ob dieser Vorgang die Entkulturalisierung und zum Verlust von Traditionen überhaupt führt, ist eine Frage, die auch die Bedeutung der Übersetzung repräsentativer Werke der Kulturen bestimmt(45) (In.: FRANK et. al., 1993, p. 246).

Mesmo que isso possivelmente não tenha sido a intenção de Heidermann e Weininger ao escolher os textos ou trechos a serem traduzidos em sua antologia, o

fato desta apresentar por vezes somente trechos de algumas obras de Humboldt, já pode indicar uma “economia de tempo”. Três textos são por exemplo excertos da grande obra de três volumes de Humboldt – **Introdução ao Kawi**. O leitor pode, por meio dessa antologia “reduzida”, adquirir o gosto por ler Humboldt, pois se tivesse que ler os três volumes sobre um único tema, provavelmente Humboldt cairia no esquecimento antes de ser desfrutado.

Ou seja, mesmo que ainda haja leitores que prefiram saber sobre determinado assunto a fundo, esses já reduziram em quantidade. Por isso não se sabe até quando os grandes clássicos da filosofia ainda serão traduzidos na íntegra. Quem sabe se encontre em um futuro próximo títulos como “Crítica à Razão Pura – versão simplificada”. Talvez essa também seja uma justificativa para o fato de haver poucas traduções do autor em estudo.

4.3 DIFICULDADES NO NÍVEL LEXICAL

Passando a análise nesse momento para a parte interna do texto, há alguns termos em Humboldt, que na verdade já são produto de discussão a partir de outros filósofos - *Gemüth*, *Dasein*, *Vorstellung*, *Geist* e *Bildung* são alguns exemplos. Esses “desafios” lexicais podem ser explicados novamente por razões culturais, estilísticas, mas também linguísticas.

Schleiermacher brinda os estudiosos do assunto com sua explicação sobre o fenômeno da “irracionalidade” das línguas. Para ele, o que dificulta uma tradução é o fato de que “nenhuma palavra corresponde exatamente a uma outra na outra língua. Nenhuma forma morfológica de uma reúne exatamente a mesma multiplicidade de relações que qualquer uma na outra” (In: HEIDERMANN (org.), 2001, p. 35). E quanto mais afastadas estão uma da outra quanto à origem e ao tempo, tanto mais nenhum termo em uma língua corresponde exatamente a um da outra, e nenhuma sintaxe de uma engloba exatamente a mesma variedade de relações como uma da outra. E isso vale para todos os tipos de texto, tanto para poéticos, filosóficos, religiosos, como para as obras científicas mais elevadas.

O conceito de irracionalidade novamente vai de encontro ao que Humboldt defende sobre a interdependência entre linguagem e pensamento. Cada homem

está sob o poder da língua que fala; ele e seu pensamento são um produto dela, o que exige muito esforço ao pensar e entender o que está fora dos limites da sua língua. E com certeza os tradutores têm ciência disso, por conseguinte, têm ciência do desafio que isso representa. Alguns profissionais valem-se de paráfrases para superar essa “irracionalidade”. Com estas, eles conseguem se aproximar o mais possível do seu valor por meio do acréscimo de elementos delimitadores e ampliadores. Outros tradutores recorrem à imitação. E caso ambas destoem extremamente do que foi apresentado no original, a identidade deste é corrompida, pois surge um produto novo que desagrade qualquer leitor compenetrado com o valor de uma obra original¹⁶.

Para exemplificar esse fenômeno, far-se-á uso do termo *Vorstellung*. No dicionário alemão **DU DEN** já se encontram quatro definições para esse verbete: a) *Vorstellung* como apresentação pessoal; b) apresentação a um público, como de um teatro, por exemplo; c) imagem, fantasia, ideia que se cria em pensamento para representar alguma coisa; e d) de forma mais elevada como repreensão. Dentro de um contexto filosófico é praticamente unânime o uso da terceira definição. Todavia o que se entende por ideia, fantasia, representação ou até noção varia bastante dependendo do contexto em que o termo é utilizado. Portanto, a multiplicidade de relações de Schleiermacher é claramente representada aqui, tanto em alemão como em português.

Para ilustrar melhor ainda esse fenômeno, encontrou-se um texto que analisa a tradução desse termo para o inglês. Mais precisamente, Robert Dostal (In.: FRANK et.al., 1993, p. 264) compara alguns tradutores de Kant para o inglês e apresenta a discórdia entre eles. Enquanto alguns tradutores usam o termo *representation*, partindo do que o próprio Kant sugeria em seus textos (pois ele colocava o termo latino *representatio* após algumas aparições de *Vorstellung*), outros partiam diretamente da correta etimologia do termo, que seria *presentation*. No texto em estudo, a tradução como “representação” prevalece. Mas o tradutor tomou decisões diferentes em alguns trechos, como se pode ver a seguir:

1. *Vorstellung* como imaginação (p. 66-67):

¹⁶ Para maior aprofundamento sobre o assunto, sugere-se ler **Translation Studies** de Susan Bassnett. Revised edition. Reprinted by Routledge, London: 1991.

*Wo aber der Stoff innerer Wahrnehmung, und Empfindung zu Begriffen gestempelt werden soll, da kommt es auf das individuelle **Vorstellungsvermögen** des Menschen an, von dem seine Sprache unzertrennlich ist.*

Mas ali, onde a matéria da percepção e do sentimento interior deve ser vazada em conceitos, o que importa é o poder de **imaginação** individual do ser humano, do qual a sua língua é indissociável.

2. *Vorstellung* como ideia (p.70-71):

*Denn an jedes irgend bedeutendere Wort knüpfen sich die nach und nach durch dasselbe angeregten Empfindungen, die gelegentlich hervor- gebrachten Anschauungen und **Vorstellungen**, und verschiedene Wörter zusammen bleiben sich auch in den Verhältnissen der Grade gleich, in welchen sie einwirken.*

Pois, os sentimentos crescentemente motivados por toda palavra mais significativa, as noções e **idéias** produzidas eventualmente, ligam-se a ela, e diferentes palavras juntas permanecem iguais a si também nas relações de grau em que elas atuam.

3. *Vorstellung* como representação (p. 70-71):

*So wie ein Wort ein Object zur **Vorstellung** bringt, schlägt es auch, obschon oft unmerklich, eine, zugleich seiner Natur, und der des Objects entsprechende Empfindung an, und die ununterbrochene Gedankenreihe im Menschen ist von einer ebenso ununterbrochenen Empfindungsfolge begleitet, die allerdings durch die vorgestellten Objecte, allein zunächst, und dem Grade, und der Farbe nach, durch die Natur der Wörter, und der Sprache bestimmt wird.*

Assim como uma palavra **representa** um objeto, ela também evoca, apesar de imperceptivelmente, um sentimento ao mesmo tempo correspondente à sua natureza e à do objeto, e a série ininterrupta de idéias no ser humano é acompanhada por uma sucessão também ininterrupta de sentimentos, que é certamente determinada pelos objetos imaginados, inicialmente somente por eles, e, conforme o seu grau e sua cor, pela natureza das palavras e da língua.

Nesse último excerto, o substantivo *Vorstellung* foi inclusive substituído por um verbo, o que foi uma decisão estilística do tradutor. Contudo seria possível da mesma forma manter o substantivo “representação”. Já as outras decisões tomadas pelo tradutor são na verdade questionáveis, pois poderiam também ter sido traduzidas por representação, o que unificaria mais seu texto.

Estilisticamente pode-se ter também termos que o próprio filósofo cria para expressar melhor sua ideia. Essa também é a razão lógica pela qual vão surgindo sempre mais e mais neologismos em uma língua – por mais rico que seja um vocabulário, é impossível um idioma abarcar todos os conceitos do mundo e cada pensamento humano em forma de palavras. Inclusive a tradução é um dos veículos mais essenciais para introduzir novos termos em outra língua e enriquecê-la, afirmação confirmada por Jonathan Rée, para o qual a língua inglesa evoluiu consideravelmente no séc. XX exatamente por meio da tradução de filosofia – “*In the*

English language in the twentieth century, for example, many of the finest translations are philosophical, and many of the greatest works of philosophy are translations" (2001, p. 231). Heidegger, outro filósofo alemão de escrita difícil, era, segundo Barry Smith (In.: FRANK et. al., 1993, p. 298), um campeão nesse quesito. O texto deste autor inclusive intitula-se "*Grenzen der Übersetzbarkeit*", ou seja, para ele, Heidegger escrevia nos limites da traduzibilidade. Ele usava por exemplo pleonasmos, que só eram compreensíveis dentro do seu próprio texto – "*die Weltlichkeit der Welt*". Ele também abusava da característica do idioma alemão de substantivar termos. Explicando melhor, é comum na língua alemã substantivar verbos e também adjetivos substantivados são facilmente encontráveis, todavia substantivar pronomes interrogativos (*das Wohin*) ou verbos no passado (*das Gewesen*) são termos incomuns, ou "Heideggerismos", se aqui se pode também criar um neologismo!

Usar-se-á aqui o termo substantivado *Dasein* para explicar esse fenômeno estilístico de concepção de novos termos dentro da filosofia, até porque essa palavra realmente vingou entre muitos filósofos alemães, inclusive Humboldt. Para falantes nativos germânicos, *Dasein* é de fácil compreensão. Pode-se dizer que é uma palavra cotidiana. Mas em português, a tradução literal não faria sentido – "o estar aqui". Poder-se-ia manter o termo alemão, mas isso também exigiria uma nota explicativa, assim como foi feito com o termo *Bildung*, que será analisado a seguir. Os organizadores e tradutores da obra em estudo optaram pela tradução por "existência", como se pode verificar abaixo:

1. Quando se aborda que a língua já nasce pronta, constituída no todo:

*Es kann auch die Sprache nicht anders, als auf einmal entstehen, oder um es genauer auszudrücken, sie muss in jedem Augenblick ihres **Daseyns** dasjenige besitzen, was sie zu einem Ganzen macht.* (p. 24)

A língua só pode surgir de uma vez; ou, para exprimi-lo melhor, ela deve em qualquer momento de sua **existência** possuir aquilo que a torna um todo. (p. 25)

2. Quando se aborda o fato de que a língua vai passando de geração em geração, sofrendo mudanças à medida que a cultura também sofre:

Dadurch dass sich in ihr die Vorstellungsweise aller Alter, Geschlechter, Stände, Charakter- und Geistesverschiedenheiten desselben Völkerstamms, dann, durch den Uebergang von Wörtern und Sprachen, verschiedener Nationen, endlich, bei zunehmender Gemeinschaft, des ganzen Menschengeschlechts mischt, läutert, und umgestaltet, wird die Sprache der grosse Uebergangspunkt von der Subjectivität zur

Objectivität, von der immer beschränkten Individualität zu Alles zugleich in sich befassendem Daseyn. (p. 72)

Pelo fato de que nela o modo de representação de todas as idades, sexos, estamentos, diferenças de caráter e de espírito - da mesma tribo, e, então, por meio da transição de palavras e línguas de diferentes nações em crescente comunidade de todo o gênero humano, por fim - mistura-se, apura-se e ganha outra conformação, a língua torna-se o grande ponto de transição entre a subjetividade e a objetividade, entre a subjetividade sempre limitada e a **existência** que *tudo* abarca simultaneamente em si. (p. 73)

No primeiro exemplo, o uso da tradução “existência” fica muito claro. Pois fala-se do todo da língua no momento em que ela vive, ou seja, da sua existência. Porém o segundo exemplo fica confuso. Falar em uma “existência que tudo abarca simultaneamente em si” não é compreensível para um leitor qualquer. Talvez optou-se por existência, porque as outras traduções possíveis - ser-aqui, vida, ser ou presença, como já foi argumentado anteriormente - também não melhorariam o sentido. Nesse caso, ter-se-ia que reestruturar toda a frase caso se queira dizer que a língua é o ponto de transição entre a individualidade e tudo que a vida ou a existência do ser humano abarque.

Esse exemplo comprova o que se abordou anteriormente sobre o fato de cada termo representar um conceito, um tópico concreto de significado para uma pessoa envolvida em um contexto cultural específico, segundo o que Bykova abordou em seu texto “*Probleme der philosophischen Übersetzung*” (1993).

Para ilustrar melhor, da mesma forma que traduzir “*Dasein*”, também o aparentemente simples termo “*Sein*” já desafia o tradutor. Inclusive há uma série de textos que debatem sobre esses termos, seus significados e suas possíveis traduções, mas mais significativo é abordar o que o próprio filósofo Heidegger afirma sobre esse termo, até porque seus escritos são permeados pela busca de seu sentido. Na introdução à sua obra ***Sein und Zeit***, ele discorre sobre o que entende por “*Sein*”, possivelmente para facilitar a compreensão de seu texto. Segundo ele, “*Sein ist definitorisch aus höheren Begriffen nicht abzuleiten und durch niedere nicht darzustellen*”(46) (1967, p. 4). Explica também que, em seu texto, „*Sein*“ não é o mesmo „*Seiend*“ („estar sendo“), como se definia na ontologia tradicional. Mas, justamente por não conseguir definir exatamente o que significa, escreve toda uma obra para buscar seu sentido: “*Die undefinierbarkeit des Seins dispensiert nicht von der Frage nach seinem Sinn, sondern fordert dazu gerade auf*”(47) (op. cit.).

O fato de *Dasein* ser uma substantivação verbal, fenômeno não tão comum em outros idiomas, pode justificar em partes a dificuldade da sua tradução. Entretanto há outros termos simples que também não permitem uma tradução literal, que exigem talvez uma nota explicativa, uma paráfrase, ou a manutenção do termo original. Esse desafio já foi abordado nos capítulos anteriores em que se explicou que uma única palavra pode significar todo um conceito naquela cultura. E aqui quer-se retomar essa explanação para justificar o título da antologia que aqui se analisa – **Humboldt**: Linguagem, Literatura, *Bildung*, ou seja, justificar o porquê da não tradução de *Bildung*.

E para começar a explanação, julga-se necessário aqui apresentar a definição dada por algum dicionário, e a mais completa encontrada foi no ***Historisches Wörterbuch der Philosophie*** (1972). Logicamente uma definição distribuída em nove páginas já mostra a amplitude de *Bildung*, ou os múltiplos contextos em que esse pode ser utilizado. São no total 15 menções feitas ao termo, ou seja, dentro da história há vários momentos em que *Bildung* recebeu diferentes definições, dependendo do contexto ou do autor que utilizou a palavra. Destacam-se algumas:

A primeira definição dada tem origem na segunda metade do séc. XVIII, quer seja a capacidade intelectual ideal de alguém no convívio de uma sociedade, como se fosse uma síntese entre cultura e esclarecimento/informação.

A segunda definição remete ao final da Idade Média, quando o termo foi utilizado pela primeira vez na filosofia como algo abstrato, com significado místico-teológico, remetendo a *imago*, *forma*. Esse significado foi aprofundado no séc. XVIII dentro da teosofia, da mística protestante e do espiritismo, chegando ao significado de “espiritual”. Porém essa definição não vingou por muito tempo.

O auge das discussões sobre o termo aparece com Humboldt no início do séc. XIX. A definição de formação intelectual passa de algo geral para algo bem específico de cada ser, ou seja, que não há uma formação para a sociedade, ou somente no universo espiritual, mas que a formação acontece internamente, sem ser um meio para outro fim.

Mais tarde, por influência das ideias de Rousseau, o termo passou a ser definido como intelecto: capacidade natural e histórica do ser.

No período pós-Segunda Guerra, o termo perde sua abstração, passando a ser usado pura e simplesmente como formação específica no ramo escolar, ou seja, o lado humanístico é substituído pelo pedagógico.

Segundo os autores do dicionário, o termo é hoje em dia usado justamente com significado mais pragmático. Perdeu sua influência filosófica para dar lugar à competência social e pedagógica.

Essa amplitude já justifica em si a não-tradução do título da obra em estudo. Mas os autores Heidermann e Weininger ainda optaram em dedicar duas páginas da sua apresentação para justificar o porquê da manutenção de *Bildung*. Eles explicam o termo de acordo com sua origem e esclarecem que Humboldt o usa no seu sentido mais abrangente. Isto é, um ser humano representado pela *Bildung* é um homem que procura se compreender por meio da razão e que através de sua própria ação - que parte de sua razão - quer se tornar livre. Eles reconhecem, porém, que a tradução utilizada - “formação” - não abrange toda a gama de significados que o termo tem para Humboldt. Para isso, eles também decidiram complementar a antologia com uma introdução de 30 páginas, como já dito nesse estudo, sobre a figura de Humboldt, sua atuação e seus textos no contexto da época e nas várias áreas do conhecimento. Além disso, caso o termo ainda não fique claro, os dois últimos textos da antologia referem-se diretamente ao que Humboldt teoriza sobre *Bildung*; escolha estratégica, já que este é “o grande tema de pesquisa de sua vida” (HEIDERMANN; WEININGER (orgs.), 2006, p. XI).

E para seguir a análise, usar-se-ão como exemplo algumas das 13 aparições do termo no texto em estudo:

1a. *Das vergleichende Sprachstudium kann nur dann zu sicheren und bedeutenden Aufschlüssen über Sprache, Völkerentwicklung und Menschen**bildung** führen, wenn man es zu einem eignen, seinen Nutzen und Zweck in sich selbst tragenden Studium macht.* (p. 20)

1.b O estudo comparativo das línguas somente pode levar a esclarecimentos seguros e significativos sobre língua, desenvolvimento dos povos e **formação** do ser humano quando é realizado como um estudo em si mesmo, relevante para o seu próprio proveito e objetivo. (p. 21)

2a. *Die Zergliederung der Verschiedenheiten des Organismus führt zur Ausmessung und Prüfung des Gebiets der Sprache und der Sprachfähigkeit des Menschen; die Untersuchung im Zustande höherer **Bildung** zum Erkennen der Erreichung aller menschlichen Zwecke durch Sprache.* (p. 38)

2b. O desmembramento das diferenças do organismo leva à medição e ao exame da região da língua e da capacidade humana da linguagem; a investigação na

condição de uma **formação** cultural mais elevada conduz ao reconhecimento da consecução de todos os objetivos humanos por meio da linguagem. (p. 39)

3a. *Ich habe mir daher nie vorstellen können, dass ein sehr consequenter, und in seiner Mannigfaltigkeit künstlicher Sprachbau grosse Gedankenübung voraussetzen, und eine verloren gegangene **Bildung** beweisen sollte.* (p. 52)

3b. Por isso nunca pude imaginar que uma estrutura lingüística muito conseqüente e engenhosa em sua variedade deva pressupor um grande exercício intelectual e deva comprovar uma **formação** cultural que se perdeu.

4a. *Den Gründen der Unvollkommenheit einiger Sprachen mag die historische Prüfung im Einzelnen nachforschen. Dagegen muss ich hier eine andre Frage anknüpfen: ob nemlich irgend eine Sprache zur vollendeten **Bildung** reif ist, ehe sie nicht mehrere Mittelzustände, und gerade solche durchgangen ist, durch welche die ursprüngliche Vorstellungsweise dergestalt gebrochen wird, dass die anfängliche Bedeutung der Elemente nicht mehr völlig klar ist?* (p. 54, 56)

4b. O exame histórico pode investigar os motivos da imperfeição de algumas línguas. Em contraposição a isso, eu devo referir-me aqui a uma outra questão: será que qualquer uma língua está pronta para uma **formação** completa antes de atravessar diversas condições intermediárias, e exatamente aquelas através das quais o modo originário de representação é de tal maneira esgarçado que o significado inicial dos elementos já não fique mais inteiramente claro? (p. 55, 57)

5a. [...] *lässt sich die allgemeine Frage beantworten, wie die Verschiedenheit der Sprachen überhaupt im Verhältniss zur **Bildung** des Menschengeschlechts anzusehen ist?* (p. 62)

5b. [...] pode-se responder à pergunta genérica: como pode ser vista, de um modo geral, a diferença entre as línguas, em relação com a **formação** do gênero humano? (p. 63)

6a. *Von dieser Art der Erkenntniss aber fliesst gerade auf alle übrigen erst Licht und Wärme über; nur auf ihr beruht das Fortschreiten in allgemeiner geistiger **Bildung**, und eine Nation, welche nicht den Mittelpunkt der ihrigen in Poesie, Philosophie und Geschichte, die dieser Erkenntniss angehören, sucht und findet, entbehrt bald der wohlthätigen Rückwirkung der Sprache, weil sie, durch ihre eigne Schuld, sie nicht mehr mit dem Stoffe nährt, der allein ihr Jugend und Kraft, Glanz und Schönheit erhalten kann.* (p. 84)

6b. Mas, exatamente deste modo de conhecimento derramam-se então luz e calor sobre todos os outros; somente nele repousa o avanço na **formação** do espírito geral, e uma nação que não procure e não encontre o seu centro de formação na poesia, filosofia e história, que pertencem a este conhecimento, logo dará pela ausência do efeito retroativo benéfico da língua, porque, por própria culpa, não mais a alimentará com a matéria que, sozinha, nela conserva juventude e força, brilho e beleza. (p. 85)

Nos exemplos 2 e 3, a palavra “formação” precisou vir acompanhada, segundo o tradutor, pela palavra cultural. Imagina-se que essa atitude tenha sido tomada para facilitar a compreensão do termo nesse contexto, já que somente

“formação” englobaria outros significados. Nos outros exemplos, uma complementação não foi necessária, o que pode ser explicado pelo fato de que nessas aparições, a própria palavra *Bildung* já vem acompanhada de algum adjunto que a clarifique, como é o caso do exemplo 1 – *Menschenbildung*, do ex. 5 - *Bildung des Menschengeschlechts*, e do ex. 6 - *geistiger Bildung*. No exemplo 4, está claro que o tema abordado é a formação completa da língua, o que não requer maiores complementações.

A leitura dos dois textos da antologia que abordam especificamente o tema *Bildung*, direciona o leitor à conclusão de que Humboldt entende como *Bildung* a ideia de que a aquisição de conhecimento não serve pura e simplesmente a uma vocação social, como se depreende do significado de formação em seu sentido geral. *Bildung* é para ele a formação geral da personalidade, uma formação que acontece somente internamente, sem ser um meio para outro fim. Talvez por isso, os adjuntos ou a adição de “cultural” sejam imprescindíveis para manter e clarificar esse significado.

Caso essa análise seja estendida ao termo “*Ausbildung*”, chega-se a uma questão mais severa, pois o tradutor Luiz Montez não achou melhor alternativa em português a não ser também traduzi-lo como “formação”, como se pode ver abaixo:

*Der Kürze wegen, will ich, mit Uebersehung der kleinen Unrichtigkeit, welche daraus entsteht, dass die **Ausbildung** auch auf den schon feststehenden Organismus Einfluss hat, und dass dieser, auch ehe er diesen Zustand erreichte, schon die Einwirkung jener erfahren haben kann, die beiden beschriebenen Theile des vergleichenden Sprachstudiums durch*

*die Untersuchung des Organismus der Sprachen, und die Untersuchung der Sprachen im Zustande ihrer **Ausbildung** bezeichnen. (p. 36)*

Para ser breve - desconsiderando a pequena incorreção derivada do fato de que a **formação** também exerce influência sobre o organismo já consolidado, e de que este, antes de atingir esta condição, pode já ter sofrido a ação daquela - eu vou designar ambas as partes descritas do estudo comparativo das línguas como: a investigação do organismo das línguas e a investigação das línguas em estado de **formação**. (p. 37)

Utilizar a mesma tradução para os dois termos não faz jus ao que Humboldt quer explicar. *Ausbildung* refere-se a uma sofisticação de *Bildung*, isto é, sua ampliação e seu desenvolvimento. E isso fica bastante claro na primeira aparição de *Ausbildung* no exemplo acima: não só a formação da língua exerce influência sobre o organismo, mas também seu desenvolvimento, sua expansão, que seria a “*Ausbildung*”. Em alemão isso é clarificado pelo uso do prefixo “*aus*”, entretanto em

português não há um prefixo que expresse o mesmo, e as demais traduções possíveis – instrução, treinamento, educação – não exprimem o sentido que Humboldt dá ao termo. Decisões como essas possivelmente ocorrem em outras partes do texto por motivos óbvios já tratados ao longo desta dissertação. Logicamente o tradutor poderia ter feito uma nota explicativa, mas, como os organizadores já explicaram na apresentação, o fato de essa antologia apresentar também o texto original em alemão já auxilia no “esclarecimento de dúvidas que possam surgir ao se ler a tradução” (HEIDERMANN; WEININGER (orgs), 2006, p. IX).

Isto posto, não é por acaso que o título desse estudo também manteve o termo *beziehungsweise* em alemão. A tradução por “isto é”, “ou melhor” e “respectivamente”, como encontrado na versão *online* do dicionário **PONS**¹⁷, não coincide exatamente com o que se intenta dizer com “*beziehungsweise*”. Recorrendo novamente ao dicionário **DUDEN**, mesmo as duas definições dadas por esse renomado dicionário - 1. „*oder; oder vielmehr, genauer gesagt*“; 2. „*und im anderen Fall*“ – não representam o que se quis dizer com o título “Desafios ao traduzir filosofia *beziehungsweise* Wilhelm von Humboldt ao português”. Pois não se quer dizer traduzir filosofia “ou” Humboldt, filosofia “ou muito mais” Humboldt, filosofia “ou melhor dizendo” Humboldt, filosofia “e em outro caso” Humboldt, caso se usasse literalmente as definições dadas pelo **DUDEN**. Dentro do termo “*beziehungsweise*” encontra-se a palavra “*Beziehung*”, ou seja “relação”. Por isso, o que se intentou dizer com o título dessa dissertação, é que se abordará os desafios de traduzir Humboldt em relação aos desafios de se traduzir filosofia.

No texto humboldtiano em estudo não foi encontrado nenhum registro dessa palavra, mas em outra obra, “*Form der Sprache*”, também presente na antologia de Heidermann e Weininger (2006), foram encontradas duas entradas, como se vê abaixo:

1a) *Der Form steht freilich ein Stoff gegenüber; um aber den Stoff der Sprachform zu finden, muss man über die Grenzen der Sprache hinausgehen. Innerhalb derselben lässt sich etwas nur **beziehungsweise** gegen etwas Andres als Stoff betrachten, z. B. die Grundwörter in Beziehung auf die Declination.* (p. 110)

1b) E claro que, em contraposição à forma, temos a substância; mas, para encontrarmos a substância da forma da língua, temos que ir além das fronteiras da língua. Dentro dessas fronteiras, algo só pode ser encarado como substância se

¹⁷ Disponível em: <http://pt.pons.com>. Acesso em: 06.05.2017.

relacionado a outra coisa, contrapondo-se ambos, por exemplo os radicais relativamente à declinação. (p. 111)

2a) *Denn es ist hier nur von aus einander entstandenen Sprachen die Rede, wo also ein wirklich gegebener Stoff (dies Wort immer, nach den obigen Erklärungen, **beziehungsweise** genommen) von einem Volke zum andren in bestimmter Folge, die sich jedoch nur selten genau nachweisen lässt, übergeht und umgestaltet wird.* (p. 118)

2b) Afinal, estamos tratando aqui exclusivamente de línguas que surgiram umas das outras e nas quais, portanto, uma efetiva substância dada (depois das explicações acima, essa palavra deve ser entendida **de modo relativo**) é transmitida e remodelada de povo a povo numa determinada sucessão, a qual, porém, só muito raramente pode ser comprovada com exatidão. (p. 119)

O sentido de “*beziehungsweise*” no primeiro exemplo é semelhante ao do título desse estudo – uma coisa está relacionada à outra. Já o segundo exemplo custou precisamente alguns minutos, algumas pesquisas ou algumas releituras à tradutora Karin Volobuef. Primeiramente foi necessário entender o que Humboldt quis dizer com toda expressão entre parêntesis, dificultada pela presença de “*beziehungsweise*” e “*genommen*”. Em seguida, nenhuma das definições dadas pelos dicionários supracitados ajudam a achar uma tradução apropriada. Por isso, a tradutora tomou a decisão de modificar um pouco o original, traduzindo “*beziehungsweise genommen*” por “deve ser entendida de modo relativo”, mostrando que as línguas são em relação a esse termo incongruentes, o que corresponde à teoria de Ortega y Gasset apresentada no segundo capítulo.

Outra explicação para as dificuldades que o tradutor encontra a nível lexical diz respeito ao fato de a língua estar em constante movimento (o conceito de *energeia* de Humboldt). Em quase 200 anos, alguns termos simplesmente caíram em desuso, como é o caso de *Behuf* e *Gemüt*. O primeiro termo é bastante antigo e há poucas aparições, mesmo em textos filosóficos antigos. Segundo o renomado **DUDEN**, ele significa “*zu diesem Zweck*” (para esse propósito), e no texto em estudo ele foi traduzido como “objetivo”.

*Drei Momente also können zum **Behuf** einer prüfenden Zergliederung der Sprachen unterschieden werden [...]*

Três momentos podem ser distinguidos, portanto, como **objetivos** de um exame classificatório das línguas [...]

Já o termo *Gemüt* é um tanto mais complexo. Ele ainda é usado hoje em dia, mas o significado mudou com o tempo. Antigamente, desde Kant, ele era um termo genérico para tudo que passava pelas sensações da alma e da mente. Mais tarde

surge a forma adjetivada *gemütlich* e desta, *Gemütlichkeit*, o que fez desaparecer em partes a amplitude do termo *Gemüt*. E *gemütlich* atribui já outro significado ao termo, quer seja algo tranquilo, confortável. A consulta de algumas enciclopédias, como a ***Brockhaus Psychologie***, já adverte que o termo perdeu seu foco e que ele pertence exclusivamente à terminologia alemã.

Em Humboldt, *Gemüt* parece se relacionar ora com alma, ora com mente ou pensamento. Dos 10 registros encontrados no texto em estudo, por duas vezes se optou em traduzir por “alma”, e as outras vezes por “ânimo”. Abaixo estão os exemplos e o posterior comentário:

1a) *Meine bisherige aber hat mir bewiesen, dass auch die sogenannten rohen und barbarischen Mundarten schon Alles besitzen, was zu einem vollständigen Gebrauche gehört, und Formen sind, in welche sich, wie es die besten und vorzüglichsten erfahren haben, in dem Laufe der Zeit das ganze **Gemüth** hineinbilden könnte, um, vollkommner oder unvollkommner, jede Art von Ideen in ihnen auszuprägen.* (p. 24)

1b) O que encontrei até o momento, no entanto, comprovou-me que mesmo os falares assim chamados rudimentares e bárbaros já possuem tudo o que faz parte de um uso completo, e são formas nas quais, como experimentaram os melhores e mais primorosos, a **alma** inteira poderia se acomodar com o passar do tempo a fim de nelas cunhar, de modo mais ou menos perfeito, toda espécie de idéias. (p. 25)

2a) *Das Object, dessen Erscheinung im **Gemüth** immer ein durch die Sprache individualisirter, stets gleichmässig wiederkehrender Eindruck begleitet, wird auch in sich auf eine dadurch modificirte Art vorgestellt.* (p. 70)

2b) O objeto - cuja aparição na **alma** é sempre acompanhada por uma impressão individualizada pela língua e que sempre retorna de modo uniforme - também é, por este modo, representado em si de uma maneira modificada. (p. 71)

3a) *Der durch die Sprache bedingte Mensch wirkt aber wieder auf sie zurück, und jede besondre ist daher das Resultat drei verschiedner, zusammentreffender Wirkungen, der realen Natur der Objecte, insofern sie den Eindruck auf das **Gemüth** hervorbringt, der subjectiven der Nation, und der eigenthümlichen der Sprache durch den fremden ihr beige- mischten Grundstoff, und durch die Kraft, mit der alles einmal in sie Uebergegangene, wenn auch ursprünglich ganz frei geschaffen, nur in gewissen Gränzen der Analogie Fortbildung erlaubt.* (p. 76)

3b) Mas o ser humano condicionado pela língua atua novamente sobre ela, e, cada uma em particular é, assim, o resultado de três efeitos diferentes e coincidentes: da natureza real dos objetos, pois a língua produz a impressão sobre o **ânimo**; da natureza subjetiva da nação; e da natureza característica da língua, que se manifesta através da matéria básica alheia nela misturada, e através da força, com a qual tudo o que um dia para ela se transportou, mesmo que criado originariamente de modo inteiramente livre, permite um aperfeiçoamento somente dentro de certos limites da analogia. (p. 77)

4a) *Denn da die Sprache zugleich Abbild und Zeichen, nicht ganz Product des*

*Eindrucks der Gegenstände, und nicht ganz Erzeugniss der Willkühr der Redenden ist, so tragen alle besondern in jedem ihrer Elemente Spuren der ersteren dieser Eigenschaften, aber die jedesmalige Erkennbarkeit dieser Spuren beruht, ausser ihrer eigenen Deutlichkeit, auf der Stimmung des **Gemüths**, das Wort mehr als Abbild, oder mehr als Zeichen nehmen zu wollen. Denn das **Gemüth** kann, vermöge der Kraft der Abstraction, zu dem letzteren gelangen, es kann aber auch, indem es alle Pforten seiner Empfänglichkeit öffnet, die volle Einwirkung des eigenthümlichen Stoffes der Sprache aufnehmen. Der Redende kann durch seine Behandlung zu dem einen, und dem andren die Richtung geben, und der Gebrauch eines dichterischen, der Prosa fremden Ausdrucks hat oft keine andre Wirkung, als das **Gemüth** zu stimmen, ja nicht die Sprache, als Zeichen anzusehen, sondern sich ihr in ihrer ganzen Eigenthümlichkeit hinzugeben. (p. 82)*

4b) Pois, como a língua é ao mesmo tempo reprodução e signo, não é inteiramente um produto da impressão dos objetos nem inteiramente uma produção do arbítrio do falante, todas as línguas particulares trazem em cada um de seus elementos vestígios das primeiras destas características; mas cada momento do reconhecimento destes vestígios repousa, afora sua própria nitidez, sobre a disposição do **ânimo** em querer tomar a palavra mais como reprodução ou mais como signo. Dependendo do **ânimo** é possível alcançar este último graças ao poder de abstração, mas pode também, abrindo todas as portas de sua receptividade, acolher o efeito pleno da matéria característica da língua. O falante pode, por meio de seu manejo, orientar para uma ou para outra direção, e o uso de uma expressão poética, estranho à prosa, somente causa com frequência o efeito de dispor o **ânimo** a ver a língua não como signo, mas a entregar-se à mesma em toda a sua peculiaridade. (p. 83)

Mesmo que o tradutor tenha seguido as sugestões de algum dicionário ou tenha comparado com as traduções de outros filósofos da época de Humboldt para chegar aos equivalentes “alma” e “ânimo”, considera-se aqui mais próximo à teoria de Humboldt a tradução por “mente”. Por vezes se pode até chegar ao termo “pensamento”, mas nos casos acima a abordagem ainda está em uma fase intermediária entre o espiritual e o racional. No excerto 1, por exemplo, a tradução por “alma” realmente destoa do que Humboldt defende acerca da natureza da língua, pois pelo que se entende não é a alma que pode cunhar novas ideias, mas sim a mente. Também no exemplo 2, um objeto não aparece na alma, mas sim na mente. E embora “ânimo” seja um sinônimo de “alma”, a decisão do tradutor para os outros excertos em usar o equivalente “ânimo” nem sempre corresponde à ideia de Humboldt sobre *Gemüt*. Talvez quando se fala em “*Stimmung des Gemüths*” o tradução “disposição do ânimo” seja conveniente.

Quer dizer, por mais variados e melhores que sejam os dicionários e materiais de consulta que um tradutor tem à sua disposição, nem sempre se encontrará o equivalente ideal para termos tão versáteis.

A versatilidade da língua alemã também é notória na substantivação (ou nominalização). É possível substantivar vários componentes da frase, como verbos (*das Reden*), adjetivos (*das Gute*), participios (*der Wartende*), advérbios (*das Vielleicht*), numerais (*das Dritte*) e até preposições (*das Aus* ou *das Auf und Ab*).

Novamente tem-se aqui um exemplo atípico em português. Talvez essa substantivação apareça mais em textos poéticos, em que se pode ousar com as possibilidades da língua. Em alguns casos, ela até é possível, como na substantivação de verbos, adjetivos e numerais (o falar, o bom, o terceiro). Mas caso se objetive transpor o “estranho” do texto-alvo no texto-fonte, conforme a teoria de Humboldt sobre a tradução, nesse fenômeno isso não é possível, pois causará “estranheza” - traduzir por “o do” ou “o fora”, no caso de *Aus*, “o que está esperando”, no caso de *Wartende*, o “quem sabe” no caso de *Vielleicht* não é digno de uma boa tradução. Nesses casos, é preciso usar um outro termo, ou até uma frase que expresse o mesmo – o fim, a pessoa que está esperando, “quem sabe” como advérbio mesmo.

Caso o tradutor opte em alguns casos em manter a substantivação, pode ser que o texto fique deselegante, estranho, ou seja, que perca sua “*Portugiesischkeit*”¹⁸.

Humboldt, mesmo vivendo quase dois séculos antes, não foi tão extremo quanto seu conterrâneo Heidegger, que explorava incansavelmente estas nominalizações, entretanto o texto em estudo apresenta vários exemplos desse fenômeno que merecem ser analisados:

1a. *Die feinere Ausbildung hat sich schwerlich gleich an das erste **Werden** der Sprache angeschlossen.* (p. 28)

1b. É pouco provável que a formação mais refinada seguiu de imediato o primeiro **passo evolutivo** da língua. (p. 29)

2a. *Sie [die Ausbildung der Sprache] setzt Zustände voraus, welche die Nationen erst in einer langen Reihe von Jahren durchgehen, und inzwischen wird gewöhnlich das **Wirken** der einen von dem **Wirken** anderer durchkreuzt. Dieses **Zusammenfliessen** mehrerer Mundarten ist eins der hauptsächlichsten Momente in der Entstehung der Sprachen;* (p. 28)

2b. Ela [a formação da língua] pressupõe circunstâncias cuja travessia as nações completam somente após uma longa série de anos, e, nesse ínterim, a **atuação** de umas é freqüentemente atravessada pela **atuação** de outras. Esta **confluência** de vários falares é um dos principais momentos no surgimento das línguas. (p. 29)

¹⁸ Neologismo próprio.

3a. *Eine neue Vorstellungsweise gesellt sich zu der bisherigen, die sich vermischenden Stämme kennen gegenseitig nicht die einzelne Zusammensetzung der Wörter ihrer Mundarten, sondern nehmen sie bloss als Formeln im Ganzen auf, das **Unbequemere** und **Schwerfälligere** weicht, bei der Möglichkeit der Wahl, dem **Leichteren** und **Fügsameren**, und da Geist und Sprache nicht mehr so einseitig verwachsen sind, so übt jener eine freiere Gewalt über diese aus.* (p. 60)

3b. Um novo modo de representação associa-se ao até então vigente; os grupamentos que se misturam não conhecem uns nos outros a composição específica das palavras de seus falares, recebendo-as no todo simplesmente como fórmulas; o que é **desconfortável** e **pesaroso** cede, quando é possível a escolha, ao que é mais **fácil** e **dócil**; e como espírito e língua já não mais se apresentam tão unilateralmente integrados, aquele exerce sobre esta um poder mais livre. (p. 61)

4a. *Das Wort, welches den Begriff erst zu einem Individuum der Gedankenwelt macht, fügt zu ihm bedeutend von dem **Seinigen** hinzu, und indem die Idee durch dasselbe Bestimmtheit empfängt, wird sie zugleich in gewissen Schranken gefangen gehalten.* (p. 68)

4b. A palavra, aquilo que primeiro transforma o conceito num indivíduo do mundo das idéias, acrescenta semanticamente a este **conceito muito de si**; e na medida em que a idéia recebe precisão por meio da palavra, é simultaneamente confinada a certos limites. (p. 69)

5a. *[...] und durch die Kraft, mit der alles einmal in sie **Uebergegangene**, wenn auch ursprünglich ganz frei geschaffen, nur in gewissen Gränzen der Analogie Fortbildung erlaubt.* (p. 76)

5b. [...] e através da força, com a qual tudo o que um dia para ela se **transportou**, mesmo que criado originariamente de modo inteiramente livre, permite um aperfeiçoamento somente dentro de certos limites da analogia. (p. 77)

O primeiro exemplo já mostra que o tradutor teve dificuldades para encontrar um equivalente em português – dizer “o primeiro tornar-se da língua” não faria sentido. Ele optou então por parafrasear esse termo, usando para isso, “o primeiro passo evolutivo da língua”. No segundo excerto, os verbos substantivados do alemão puderam simplesmente ser traduzidos por um substantivo correspondente em português, assim como ocorreu com os adjetivos substantivados no exemplo 3 – eles foram substituídos pelos adjetivos correspondentes no português.

Já os trechos 4 e 5 já são novamente complexos, pois um nominaliza um pronome e o outro um particípio. A palavra “*Seinigen*” não tem correspondente em português. O tradutor teve que retomar o termo pronominalizado e ainda acrescentar a expressão “muito de si” para representar o que Humboldt quis dizer com esse termo. E a tradução do particípio “*Uebergegangene*” por “transportou” aparentemente não atingiu sua meta estilística. O aposto de força, nesse caso, não ficou claro para um leitor comum.

Poder-se-ia citar mais exemplos desse fenômeno em Humboldt, ou ainda tantos outros exemplos a nível lexical, mas os exemplos acima mostram a gama de possibilidades e, por conseguinte, a gama de dificuldades que podem cair sobre o profissional da tradução. Porém, à título de ilustração, ainda se quer citar aqui dois desafios lexicais encontrados pelo tradutor da versão americana da obra **Os limites da Ação do Estado**. O editor J. W. Burrow fala no prefácio à obra sobre algumas dificuldades enfrentadas por J. C. Coulthard quando traduziu o texto publicado por A. Leitzmann (Vol. I dos **Humboldts Gesammelte Schriften**, de 1903). Traduzir *Recht* e *Kräfte* foi para ele um desafio, já que em inglês aquela pode ser traduzida por “justiça”, caso a referência seja aos princípios, ou por “direito”, caso a referência seja aos efetivos direitos legais. E a palavra *Kräfte* pode significar poder ou energias, dependendo do contexto. Em português, o tradutor teria a mesma dificuldade nesses dois casos, mas como o tema central do texto “Sobre o estudo comparativo das línguas em relação com as diferentes épocas do desenvolvimento das línguas” não compreende esses dois termos, não será dada maior ênfase à sua tradução.

Independentemente das críticas a paráfrases e imitações, e conscientes das dificuldades encontradas a nível lexical, há autores que defendem a “recriação” de uma frase para aqueles termos ditos “intraduzíveis”, como já sugere Walter Benjamin (*umdichten*). Isso é o que defende por exemplo também o estudioso da língua alemã Harald Weinrich. Em seu livro **Die Linguistik der Lüge** (1965), ele reafirma o que sempre fora uma polêmica: mais importante do que um termo isolado é esse termo em um texto. E se algo é interpretado somente através das palavras das línguas individuais, no texto essa interpretação sempre será diferente. Ou seja, parafraseando palavras do autor, não são os termos que se precisa traduzir, mas sim frases e textos, pois palavras traduzidas sempre mentem; textos traduzidos mentem apenas quando mal traduzidos.

4.4 DIFICULDADES NO NÍVEL SINTÁTICO

Além de uma análise das dificuldades lexicais, é imprescindível olhar também para as surpresas que a sintaxe reserva em uma tradução do alemão ao português. Obviamente o número e a variedade de surpresas não são muito

menores em uma tradução do português ao alemão, mas essas não serão abordadas aqui por motivos evidentes.

Wittgenstein, mesmo restringindo sua famosa frase “*Die Grenzen meiner Sprache bedeuten die Grenzen meiner Welt*”(48) à língua no geral, já sintetiza em partes o que ocorre a nível sintático com idiomas cujas famílias linguísticas são de diferente origem. Muitas vezes não há registro para determinada ocorrência e, portanto, a visão desta é limitada. Falando especificamente do português, o fato de ser uma língua neolatina, ou seja, de ter uma terminologia diferente do latim clássico, faz com que a explicação de determinados termos, tempos verbais, declinações, estruturas, seja praticamente impossível, simplesmente pelo fato de ela não existir mais. Isto é, há momentos em que o falante é limitado em seu mundo – ou o tradutor em sua profissão - por causa da limitação da sua língua.

E para começar essa análise, parte-se para a estrutura que talvez seja a mais desafiadora para tradutores do idioma alemão: a *Satzklammer*. Traduzir esse termo já é difícil simplesmente porque essa é uma estrutura completamente desconhecida para línguas neolatinas. Alguns gramáticos traduzem-no literalmente para “parêntesis frasal” e Markus Weininger (2000), doutor em linguística justamente na análise dessa estrutura, fala em “estrutura verbal descontínua”. Nesse trabalho, manter-se-á o termo em alemão.

Para explicar essa estrutura, é melhor que se parta de exemplos concretos. E o texto de Humboldt, assim como qualquer texto em língua alemã, é recheado dessas estruturas:

1. *Es **kann** auch die Sprache nicht anders, als auf einmal **entstehen**, oder um es genauer auszudrücken, sie **muss** in jedem Augenblick ihres Daseyns dasjenige **besitzen**, was sie zu einem Ganzen macht.* (p. 24)
2. *Die feinere Ausbildung **hat** sich schwerlich gleich an das erste Werden der Sprache **angeschlossen**.* (p. 28)
3. *Die Möglichkeit mehrerer, ohne alle Gemeinschaft unter einander, hervorgegangener Mundarten **lässt** sich im Allgemeinen nicht **bestreiten**.* (p. 30)
4. *Jedes Ausgesprochene bildet das Unausgesprochene, oder **bereitet** es **vor**.* (p. 26)
5. *Es muss daher als Maxime in der Sprachforschung gelten, solange nach Zusammenhang zu suchen, **als** irgend eine Spur davon erkennbar **ist**, und bei jeder einzelnen Sprache wohl zu prüfen, **ob** sie aus Einem Gusse selbstständig **geformt**, oder in grammatischer, oder lexicalischer Bildung mit Fremdem, und auf welche Weise **vermischt ist**?(p. 32)*

Nas palavras de Weininger, *Satzklammer* “São todas as ocorrências de grupos verbais onde o verbo finito junto com outros elementos predicativos formam

uma estrutura descontínua bipolar” (2000, p. 49). Tornando essa explicação mais acessível, essa estrutura é um conjunto formado por partes de um predicado complexo em que parte do verbo está no princípio da frase e parte do final. As três primeiras frases exemplificam que os verbos auxiliares (*kann, muss, hat* e *lässt*) estão no princípio da frase e o verbo principal somente no final do período. O exemplo 4 é um período com verbo de prefixo separável ou verbo bipolar, como Weininger define, em que o radical está na posição inicial e o prefixo no final da frase. Mas essa estrutura também pode aparecer em orações subordinadas, como mostra o quinto exemplo, em que pronomes relativos ou conjunções introduzem uma oração, cujo verbo finito aparece somente no final.

A partir da página 207 de sua tese, Weininger explana detalhadamente as funções da *Satzklammer* na área da sintaxe, no entanto como esse não é o foco aqui, sintetizar-se-á essa explicação, para tentar pelo menos compreender sua frequência e importância em textos alemães. Essa *Klammer* é útil para integrar frases complexas. Caso o texto fosse constituído somente de períodos simples, ele não seria um texto elevado. Ou seja, a *Satzklammer*, além de integrar todos os elementos, deixa o período perfeitamente compreensível pela posição definida de seus constituintes, “multiplicando assim mais ainda o número de possíveis variações do conteúdo em fina sintonia com a sua complexidade e com as necessidades e preferências situacionais” (p. 279).

Os exemplos supracitados foram intencionalmente escolhidos para que essa estrutura seja compreendida. Todavia a complexidade dos textos de Humboldt reside justamente na complexidade e diversidade possibilitada por essas estruturas, que podem espalhar-se por várias linhas, ou até por uma página:

Allein durch Ableitung in den feineren Verzweigungen der Begriffe, durch Zusammensetzung, durch den inneren Ausbau des Gehalts der Wörter, durch ihre sinnvolle Verknüpfung, durch phantasiereiche Benutzung ihrer ursprünglichen Bedeutungen, durch richtig empfundene Absonderung gewisser Formen für bestimmte Fälle, durch Ausmerzung des Ueberflüssigen, durch Abglättung des rauh Tönenden geht in der, im Augenblick ihrer Gestaltung armen, unbehülflichen und unscheinbaren Sprache, wenn ihr die Gunst des Schicksals blüht, eine neue Welt von Begriffen, und ein vorher unbekannter Glanz der Beredsamkeit auf. (p. 22)

Caso se compare essas construções sintáticas com equivalentes em português, verificar-se-á que elas não são possíveis, ou seja, que em português não há um pré e pós-verbo, que os prefixos não são separáveis e que os verbos

auxiliares ficam ao lado dos principais em frases com um conjunto verbal. Além disso, os verbos das orações subordinadas mantêm em português a mesma posição das orações principais. Para ilustrar, traduzir-se-á um dos exemplos citados anteriormente, mantendo a *Satzklammer*:

Es kann auch die Sprache nicht anders, als auf einmal entstehen, oder um es genauer auszudrücken, sie muss in jedem Augenblick ihres Daseyns dasjenige besitzen, was sie zu einem Ganzen macht. (p. 24)

Pode também a língua não diferente; do que de uma vez **surgir**, ou para o melhor exprimir, ela **deve** em qualquer momento de sua existência aquilo **possuir**, que a um todo **torna**.

Como se nota, a frase em português é praticamente incompreensível. E há de se considerar que essa frase é de nível moderado. A tradução sugerida por Luiz Montez ficou da seguinte maneira:

A língua só pode surgir de uma vez; ou, para exprimi-lo melhor, ela deve em qualquer momento de sua existência possuir aquilo que a torna um todo. (p. 25)

O tradutor do texto em estudo até procurou respeitar em vários momentos a construção frasal de Wilhelm von Humboldt, para manter a riqueza do original. Mas nos momentos em que a estrutura ficava dúbia, ele teve que tomar a decisão de modificá-la, às vezes inclusive colocando um ponto final ou ponto-e-vírgula.

No exemplo complexo citado acima (p. 22 do texto em estudo), a tradução procurou manter o estilo de Humboldt:

Somente através de derivação nas ramificações mais refinadas dos conceitos, através da composição, através da elaboração interior do conteúdo das palavras, através de sua combinação significativa, através do emprego criativo de seus significados originários, através do isolamento de certas formas em determinados casos, levado a cabo com correta sensibilidade, através da supressão do supérfluo, através do abrandamento do que soa áspero, somente assim emergirá na língua nascida pobre, acanhada e pouco vistosa, caso venha a ser tocada pela graça do destino, um mundo novo de conceitos e um brilho anteriormente desconhecido de eloquência. (p. 23)

Como se vê, o tradutor manteve toda a justificação inicial, sempre introduzida por “*durch*”, e colocou o verbo “emergirá” somente na penúltima linha. Ele também manteve a oração subordinada entre o verbo e o sujeito – “caso venha a ser tocada pela graça do destino-”, o que em português também não é muito comum. Porém ele não manteve a *Satzklammer* “*geht ... auf*”, por essa estrutura não existir em português, e acrescentou a expressão “somente assim” na antepenúltima

linha, para retomar as justificações anteriores, pois o “Somente” inicial está muito longe do verbo.

É de uma clareza ímpar, portanto, que o tradutor precisa tomar muitas decisões ao traduzir expressões como essas. E manter o equilíbrio em respeitar a estrutura do original e fazer-se entender na língua-alvo é bastante delicado. Como já dito acima, o tradutor Luiz Montez procurou manter a riqueza das expressões de Humboldt, mas há momentos em que a leitura provavelmente seria mais fluida, caso a oração fosse reestruturada, como é o caso desse exemplo:

[...] *und wenn das Schicksal es fügt, dass ein, dem Gemüthe, Ohr und Ton nach, vorzugsweise für Rede und Gesang gestimmtes Volk gerade in den entscheidenden Congelationspunkt des Organismus einer Mundart eintritt, so entstehen herrliche, und durch alle Zeit hin bewunderte Sprachen.* (p. 88)

[...] e quando o destino faz com que um povo - privilegiadamente apto, segundo o ânimo, o ouvido e o som, para o discurso e o canto - ingresse exatamente no ponto de congelamento decisivo do organismo de um falar, surgem então línguas maravilhosas e admiradas através de todos os tempos. (p. 87,89)

Já aproveitando o exemplo acima, quer-se aqui abordar um outro tópico sintático inexistente em português – o “*erweitertes Attribut*”, que em português foi traduzido pelo gramático Herbert Welker (2004) por “adjunto adnominal ampliado”. Esse adjunto é bastante comum quando está posicionado após o elemento de referência, “Todavia, anteposto, tal adjunto adnominal ampliado quase não existe no português, isto é, ele é muito raramente usado e só pode abranger poucas palavras (p.ex.: minha *já velha* mãe), ao passo que ele é extremamente frequente na linguagem escrita do alemão” (WELKER, 2004, p. 174). Na frase acima, esse atributo aparece para a palavra povo: *ein, dem Gemüthe, Ohr und Ton nach, vorzugsweise für Rede und Gesang gestimmtes Volk*. E caso o tradutor tivesse respeitado essa estrutura, a tradução seria ininteligível: “um privilegiadamente apto, segundo o ânimo, o ouvido e o som, para o discurso e o canto povo”.

E como Humboldt é um entusiasta da língua alemã e “ama” tais adjuntos, como comprovado por Steinthal (1884, p. 30), seu texto é recheado desses atributos, até porque eles dinamizam e elevam o nível do texto:

1a. *Das vergleichende Sprachstudium kann nur dann zu sicheren und bedeutenden Aufschlüssen über Sprache, Völkerentwicklung und Menschenbildung führen, wenn man es zu **einem eignen, seinen Nutzen und Zweck in sich selbst tragenden Studium** macht.* (p. 20)

1b. O estudo comparativo das línguas somente pode levar a esclarecimentos seguros e significativos sobre língua, desenvolvimento dos povos e formação do ser

humano quando é realizado como **um estudo em si mesmo, relevante para o seu próprio proveito e objetivo**. (p. 21)

2a. *Der dem Naturstande noch nahe stehende Mensch verfolgt auch eine einmal angenommene Vorstellungsweise leicht zu weit [...]* (p. 60)

2b. **O ser humano ainda próximo ao estado natural** também persegue, um pouco além do que devia, um modo de representação outrora acatado; (p. 61)

3a. *Die Möglichkeit mehrerer, ohne alle Gemeinschaft unter einander, hervorgegangener Mundarten lässt sich im Allgemeinen nicht bestreiten*. (p. 30)

3b. Em geral não se discorda de que sejam possíveis **vários falares resultantes sem quaisquer pontos comuns entre si**. (p. 31)

Nesse último exemplo, aliás, o tradutor teve que reestruturar toda a frase para torná-la compreensível em português.

Direcionando a análise para estruturas existentes em português, porém igualmente de difícil tradução, por serem em partes gramaticalmente discrepantes, chega-se à pronominalização. Esta é usada para assinalar a substituição de um nome ou de um sintagma nominal por um pronome – pessoal (o menino é bonito = **ele**), possessivo (eu tenho um filho = **meu** filho) ou demonstrativo (no ano de 1999 = **naquele** ano). Nesses três exemplos, a tradução não gera problemas – **er, mein Sohn** e **in diesem Jahr**. Porém se forem consideradas a terceira pessoa do singular e a do plural, encontrar-se-ão alguns desafios, como está bem explicado na gramática de Herbert Welker (2004, p. 178):

Na 3ª pessoa, é preciso tomar cuidado. Em português, os pronomes “seu/sua/seus/suas” podem referir-se a possuidores masculinos ou femininos, no singular ou no plural: “seu apartamento” pode ser o apartamento de Pedro, ou de Maria, ou dos dois, ou de dois amigos, ou de duas amigas. Em alemão, usa-se *sein-* se o “possuidor” for de sexo (ou gênero) masculino, ou de gênero neutro; *ihr-* é empregado no caso de uma “possuidora” ou de vários “possuidores”.

No texto em português é preciso, portanto, caso o contexto não deixe a referência clara, repetir o substantivo respectivo para não gerar equívocos, como se pode verificar no exemplo abaixo:

*Denn da **die Sprache** zugleich Abbild und Zeichen, nicht ganz Product des Eindrucks der Gegenstände, und nicht ganz Erzeugniss der Willkühr der Redenden ist, so tragen alle besondren in jedem **ihrer** Elemente Spuren der ersteren dieser Eigenschaften, aber die jedesmalige Erkennbarkeit dieser Spuren beruht, ausser ihrer eigenen Deutlichkeit, auf der Stimmung des Gemüths, das Wort mehr als Abbild, oder mehr als Zeichen nehmen zu wollen*. (p. 82)

Pois, como **a língua** é ao mesmo tempo reprodução e signo, não é inteiramente um produto da impressão dos objetos nem inteiramente uma produção do arbítrio do falante, todas **as línguas** particulares trazem em cada um de **seus** elementos

vestígios das primeiras destas características; mas cada momento do reconhecimento destes vestígios repousa, afora sua própria nitidez, sobre a disposição do ânimo em querer tomar a palavra mais como reprodução ou mais como signo. (p. 83)

Obviamente há casos em que a referência é clara, mas também podem ocorrer situações dúbias, como a seguinte:

*Gerade da, wo die Forschung die höchsten und tiefsten Punkte berührt, findet sich der von jeder besonderen Eigenthümlichkeit am leichtesten zu trennende mechanische und logische **Verstandesgebrauch** am Ende **seiner** Wirksamkeit, und es tritt ein Verfahren der inneren Wahrnehmung und Schöpfung ein, von dem bloss soviel deutlich wird, dass die objective Wahrheit aus der ganzen Kraft der subjectiven Individualität hervorgeht* (p. 78)

Precisamente lá, onde a pesquisa toca os seus pontos mais elevados e mais profundos, encontra-se, no fim de **sua** efetividade, o uso mecânico e lógico do entendimento mais facilmente separável de toda característica particular, dando lugar a um processo de percepção e criação interior no qual fica bem nítido apenas que a verdade objetiva provém de toda a força da individualidade subjetiva (p. 79)

No texto alemão, a referência de “*seiner*” a “*Verstandesgebrauch*” é clara, tanto por vir imediatamente em seguida, como e principalmente por este ser o único termo masculino no trecho. Já o pronome “sua”, por sua posição na frase e pela sua ambiguidade, deixa o leitor confuso – ele se refere à pesquisa ou ao uso?

A pronominalização toma outras proporções quando se leva em consideração o fato de a língua alemã dispor de três gêneros: masculino, feminino e neutro, e de esses ainda poderem ser declinados em quatro casos (nominativo, acusativo, dativo e genitivo). Em português não há nem o artigo neutro (das), nem a diferenciação do artigo dependendo da sua função sintática.

Essa característica pode ser tanto um elemento facilitador (ex. 1) da compreensão de textos alemães, como também um agravante (ex. 2):

1a. *Das Wort, welches den Begriff erst zu einem Individuum der Gedankenwelt macht, fügt zu ihm bedeutend von **dem Seinigen** hinzu, und indem die Idee durch **dasselbe** Bestimmtheit empfängt, wird sie zugleich in gewissen Schranken gefangen gehalten. Aus **seinem** Laute, **seiner** Verwandtschaft mit andren Wörtern ähnlicher Bedeutung, dem meistens in **ihm** zugleich enthaltenen Uebergangsbegriff zu dem neu bezeichneten Gegenstande, welchem man es aneignet, und seinen Nebenbeziehungen auf die Wahrnehmung, oder Empfindung entsteht ein bestimmter Eindruck [...].* (p. 68)

1b. A palavra, aquilo que primeiro transforma o conceito num indivíduo do mundo das idéias, acrescenta semanticamente a este conceito muito de si; e na medida em que a idéia recebe precisão por meio da palavra, é simultaneamente confinada a certos limites. Uma determinada impressão surge de seu som, seu parentesco com outras palavras com significado semelhante, de seu conceito transitório - geralmente

contido nela de modo simultâneo - para o objeto renomeado do qual ela se apropria, e de suas relações paralelas com a percepção, ou com o sentimento. (p. 69)

2a. *Indem nun die Nationen sich dieser, schon vor ihnen vorhandenen Sprachelemente bedienen, indem **diese ihre** Natur der Darstellung der Objecte beimischen, ist der Ausdruck nicht gleichgültig, und der Begriff nicht von der Sprache unabhängig.* (p. 76)

2b. Na medida em que agora as nações servem-se destes elementos lingüísticos a elas pré-existentes; na medida em que elas misturam sua natureza à representação dos objetos, a expressão não é indiferente e o conceito não é independente da língua. (p. 77)

Todos os elementos em negrito no primeiro trecho referem-se ao termo “*Wort*”, e isso está bem claro. No texto em português foi necessário repetir o termo “palavra” para que o restante do excerto ficasse inteligível.

No segundo exemplo, o tradutor entendeu que a referência eram as nações (*Nationen*), mas pode ser que Humboldt tenha se referido aos elementos lingüísticos (*Sprachelemente*), pois os pronomes “*diese*” e “*ihre*” se referem, nesse caso, a um nome no plural. Roman Ingarden também dedicou parte de sua explanação à análise desse tópico no texto de Kant. Este, também famoso por sua escrita difícil, vale-se bastante da pronominalização, “*but their reference is hard to establish because in the text that precedes them there is a number of same-gender nouns that a given pronoun could point to*” (1991, p. 171).

Ou seja, a pronominalização pode ser um obstáculo ao tradutor tanto na recepção do texto original, como na produção do texto-alvo, principalmente quando se tem à frente um texto de Humboldt, que é o escritor alemão que mais usa esses pronomes, segundo Steinthal (1884, p. 31). E caso a língua alemã não seja a língua materna, ou seja, caso o leitor tenha dificuldades em identificar os artigos ou os casos alemães, sua compreensão do texto pode ser comprometida. Masa Nomura e João Azenha, especialistas dessa área da Universidade de São Paulo (USP), discorrem sobre o assunto em vários artigos. Em um deles, falam explicitamente dos conhecimentos, isto é, da competência lingüística de que se precisa dispor para entender o texto-fonte:

saber construir uma frase declarativa (enunciação acerca dos fatos do mundo); saber quais regras são necessárias para promover uma pronominalização; saber como as informações da base proposicional (o conteúdo temático) se misturam com o plano de ação e se distribuem ao longo do texto/discurso para constituir as proposições (as menores unidades semânticas de cada oração); saber a partir de que regras se dá a entender ao interlocutor se determinado objeto de que fala o texto já é previamente conhecido dele; saber que unidades lexicais ocupam quais

posições na estrutura sintática; saber como as frases são conectadas umas com as outras; saber quais regras fonológicas usar para dar relevância a determinados elementos sintáticos, e assim por diante (2009, p. 221).

Alguns desses saberes já foram abordados anteriormente, como o conhecimento de mundo do leitor, quando se estudou as características histórico-culturais do texto de Humboldt. Ou os desafios que determinados elementos lexicais podem proporcionar. E a pronominalização também merece destaque e aprofundamento, uma vez que Humboldt, como já apresentado anteriormente, explora incansavelmente as possibilidades de sua língua.

Para mais uma vez exemplificar essa questão, veja-se o trecho abaixo:

*Auf diese Weise wird zwar allerdings selbst die Bearbeitung einer einzigen Sprache schwierig. Denn wenn auch der Totaleindruck **jeder** leicht aufzufassen ist, so verliert man sich, wie man den Ursachen **desselben** nachzuforschen strebt, in einer zahllosen Menge scheinbar unbedeutender Einzelheiten, und sieht bald, dass die Wirkung der Sprachen nicht sowohl von gewissen grossen und entschiednen Eigenthümlichkeiten abhängt, als auf dem gleichmässigen, einzeln kaum bemerkbaren Eindruck der Beschaffenheit **ihrer** Elemente beruht.* (p. 20)

Os termos destacados em negrito retomam elementos anteriores. Considerando, então, que esse idioma possui três gêneros (*der*, *das* e *die*) e que as orações são construídas a partir dos quatro casos (nominativo, acusativo, dativo e genitivo), é preciso identificar esses mecanismos de relação e de retomada. O pronome indefinido “*jed*”- está aqui na forma genitiva, retomando o termo *Sprache*. Mas para se chegar a essa conclusão, o leitor precisa saber que *Sprache* é um substantivo feminino e que o genitivo feminino declina em “*er*”. “*Desselben*” também é um pronome no genitivo, porém demonstrativo, e retoma um termo masculino, uma vez que o genitivo masculino declina em “*es*”. Também o pronome possessivo “*ihrer*” está no genitivo, mas chegar a essa conclusão também exige uma análise esmiuçada, uma vez que o dativo feminino também é “*ihrer*”. E mais, mesmo no dativo, tanto a declinação no feminino como a no plural terminam em “*er*”. Ou seja, para alguém que ainda tem certas dificuldades em identificar prontamente as relações pronominais alemãs, é necessário reconstruir as amarras sintáticas do texto. Arbítrio proferido também por Nomura e Azenha no artigo citado acima, pois assim a sintaxe pode ser construída de forma mais simples e visível.

Caso se faça esse exercício, o que já pode servir como ajuda concreta ao leitor desse estudo, ter-se-ia as seguintes construções: a) “*jeder*”: *der Totaleindruck **jeder Sprache** ist leicht aufzufassen* – „a impressão total de cada língua é fácil de

ser conceituada“; b) “*desselben*”: *man strebt den Ursachen **des selben Totaleindrucks** nachzuforschen* – “pretende-se investigar as causas da mesma/daquela impressão total” ; c) “*ihrer*”: *die Wirkung der **Sprachen** beruht auf dem Eindruck der Beschaffenheit **ihrer** Elemente (die Elemente der Sprachen werden beschaffen)* – “a ação das línguas se baseia na impressão da constituição de seus elementos”. Análise que pode levar o tradutor a produzir um trecho semelhante ao resultado obtido pelo tradutor do texto estudado:

É certo que, desta maneira, fica mesmo difícil tratar de uma única língua. Pois, ainda que se possa conceber facilmente a impressão total de cada uma, fica-se perdido em inúmeros detalhes aparentemente insignificantes quando se intenta investigar as causas daquela impressão, e logo se compreende que a atuação das línguas depende menos de certas características grandes e firmes; ela repousa antes sobre a impressão constante, por vezes quase imperceptível, da composição de seus elementos. (p. 21)

Obviamente se poderia abordar e aprofundar mais exemplos, tanto de palavras como de sintagmas, que são diferentes nos dois idiomas ou inexistentes em um ou outro. O subjuntivo, os tempos verbais no passado, as formas de negação, os “*feste Nomen-Verb-Verbindungen*” (construções verbais complexas, cujo verbo recebe outro significado quando relacionado a determinado nome) são alguns dos exemplos dessas disparidades. Porém os elementos mais desafiadores para o tradutor e os mais comuns em Humboldt já foram abordados. E espera-se que o objetivo tenha sido atingido.

CONCLUSÃO

Foi um enorme prazer conhecer Wilhelm von Humboldt mais de perto. Todavia é honesto afirmar que também foi um enorme desafio conhecer suas obras mais de perto, até porque o ecletismo e a erudição dessas são um reflexo das suas atribuições - filósofo, linguista, escritor, tradutor, poeta, político alemão, intelectual, homem do estado prussiano, diplomata, fundador da Universidade de Berlim, pai do sistema educacional alemão etc.

Humboldt poderia ser encaixado em diversos grupos, como entre os clássicos Goethe e Schiller na literatura, entre os políticos Hardenberg, Stein, Metternich und Gentz, entre os linguistas Jacob e Wilhelm Grimm, entre Schlegel e Bopp na filosofia, entre outros – Por isso, *“Diese Zugehörigkeit zu verschiedenen Gebieten macht es so schwer, seine Leistungen in einem vereinheitlichen Ganzen zu integrieren und ein „Werk“ als solches zu erkennen – was bei Persönlichkeiten wie Kant oder Schiller wesentlich einfacher, weil eindeutiger, ist“*(49) (MAURER, 2016, p. 294-295). Ou seja, o fato de suas obras terem um caráter holístico e interdisciplinar, pode ter contribuído para que suas ideias não fossem mais desenvolvidas, pois não puderam ser enquadradas em nenhuma linha de estudo já conhecida.

Algumas especulações apontam que sua teoria acerca da linguagem humana como um sistema regido por regras seja a base da teoria de Noam Chomsky sobre a gramática transformacional. Outras alegam que seus estudos da relação dinâmica entre língua, cultura e pensamento teria sido a inspiração para a hipótese Sapir-Whorf sobre o relativismo linguístico. Mas não há nenhuma fonte formal que afirme que esses autores foram discípulos de Humboldt. Entretanto, ao final desse estudo, é possível afirmar que a contemporaneidade e a inteligência de seus escritos poderiam colocá-lo, por exemplo, ao lado de Saussure como edificador do que se sabe hoje sobre linguística.

E justamente o uso do futuro do pretérito em “poderiam” introduz a real conclusão desse estudo: o papel do tradutor de um texto filosófico de Wilhelm von Humboldt é dificultado pela complexidade do seu pensamento. As suas auto reflexões, a profundidade e obscuridade de suas ideias, as aparentes “contradições” no seu pensamento, o uso minucioso da língua alemã e outros argumentos citados

ao longo da dissertação conferem a Humboldt e a seus textos um caráter confuso e até mesmo divergente.

O papel do tradutor não se limita, portanto, somente e simplesmente em transmitir as ideias de Humboldt para seus leitores. Ele precisa primeiramente ser um aprendiz de Humboldt para entender suas ideias, ou seja, ler outras obras dele e conhecer também sua biografia. Já nessa hora o pleno domínio da língua se faz presente. No momento de produzir o texto na língua-alvo, obviamente o pleno domínio desta também é essencial, mas mais do que isso. Determinadas decisões precisam ser tomadas, como já exaustivamente abordado nos capítulos precedentes, para que ele consiga garantir a sobrevivência do original.

Viu-se ao longo do trabalho que essas decisões variam de tradutor para tradutor, pois, assim como cada filósofo tem seu estilo próprio, também o tradutor tem essa liberdade. Alguns preferem se manter o mais fiel possível ao original, exigindo mais do leitor; outros procuram facilitar a vida do leitor, modificando o texto drasticamente; alguns recheiam a tradução com notas explicativas ou fazem extensas introduções à obra traduzida, como foi o caso de algumas traduções de Humboldt; outros fazem como a antologia aqui analisada, ou sejam, deixam a versão original e a traduzida lado a lado para facilitar a compreensão, entre outras estratégias.

Infelizmente esse estudo não pode ser considerado um livro de receitas para o tradutor de Humboldt ou de qualquer outro texto filosófico, até porque isso é impossível. Mas se faz necessário aqui pontuar que a ideia de manter a versão original e a traduzida lado a lado é de uma riqueza ímpar. Nos dias de hoje, com a facilidade e/ou a necessidade que se tem de saber várias línguas, pode-se contar com o fato de que um leitor de filosofia provavelmente já teve contato com o idioma original, ou pelo menos se interessa tanto em entender a ideia que exploraria o enunciado de diferentes maneiras para chegar a uma compreensão mais fiel possível – essa ideia é embasada pelos próprios Weininger e Heidermann na sua obra dual, como por Jonathen Rée, em *The Translation of philosophie*, quando fala em traduções do francês ao inglês: “*Their petrified versions are almost perfect transparent, but only in the sense that readers with a little French can look straight through them and see what the original words must have been*” (2001, p. 233-234).

Este trabalho possivelmente apresenta algumas dicas de como o tradutor pode proceder ao ter um texto como o de Humboldt a sua frente, ou um profissional poderá ter aqui ao mínimo uma ideia do que o espera. Mas essa dissertação está longe de esgotar tudo que diz respeito aos desafios em traduzir filosofia *beziehungsweise* Humboldt. Há muitos aspectos que devem ser analisados ainda mais detalhadamente, o que pode ser realizado em uma pesquisa futura.

Conclui-se esse estudo, porém, com a esperança de que ele consiga, ao menos, contribuir para uma discussão viva e produtiva sobre o tema em diferentes áreas. Ou, como objetivado na introdução, que os amantes da filosofia e da linguística conheçam agora mais sobre Humboldt; que os estudantes de filosofia entendam porque Humboldt não é muito traduzido; que os estudiosos das Letras saibam quem influenciou os estudos da linguagem; e, finalmente, que os tradutores possam traçar algumas estratégias para o trabalho com um texto tão desafiador.

REFERÊNCIAS

APOSTOLOPOULOU, Georgia. *Probleme der neugriechischen Hegel-Übersetzung*. In.: FRANK et. al. **Übersetzen, verstehen, Brücken bauen. Geisteswissenschaftliches und literarisches Übersetzen im internationalen Kulturaustausch (Band 8, Teil 1)**. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1993.

ARAÚJO, José Carlos Souza. O projeto de Humboldt (1767-1835) como fundamento da pedagogia universitária. **APRENDER** - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação. Vitória da Conquista, Ano VII, n. 12, p. 65-81, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/4261/pdf/232>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

BATALHA, Maria Cristina; PONTES JR., Geraldo. **Tradução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Die Aufgabe des Übersetzers*. Trad. de Susana Kampff Lages. In.: HEIDERMANN, Werner (org.). **Clássicos da Teoria da Tradução**. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

BERGLAR, Peter. **Wilhelm von Humboldt**. Berlin: Rowohlt Taschenbuch Verlag, 1970.

BISPO, A.A.(Ed.). "O ideal do processo formativo em Wilhelm von Humboldt (1767-1835) nos seus pressupostos teóricos em recepção do antigo pensamento filosófico". **Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira** 140/2 (2012:6). Disponível em: <<http://revista.brasil-europa.eu/140/Ideal-formativo.html>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

BYKOWA, Marina. *Probleme der philosophischen Übersetzung*. In.: FRANK et. al. **Übersetzen, verstehen, Brücken bauen. Geisteswissenschaftliches und literarisches Übersetzen im internationalen Kulturaustausch (Band 8, Teil 1)**. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1993.

CARDOZO, Maurício; HEIDERMANN, Werner; WEININGER, Markus. **A escola tradutológica de Leipzig**. Frankfurt am Main: Peter Lang (Internationaler Verlag der Wissenschaften), 2009.

CARVALHO, Olavo de. Aristóteles: os quatro discursos. In: Idem. **Aristóteles em Nova Perspectiva: Introdução à Teoria dos Quatro Discursos**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/livros/4discursos.htm>. Acesso em: 01 dez. 2006.

CERQUEIRA, Luiz Alberto. A Ideia de Filosofia no Brasil. **Revista Filosófica de Coimbra**, n. 39 (2011). Disponível em: http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/a_ideia_de_filosofia_no_brasil. Acesso em: 03 mar. 2017.

CURRICULUM Vitae de Jesualdo Correia. Disponível em: <http://www.jesualdocorreia.com/curriculum-vitae/>. Acesso em: 25 nov. 2015.

DEDECIUS. *Festvortrag*. In.: FRANK et. al. **Übersetzen, verstehen, Brücken bauen**. *Geisteswissenschaftliches und literarisches Übersetzen im internationalen Kulturaustausch (Band 8, Teil 1)*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1993.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. São Paulo: Editora 34, 1997.

DOSTAL, Robert J. *Das Übersetzen Kants ins Englische*. In.: FRANK et. al. **Übersetzen, verstehen, Brücken bauen**. *Geisteswissenschaftliches und literarisches Übersetzen im internationalen Kulturaustausch (Band 8, Teil 1)*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1993.

DUDEN. *Deutsches Universalwörterbuch*. Mannheim, Wien, Zürich: Dudenverlag, 1989.

FABIANO de Lemos Britto. Disponível em: <http://www.escavador.com/pessoas/7096680>. Acesso em: 22 nov. 2015.

FEGER, Hans; BRITTNACHER, Hans Richard. **Die Realität der Idealisten**. Köln: Böhlau Verlag, 2008.

FERNANDES, Millôr. **A Megera Domada de William Shakespeare**: tradução. Porto Alegre: L&PM, 1998.

FRANK, Armin Paul / MAAß, Kurt-Jürgen / PAUL, Fritz / TURK, Horst (org.). **Übersetzen, verstehen, Brücken bauen**. *Geisteswissenschaftliches und literarisches Übersetzen im internationalen Kulturaustausch (Band 8, Teil 1)*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1993.

FREUD. Über Psychotherapie. In.: **Gesammelte Werke: chronologisch geordnet**. 5. Aufl.: *Werke aus den Jahren 1904-1905*. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1972.

FROTA, Maria Paula. Um balanço dos Estudos da Tradução no Brasil. Universidade Federal de Santa Catarina: **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 19, p. 135 a 169, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6996/6481>. Acesso em 02.03.2017.

FURLAN, Mauri. A missão do tradutor. Aspectos da concepção benjaminiana de linguagem e de tradução. UFSC: **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 1, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5078/4539>. Acesso em 02.12.2016.

GABRIEL, Gottfried; GRÜNDER, Karlfried; RITTER, Joachim. **Historisches Wörterbuch der Philosophie**. Darmstadt: Wiss Buchges, 1972.

GENTZLER, Edwin. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. São Paulo: Madras, 2009.

GOETHE, Johann Wolfgang von. Três trechos sobre tradução. Trad. de Rosvitha Friesen Blume. In.: HEIDERMAN, Werner (org.). **Clássicos da Teoria da Tradução**. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. Perpétua Prisão Órfica ou Ênio tinha três Corações: O relativismo linguístico e o aspecto criativo da linguagem. 2008. 240 f. Tese (Doutorado em Letras) - Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Paraná. Disponível em <http://www.usp.br/verve/coordenadores/rgoncalves/tese-rgoncalves.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2016.

HEGEL, G. W. F. **A Razão na História** – Uma Introdução geral à Filosofia da História. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Ed. Centauro, 2001.

HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. 11. Auflage. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967.

_____. **Ser e Tempo**. Parte I. Trad. de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 15ª ed. Petrópolis, Vozes, 2005.

HEIDERMAN, Werner (org.). **Clássicos da Teoria da Tradução**. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

_____; WEININGER, Markus J. (orgs.) **Wilhelm von Humboldt: Linguagem, Literatura e Bildung**. Florianópolis: UFSC, 2006.

HUMBOLDT, Wilhelm von. Introdução a Agamêmnon. Trad. de Susana Kampff Lages. In.: HEIDERMAN, Werner (org.). **Clássicos da Teoria da Tradução**. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

_____. *Ueber das vergleichende Sprachstudium in Beziehung auf die verschiedenen Epochen der Sprachentwicklung*. Trad. de Luiz Montez. In.: HEIDERMAN, Werner; WEININGER, Markus J. (orgs.) **Wilhelm von Humboldt: Linguagem, Literatura e Bildung**. Florianópolis: UFSC, 2006.

_____. **Os limites da ação do estado**. Trad. de Jesualdo Correia. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

HUME, David. **An enquiry concerning human understanding**. London: A. Millar, 1748. Disponível em: <http://www.davidhume.org/texts/ehu.html>. Acesso em: 26 nov. 2016.

INGARDEN, Roman. *On Translation*. In.: A-T. Tymieniecka ed. **Analecta Husserliana**, Vol. XXXIII. Holanda: Kluwer Academic Publishers, 1991, p. 131-192.

JUNIOR Caio Prado: **O que é filosofia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LAGES, Susana Kampff. “A Tarefa do Tradutor” e o seu duplo: a teoria da linguagem de Walter Benjamin como teoria da traduzibilidade. UFSC: **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 3, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5378/4924>. Acesso em: 02 mai. 2017.

LEMOS, Fabiano. Sobre reformas no sistema de ensino - Wilhelm von Humboldt: Introdução, tradução e notas. **Rev. bras. hist. educ.**, Campinas-SP, v. 11, n. 1 (25), p. 207-241, jan./abr. 2011. Traduzido de HUMBOLDT, Wilhelm von. **Politische Denkschriften**, parte 1, que integra a edição de suas Obras reunidas [**Gesammelte Schriften**], volume X, editada por Bruno Gebhardt em 1903 (p. 299-302). Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/21/63>>. Acesso em: 15 out. 2015.

MAURER, Michael. **Wilhelm von Humboldt: Ein Leben als Werk**. Köln: Böhlau Verlag, 2016.

MILANI, Sebastião Elias. WILHELM VON HUMBOLDT: NASCIMENTO, FILOSOFIA E CIÊNCIA. **Signótica**, v. 18, n. 2, p. 309-325, jul./dez. 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/50806223_Wilhelm_von_Humboldt_nascimento_filosofia_e_ciencia. Acesso em 02 mar. 16.

MOLINA, Jorge Alberto. A leitura dos textos filosóficos. UNISC: **SIGNO**, Santa Cruz do Sul, v. 31, ed. especial, p. 37-47, 2006. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/438>. Acesso em: 20 Nov. 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NOMURA, Masa; AZENHA, João. O texto como unidade de trabalho no ensino de línguas e de tradução. **Pandaemonium germanicum**, São Paulo, v. 14, 2009.2, p. 218-242. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pg/n14/a12.pdf>. Acesso em: 29 Apr. 2017.

ORTEGA Y GASSET, José. *Miseria y Esplendor de La Traducción*: traduções sinóticas. **ScientiaTraductionis**, Santa Catarina, n. 13, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/30232/25187>. Acesso em: 15 out. 2014.

OUSTINOFF, Michael. Tradução: História, teoria e métodos. UFSC: **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 3, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2011v2n28p213/20382>. Acesso em: 22 jan. 2016.

PAVIANI, Jayme. O texto filosófico-literário e o texto literário-filosófico. **VERITAS**, Porto Alegre, v. 48, n.º. 4, dez. 2003, p. 549-558.

PEREIRA, _Elisabete Monteiro de Aguiar. A universidade da modernidade nos tempos atuais. Revista Avaliação (Campinas) vol.14, n. 1, Sorocaba, Mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-4072009000100003>. Acesso em: 24 nov. 2015.

PONS – Dicionário online. Disponível em: <http://pt.pons.com>. Acesso em: 06.05.2017.

QUINTON, Anthony. Philosophy. In. HONDERICH, Ted. **The Oxford Companion to Philosophy**. Trad. de Paulo Ruas. 1ª ed. Oxford University Press: Pbk edition, 1995. Disponível em: <http://filosofia.paginas.ufsc.br/files/2013/04/Filosofia.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2016.

RÉE, Jonathan. *The Translation of Philosophy*. **New Literary History**, vol. 32, n. 2, Reexamining Critical Processing, 2001, p. 223-257.

SAUTER, Christina M. **Wilhelm von Humboldt und die deutsche Aufklärung**. Berlin: Duncker und Humblot, 1989.

SCHLEGEL, Friedrich. *Philosophische Lehrjahre (1796-1806) – 1. Teil*. Hrsg. von Ernst Behler. In.: **Kritische Friedrich-Schlegel-Ausgabe**. München, Paderborn, Wien: Verlag Ferdinand Schöningh, Bd. 18, 1963.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de Tradução. Trad. de Margarete von Mühlen Poll. In.: HEIDERMAN, Werner (org.). **Clássicos da Teoria da Tradução**. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Über Sprache und Worte*. Trad. de Ina Emmel. In: HEIDERMAN, Werner (org.). **Clássicos da Teoria da Tradução**. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

SCURLA, Herbert. **Wilhelm von Humboldt: Werden und Wirken**. Berlin: Verlag der Nation, 1976.

SEGATTO, Antonio Ianni. Sobre pensamento e linguagem - Wilhelm von Humboldt. In.: Revista **Trans/Form/Ação**. São Paulo, 32(1): 193-198, 2009. Traduzido a partir da versão publicada em HUMBOLDT, Wilhelm von. **Schriften zur Sprache**. Herausgegeben von Michael Böhler. Stuttgart: Philipp Reclam, 2007. Disponível em: http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/21109/art_SEGATTO_Sobre_pensamento_e_linguagem_2009.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 15 out. 2015.

SELIGMANN, Márcio. Filosofia da Tradução – Tradução de Filosofia: o princípio da intraduzibilidade. Versão alemã publicada em MERTIN, Ray-Güde (org.). **Von Jesuiten, Türken, Deutschen und anderen Fremden**. Frankfurt a. M.: TFM, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/download/5376/4922>. Acesso em: 29 apr. 2015.

SEVERO, Cristine Gorski. HUMBOLDT E A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM, SER HUMANO E MUNDO: UMA VISÃO HOLÍSTICA. **Linguagem**, 2ª ed. (2008), Universidade de São Carlos. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao_02/02rlch_cgs.php. Acesso em: 23 nov. 2015.

_____. SOBRE O APAGAMENTO DE HUMBOLDT DAS TEORIAS LINGÜÍSTICAS MODERNAS. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica**. Faculdade de Educação Ciências e Letras Don Domênico (2008). Disponível em:

<http://faculdadedondome_nico.edu.br/novo/revista_don/apagamento_ed1.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2015.

SILVA, Luciana de Mesquita. Tradução e seus impasses no conto “Notas ao pé da página”, de Moacyr Scliar, sob o olhar de Rosemary Arrojo. **RÓNAI: REVISTA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E TRADUTÓRIOS** – 2013, vol. 1. n. 1, pp. 117 - 129 - UFJF – JUIZ DE FORA. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaronai/files/2013/08/PDF8.pdf> p. 119/120). Acesso em: 20 nov. 15.

SIPMANN, Marcos Suárez. Wilhelm von Humboldt, pensador universal, espírito independente. **Nueva Revista**, número 124, Septiembre 2009. Disponível em: <<http://www.nuevarevista.net/articulos/wilhelm-von-humboldt-pensador-universal-espiritu-independiente>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

SMITH, Barry. *Über die Grenzen der Übersetzbarkeit: Eine philosophische Fallstudie*. In.: FRANK et. al. **Übersetzen, verstehen, Brücken bauen. Geisteswissenschaftliches und literarisches Übersetzen im internationalen Kulturaustausch (Band 8, Teil 1)**. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1993.

STEINTHAL, Dr. H. **Die Sprachphilosophischen Werke Wilhelm´s von Humboldt**. Berlin: Ferd. DümmlersVerlagsbuchhandlung - Harrwitz und Gossmann, 1884.

TRABANT, Jürgen. **Apeliotes oder Der Sinn der Sprache**: Wilhelm von Humboldts Sprach-Bild. München: Fink Signatur, 1986.

TUGENDHAT, Ernst. **Lições introdutórias**: a filosofia analítica da linguagem. Ijuí (RS): Editora UNIJUI, 2006.

VIEIRA, Josalba Ramalho. Duas Leituras sobre A Tarefa do Tradutor de Walter Benjamin. UFSC: **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 1, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5079>. Acesso em: 02 dez. 2016.

WAHRIG-BURFEIND, Renate (org.). **WAHRIG**: Dicionário Semibílingue para brasileiros. Trad. de Karina Jannini e Rita de Cássia Machado. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

WEININGER, Markus J. **A Verbalklammer**: estruturas verbais descontínuas em alemão. Florianópolis: UFSC, 2000. 301 p. Tese (doutorado), Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

WEINRICH, Harald. **Die Linguistik der Lüge**. München: Verlag C. H. Beck, 1965.

WELKER, Herbert Andreas. **Gramática Alemã**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 3ª ed, 2004.

ANEXO A – TRADUÇÕES DAS CITACÕES EM ALEMÃO

(1) Eu também sabia porque eu frequentemente preferia traduzir a escrever; trazer algo de uma língua estrangeira para as grades da própria é uma possibilidade de achar chão firme sob os pés.

(2) A diversidade das línguas não está na diversidade de sons e sinais, mas na diversidade das visões de mundo.

(3) Karoline sempre esteve lá quando Wilhelm precisava; e ela sabia também se manter antecipadamente em segundo plano, quando a atividade de seu marido assim o exigia.

(4) Em sua totalidade, eles não representam um opus poético de muita importância, mas sim uma abrangente autobiografia psicológica em verso, que ninguém jamais fizera sobre si mesmo.

(5) ele dominou o francês, o inglês, o italiano e o espanhol falado e escrito; assim como o grego, o latim, o basco, o provençal, o húngaro, o checo e lituano. Por mais de duas décadas, ele trabalhou com as línguas indígenas das Américas Central, do Sul e do Norte, ele lidou com o copta, o egípcio antigo, o chinês e o japonês, e a partir de 1820, especialmente com o sânscrito.

(6) Humboldt pensa em tudo, controla tudo, decreta tudo: exame de seleção, regras para transferência, *Abitur* (não antes dos dezoito), taxas escolares, divisões administrativas.

(7) A nova universidade foi e permaneceu, durante todo o século 19 e até o limiar do império de Hitler, uma das universidades mais brilhantes da Alemanha, o centro de uma ciência de nível internacional.

(8) De fato, milhões de crianças e jovens frequentam escolas e universidades que ele "inventou", se é que se pode dizer dessa maneira; e essas permanecem preservadas desde então [...], a princípio, baseadas nos fundamentos estabelecidos por Humboldt.

(9) O homem dos conceitos sem conclusão.

(10) Ele permaneceu em um interlúdio entre uma irrealidade marmórea-ideal grega e um cosmopolitismo prussiano conservador-progressista - figura simbólica de toda discórdia alemã.

(11) Este Humboldt [...] não fornece uma "atualidade", que para nós possa fazer sentido, mas o fato de que um de nós tenta conscientemente e claramente pegar sua vida na mão, ou seja, tenta transformar essa atualidade com seus meios, com sua realidade e seus limites, com as limitações e oportunidades do seu tempo, em uma realidade fecunda e significativa, serve atemporalmente como um consolo e um incentivo.

(12) A poesia é o sol onde todos os planetas da arte e da ciência se dissolvem. φσ [filosofia] não pode ser uma WS [Ciência] ou WSWS [Ciência da Ciência] de forma

geral, só porque é [ciência]; a Poesia como uma representação é WS [ciência] também, e mais do que isso.

(13) Pode-se por um momento levar em consideração o contexto histórico, a fim de visualizar sistematicamente melhor os aspectos gramaticais e lexicais. No final, o texto deve retomar o seu lugar histórico.

(14) A dialética do relacionamento e do movimento da língua e do mundo formam o conteúdo de um texto filosófico, conteúdo esse formado concretamente por cada filósofo dentro de períodos e fontes culturais específicos.

(15) O "ser" é o conceito "mais comum": τὸ ὄν ἐστὶ καθόλου μάλιστα πάντων. *Illud quod primo cadit sub apprehensione est ens, cuius intellectus includitur in omnibus, quaecumque quis apprehendit.* Uma compreensão do ser é sempre já incluída em tudo que abrange o "tornar-se" um ser. Mas a "universalidade" do "ser" não é o gênero. "Ser" não limita a mais alta região do torna-se ser, desde que esta seja articulada pelo gênero e pela espécie: οὔτε τὸ ὄν γένος.

(16) a escultura, no entanto, *indo por via di levare*, tira da pedra e deixa só o que a superfície da imagem requer. Da mesma forma, meus senhores, a técnica sugestiva busca atuar *per via di porre*, ou seja, ela não se preocupa com a origem, a força e os significados dos sintomas da doença, mas usa a sugestão e espera que esta seja forte o suficiente, para evitar a ideia patogênica do enunciado. A terapia analítica, por outro lado, não quer editar, introduzir nada de novo, mas quer tirar extrair, e para alcançar isso, angustia-se pela gênese dos sintomas doentes e do contexto psicológico da ideia patogênica, cujo objetivo é sua remoção.

(17) O texto filosófico representa uma dimensão substancial da cultura, que ocorre para nós na linguagem dos termos. (...) Esses termos não são fórmulas convencionais vazias, mas estruturas concretas de significado – detentores de pensamentos reais. (...) Cada palavra, cada sinal linguístico corresponde a um tópico concreto do mundo.

(18) A interpretação da existência na temporalidade e a explicação do tempo como o horizonte transcendental da questão de ser.

(19) Em nenhum lugar uma obra de arte ou uma forma artística leva em consideração a pessoa que as recebe para ser fértil. [...] Porque nenhum poema aplica-se ao leitor, nenhuma imagem ao contemplador, nenhuma sinfonia ao público ouvinte.

(20) seu renovado e mais completo desdobramento.

(21) Mas a tradução não se vê como a poesia, dentro da floresta da própria linguagem, mas fora dela, de frente a ela, e sem adentrá-la, ela chama o original para dentro de si, para aquele único lugar, onde o eco de uma ressoa a obra em uma língua estrangeira da outra.

(22) Resgatar aquela língua pura exilada no estrangeiro em sua própria, libertar o que está preso a uma obra em um novo texto, é a tarefa do tradutor.

(23) uma criação co-produtiva e corresponsável.

(24) A troca aqui objetivada pode contar por experiência com laços profundos e duradouros de simpatia mútua.

(25) A primeira [tradução] nos familiariza em nosso próprio sentido com o estrangeiro.

(26) Um segundo período se segue, onde há um esforço em se colocar nas condições estrangeiras, mas na verdade só se apropria de um sentido estranho e se contradiz com seu próprio sentido.

(27) em que deseja fazer a tradução idêntica ao original, de modo que um não se deve aplicar em vez do outro, mas no lugar dos outro.

(28) algumas coisas ficam ocultas, algumas outras, ao contrário, são acrescentadas.

(29) não é uma mera transmissão de palavras de uma língua para outra, e nem uma reprodução de um puro formalismo de palavras e símbolos em uma língua estrangeira sob as regras e estruturas da língua materna.

(30) O tradutor não [deve] só ter um bom conhecimento filológico (que significa tanto a apropriação de um certo vocabulário e o cumprimento de regras linguísticas, quanto um certo senso de linguagem e uma certa competência linguística), mas também a capacidade de reflexão filosófica-cultural e filosófica-hermenêutica. [...] O tradutor deve, por outro lado, "acostumar-se" tão bem com o texto, "decodificar" tão integralmente seu propósito, que seja possível um reflexo do conteúdo do original na língua materna, isto é, ele pode pensar o proferido no texto com os meios de uma língua diferente e de uma maneira diferente.

(31) tapetes flamengos observados por trás: cheio de fios desfigurados.

(32) Wilhelm von Humboldt foi um dos primeiros que pensou a sociedade radicalmente a partir do indivíduo - e não como um todo, como faz o Estado.

(33) a consciência humana de si mesmo e de suas próprias ações (ou da sua atividade).

(34) Ela é caracterizada pela visão de que existem pessoas, tradições ou culturas especiais, que têm um acesso especial para a linguagem da filosofia, uma língua que não é fácil de entender - não menos para os representantes de outras tradições.

(35) [a filosofia] é entendida como uma contribuição para a vida intelectual e política mais ampla. Os filósofos na Alemanha contribuem para o domínio da orientação e têm o que poderia ser chamado de uma obrigação ideológica. Eles são, por vezes, chamados de "críticos do tempo", ou operam "a reconciliação do passado".

(36) mas ela também requer um conhecimento profundo da língua grega segundo padrões filosóficos; além disso, requer disposição para decidir sobre concessões estrangeiras, para as quais não há nenhuma regra de linguagem.

(37) Tudo que se pronuncia forma o impronunciado, ou prepara-o (Tradução de Luiz Cortez. In.: HEIDERMANN (org.), 2006, p. 27).

(38) As palavras de Humboldt incluem e dizem o mesmo e exatamente aquilo que elas querem, e fazem o que as palavras podem fazer.

(39) Só por causa disso H. é mais difícil de entender do que habituais escritores da nossa língua materna e de muitas das línguas antigas, porque aqui os meios de compreensão precisam ser procurados de forma trabalhosa e frequente.

(40) E que Kant realmente escrevia tão obscuramente, eu não acho. Ele escreve muito mais determinado, definido, e dividia muito precisamente. A dificuldade estava provavelmente apenas nas coisas, e no novo, na desconhecida forma de expressão.

(41) Para Kant e sua geração, a tradição da filosofia em língua alemã ainda estava se formando.

(42) Uma leitura mais de perto das “predições” mostra realmente, que também essas aludem a um texto complexo, indireto e parcialmente criptografado, que contém uma mensagem exótica admirável e esotérica crítica.

(43) Como o "Georgia Augusta" [Universidade de Göttingen] não oferta, na área de filosofia, nada além do ensino de filosofia popular, Humboldt procura por iniciativa própria por novos conceitos.

(44) Para Humboldt, o termo "espírito" se refere simultaneamente ao espírito do indivíduo e da nação, o que tornou o problema ainda mais complicado. Mas já aqui há duas razões que podem provar que o ponto de vista de Humboldt é tão importante e descomplicado para a linguagem. Em primeiro lugar, ao contrário do pensamento, que às vezes nos parece ser volátil e sutil, se pode realmente ouvir, falar e escrever a língua, ou pensar nela e se comunicar com outras pessoas. Em segundo lugar, o problema da linguagem tem clara relevância tanto para o indivíduo como para o coletivo. Em outras palavras: a linguagem é como patrimônio intelectual o meio de expressão para o indivíduo, e como uma instituição social a identificação característica de uma nação.

(45) As pessoas se afastam da linguagem rica do pensamento abstrato, enquanto a “matematização” do mundo coloca a simbolização científica em primeiro plano. A imagem ganha prioridade sobre a língua, enquanto a aceleração e a globalização da história marginalizam as grandes tradições, que já tinham uma tradição na escrita. Se este processo levará à desculturalização e à perda de tradições é uma questão que determina também a autenticidade da tradução de obras culturais representativas.

(46) Ser não deriva definitivamente de termos mais elevados e não pode ser expresso por menores.

(47) A indefinição de “ser” não é dispensada da questão de seu significado, mas justamente a incentiva.

(48) Os limites da minha língua significam os limites do meu mundo.

(49) Este pertencimento a diferentes áreas torna tão difícil integrar suas capacidades em um todo unificado e reconhecer seu trabalho como uma “obra” - o que é muito mais simples e claro para personalidades como Kant e Schiller.

ANEXO B – INTRODUÇÃO DO LIVRO *DIE SPRACHPHILOSOPHISCHEN WERKE WILHELM'S VON HUMBOLDT*, DE DR. H. STEINTHAL (1884)

Allgemeine Einleitung

in Humboldts sprachphilosophische Arbeiten.

Die allgemeine Einleitung in Humboldts sprachphilosophische Arbeiten ist kurz. Denn was eine solche zu leisten hätte, um dadurch zu denselben hinzuleiten, dass nämlich gezeigt würde, was H. als gegeben vorfand, und wie er das Vorhandene verarbeitete, lässt sich darum nicht ausführen, weil er nichts vorfand. Die Sprachphilosophie beginnt mit ihm, ist in ihm entstanden. Damit soll nicht geläugnet¹⁹ werden, dass die sogenannten philosophischen Grammatiken viele vortreffliche Erläuterungen und Ergebnisse von daurendem Werte enthalten; aber auf diesem Gebiete bewegen sich H.s Arbeiten nicht, und hier liegen seine Verdienste nicht. Die Kenntnis fern liegender Sprachen aber hatte bis auf ihn kaum mehr als das Interesse ethnologischer Curiositäten. Eben so ist auch die historisch-vergleichende Grammatik des Indogermanischen und die classische Philologie vor und namentlich neben ihm, wie wichtig auch für seine Bildung überhaupt, doch für die Schöpfung seiner Ideen über Sprache von keinem irgend welchen Belang gewesen. Seine Ansichten vom Wesen der Sprache und der Form der Sprachen sind lediglich aus ihm erzeugt, in dieser Beziehung gilt in vollem Maße, was er von der genialen Individualität sagt Er hat nicht an Vorhandenes angeknüpft and lässt sich aus Vorhergehendem nicht ableiten. Er ist nur ans sich zu erklären.

Wenn ich aber sage: aus sich, aus seiner Individualität, so muss ich freilich hinzufügen, dass solche Individualität nur zu seiner Zeit möglich war. Nicht unmittelbar, d. h. nicht durch ihren Inhalt, wirkte die classische Philologie und die obenein erst im letzten Jahrzehnt seines Lebens aufstrebende vergleichende Grammatik auf H.s Schöpfung, aber durch ihren befruchtenden Geist. Soll aber hierauf eingegangen werden, *dann* dürfte freilich der Einfluss des kantischen Geistes noch weniger übersehen werden; sowohl Kants kritische Philosophie als die Modification derselben durch Schiller und Eichte. Und so dürften die Ideen über Kunst und Dichtung hier am wenigsten übergangen werden. Nicht ein Kapitel der Geschichte der Sprachwissenschaft wäre also eine Einleitung in H.; sondern sie müsste ein Kapitel der Cultur-Geschichte Deutschlands werden, und, da diese Periode Deutschlands seine goldene war, so müsste es ein Kapitel der Cultur-Geschichte überhaupt werden: eine schöne Aufgabe, die ich aber nicht übernehme. Worauf es mir dabei vorzugsweise anzukommen scheint, habe ich schon vor Jahren ausgesprochen: die Klarheit der Idee der Humanität und die Anspannung des Gefühls der Humanität. Sie ist die Mutter der H.schen Sprachphilosophie, und diese ist eine ihrer schönsten Töchter.

Derselbe Geist, der Schiller und Goethe beseelte, der Grimm und Bopp, Böckh und Lachmann leitete, erzeugte auch H.: dies ist meine Einleitung.

Verlangt man aber eine Analyse, einen vorläufigen Hinweis auf den Kern, dem alles entsprossen ist: so kann ich auch so nur kurz sein. – H.s geniale Tat liegt in der Anknüpfung der Sprache an die höchste und letzte Kraft, auf welche unser Denken alles zurückführt; und es ist wahrhaft merkwürdig zu sehen, wie hier ein Object nur dadurch wissenschaftlich bedeutsam

¹⁹ Manteve-se aqui a ortografia do texto original.

und erforschbar wird, dass man es in den Kreis der unlösbaren Probleme erhebt. Ich glaube behaupten zu dürfen:

H.s Ansicht ist Kantisirter Spinozismus.

Näher betrachtet liegen hierin drei Hauptpunkte:

Der erste ist die Identität der Sprache mit dem menschlichen Geiste; und H. stellt sie mitten in jenes Problem, wie der einfache Geist sich in mannichfacher Tätigkeit offenbart, die eine Kraft sich in verschiedenen Richtungen zeigt, und wie überhaupt geistiges erscheint.

Hieran knüpfte sich nun für H. sogleich weiter das Problem der Erkenntnis: wie erfasst das Denken das Sein? Vermittelst der Sprache, antwortet H., wiederum nur ein Rätsel durch ein Rätsel erklärend.

Der andre Punkt ist empirisch: Humboldt erkannte, dass jede Sprache eine ganz individuelle Form habe; schließlich habe jedes Individuum seine Sprache. Diese empirische Entdeckung war der Stachel, der zur speculativen Erfindung trieb. Ist die Sprache so individuell, so sehr Sache des Einzelnen: wie ist Verständnis möglich? Ist Verständnis möglich, so ergab sich daraus für H. ohne weiteres, dass die Sprache nicht dem Einzelnen, sondern der Gesamtheit, schließlich der Menschheit gehöre. Die Frage aber ist nun: wie muss die Individualität gedacht werden, ohne dass sie aus der Gesamtheit herausfalle? Nicht das Sprechen, das Verstehen ist das wirklich Rätselhafte.

So war der dritte Punkt gegeben: die Sprache ist einerseits das Band der Individuen, welches sie aneinander und an die unendliche Urkraft bindet; und sie ist andererseits das individualisierende Princip, welches die Urkraft in die Wirklichkeit der Erscheinungen und in die geschichtliche Entwicklung versenkt.

Da nun die Individualisierung zunächst und hauptsächlich in den Nationen vorliegt, so ist hiermit die Wichtigkeit der Verteilung der Menschen nach Völkern und somit die Wichtigkeit der Sprache für die Geschichte ausgesprochen.

Was aber hier in drei Punkte zerschlagen ist, war für H. mit einem Schlage eine einzige Gedanken-Tat im Zusammenwirken aller seiner Kräfte. Dieses Zusammen von Speculation, Kunstsinn und Scharfblick war eben Wilhelm von Humboldt.

Verlangt man aber endlich noch, dass ich zeige, wie sich diese Urtat H.s in ihm entwickelt, ausgebreitet hat, wie sie die speculativen Principien and ästhetischen Fähigkeiten, wie die empirisch grammatischen and geschichtlichen Kenntnisse ergriffen und sich dadurch in immer weitem Kreisen bewahrheitet hat: so kann ich den Leser nur einladen, mit mir an die Lesung Es zu gehen. Er lasse sich in medias res führen. Wir haben ihn eben in seiner Entwicklung vor uns.

Die geistige Grund-Tat H.s war ein Keim, der nur allmählich und unter starken Mühen sich entwickelte. Wie seine Metaphysik längst feststand, so hatten auch seine anthropologischen Studien, seine Völker-Vergleichung schon im vorigen Jahrhundert begonnen. Und so wird auch wol seine sprachwissenschaftliche Idee gleichzeitig sowohl metaphysisch als historisch genährt und befruchtet worden sein, wie seine *Ankündigung einer Schrift über die Vaskische Sprache und Nnebst Angabe des Gesichtspunktes und Inhalts derselben* beweist, in der sich H. zum ersten male über seine Sprachbetrachtung wirklich äußert, da er früher doch nur Andeutungen gab. Diese *Ankündigung* ist in *Fr. Schlegels Deutschem Museum* H S. 485–502, 1812 erschienen. Sie enthält den wirklichen Keim unseres großen Werkes. Eine gewisse stark ausgesprochene Mystik könnte allerdings durch den Ort, für den sie berechnet war, hervorgehoben sein. Doch wissen wir nicht nur, dass eine solche in der Tat H.s Gemüt durch das ganze Leben erfüllte, und dass scheinbar kalte, klare Stellen von derselben, die hinzugedacht werden muss, Wärme und Tiefe erhalten, sondern es bleibt außerdem zu beachten, dass hier auch im Gegenteile die empirische Seite sehr stark betont wird.

Ich teile hier das Wesentlichste aus dieser ersten öffentlichen Aeußerung H.s über seine Sprachstudien mit. Er beginnt:

Bei dem Entschluß, einen einzelnen abgesonderten Volksstamm, wie der Vaskische ist, mit aller Ausführlichkeit und Genauigkeit zu beschreiben, welche die vorhandenen Hilfsmittel erlauben, habe ich vorzüglich die Forderungen vor Augen gehabt, welche, meiner Ueberzeugung nach, an eine gewisse und höchst nothwendige Bearbeitung der Weltgeschichte (da dieselbe unläugbar mehrere, von verschiedenen Gesichtspunkten aus, erlaubt und fordert), gemacht werden müssen.

Das Menschengeschlecht ist in Nationen, Stämme und Racen getheilt; wie selbstständig und frei das Individuum überall da ist, wo es sich seines Willens und seiner sittlichen Unabhängigkeit bewußt wird, so gehört doch das ganze Geschlecht auch auf eine ähnliche Weise, als die Geschlechter der Pflanzen und Thiere, der Natur an. Sowohl auf seine ursprünglichen Anlagen, als auf die Entwicklung derselben wirkt die Race, von welcher der Mensch abstammt, der Boden, auf dem er entsteht, die Luft, die er einathmet, die Gegend, die ihn umgiebt, der Himmel, zu dem er emporblickt. Ein Stamm ist vor dem andern beglückt, und das Höchste und Schönste, was die ältere und neuere Geschichte von nationaler Entwicklung darbietet, ist nicht sowohl Frucht der Anstrengung, des Fleißes, der Bildung, als Erzeugniß einer von Natur glücklichen Spannung, Stimmung und Mischung der Kräfte des Geistes und Gemüths. In welchem Zeitpunkt man nun die neben einander bestehenden Nationen in ihrem ununterbrochen forteilenden Laufe betrachten mag, wandern, trennen, vereinigen, mischen sie sich, sterben aus, körperlich durch wirklichen Untergang, oder geistig durch Ausartung, machen neuen Platz, oder treten selbst, in veränderter Gestalt, wieder auf. Allein jeder von irgend einer Seite her emungene Vorzug wirkt weiter fort, und ist gleichsam eine Eroberung in dem desjenigen, was sich in der Menschheit durch die Thai lässt, und so entstehen immer andre und andre, mehr oder minder vollkommene, aber einander gegenseitig unterstützende und durch einander gewinnende Formen der Menschheit.

Diesen Gesichtspunkt, von welchem aus das Menschengeschlecht gleichsam in seiner, ursprünglich hauptsächlich durch die physische Natur (Gebirge, Meere, Flüsse) veranlassten Trennung betrachtet wird, zu ergreifen, ist nicht weniger Pflicht der Weltgeschichte, als die einseinen großen Begebenheiten und moralischen Umwälzungen zu verfolgen, die auf Vereinigung der kleineren Massen gerichtet sind, und das moralische Dasein der ganzen Menschheit Einem höher gesteckten Ziele zuzuführen streben. Wie aber dies gewissemaßen zwiefache Bemühen fruchtbar in einander greifen muss, ist hier nicht der Ort, auseinander zu setzen. Hier ist nur von dem einen Geschäft der Weltgeschichte die Rede, der mannigfaltigen Verwandtschaft der Nationen und Racen, ihrem vielfachen Einwirken auf einander, ihrer Veredlung und Ausartung, und somit der Thätigkeit der Natur selbst, die aus nie ruhender Werkstatt neue und neue Gestalten hervor führt, unmittelbar den Menschen und die Größe der sich in ihm ausprägenden Idee ins Auge zu fassen; das Menschengeschlecht wie eine ungeheure Pflanze zu betrachten, die sich in wechselnden Richtungen, parasitisch wuchernd, über den Erdboden hin erstreckt, wo Boden und Himmel ihr lächeln, freudig empor spriest, sonst niedrig hinkriecht, ihre Wurzeln zwar der Erde vertraut, aber vom Thau und der Sonne einer andren hohem Welt erfrischt und erwärmt wird; und auf diese Weise dasselbe unmittelbar an die Natur, und diese an die Ideen zu knüpfen, in deren Herrschaft das organische Leben beider besteht, — wodurch nothwendig in jeder Brust der Gedanke rege, und fruchtbar bis zur Thal erhalten wird: von weichen Vätern entsprossen, welche Kinder und Enkel der Jetztlebende hinterlassen muss. In diesem Geschäft aber muss der Weltgeschichte auf mannigfaltige Weise, und vor allem durch genaue, ausführliche und treue Beschreibungen einzelner Stämme vorgearbeitet werden, an welchen es bis jetzt noch fast ganz fehlt. Denn da der Unterschied der Nationen sich am bestimmtesten und reinsten in ihren Sprachen ausdrückt, so muss in einer solchen Beschreibung das Studium der Sprache mit dem der Sitten und der Geschichte stoßen.

.... Es fehlt noch an festen Grundsätzen, die Verwandtschaftsgrade der Sprachen zu bestimmen; man ist noch zu wenig einig über die Zeichen, welche die Abstammung verschiedener Völker von einander beurkunden; man begnügt sich noch viel zu häufig mit der fragmentarischen Vergleichung einzelner Sitten, und ein paar Dutzend auf gut Glück aus einer Sprache herausgerissener Wörter; es stehen noch in diesem gränzenlos weiten Gebiete zu wenige Thatsachen als sichere Anhaltungs- und Vergleichungspunkte fest; man hat selbst noch zu schwankende Begriffe über die Art, wie die Sprache einer Nation zugleich Maßstab und Mittel ihrer Bildung ist, um nicht die Vereinigung des Sprach-, Geschichte- und Völkerstudiums zur Kenntniss und Würdigung des Menschengeschlechts — als eines großen, in Racen, Stämme und Nationen getheilten, Naturgesetzen und unabänderlich gegebenen Bedingungen unterworfenen, aber auch zugleich sich

selbst durch Freiheit bestimmenden Ganzen — für ein neues, wohl von fern gesehenes, allenfalls flüchtig durchstreiftes, aber erst jetzt wahr haß zu bearbeitendes Feld anerkennen zu müssen.

Hierauf wird S. 494 eine Betrachtung des Ländchens und seiner Bewohner, ihrer Lebensweise, Sitten, Verfassung und ihres Charakters in Form einer Reisebeschreibung versprochen.

Dann kommt H. auf die Sprache, und hier heißt es (S. 495):

Man kann es als einen festen Grundsatz annehmen, dass alles in einer Sprache auf Analogie beruht, und ihr Bau, bis in seine feinsten Theile hinein ein organischer Bau ist. Nur wo die Sprachbildung bei einer Nation Störungen erleidet, wo ein Volk Sprachelemente von einem andern entlehnt, oder gezwungen wird, sich einer fremden Sprache ganz oder zum Theil zu bedienen, finden Ausnahmen von dieser Regel Statt. Dieser Fall tritt nun zwar wohl bei allen, uns jetzt bekannten Sprachen ein — da wir von den Ursprachen und Urstämmen durch Klüfte getrennt sind, Über die keine Ueberlieferung mehr hinüber hüft — und selbst in den tiefsten Wäldern Amerikas dürfte man schwerlich ein Beispiel eines, durch reine vor Erlernung einer andern Sprache geschehene Absonderung entstandenen, und durchaus unvermischt gebliebenen Stammes antreffen. Allein wo eine Sprache ein fremdes Element in sich aufnimmt, oder sich mit einer andern vermischt, da beginnt auch sogleich ihre assimilirende Thätigkeit, und ihr Bemühen, nach und nach denjenigen Stoff, welcher in der Vermischung den kürzern zieht, so viel als möglich, in die, dem andern eigenthümliche analogische Bildung zu verwandeln, so dass durch diese Mischungen zwar kürzere und längere analogische Bethen entstehen; nicht leicht aber ganz unorganische Masse zurück bleibt.

Auch die wirklich vorhandene Analogie lässt sich indess nicht immer mit Glück bis in ihre feinsten Zweige verfolgen. Die Zeit verwischt ihre Spuren; Mittelglieder der Reihen gehen, da die Elemente der Sprache auch in ihrem wechselnden Entstehen und Untergehen lebendigen Individuen gleichen, verloren; ja der Mensch selbst, welcher die Sprache mit bilden geholfen hat, und noch hilft, ist sich nicht immer der Analogie, welcher er instinctmäßig folgt, bewusst, und das in ihren einzelnen Gliedern zertrennte Bewusstsein der Nation lässt sich nicht in Einen Brennpunct lebendig vereinigen. Zu dem eigentlichen Wesen der Sprache kommt man überdies durch keine, auch noch so vollständige Zergliederung. Es gleicht einem Hauche, der das Ganze aber, zu fein, an dem einzelnen Element seine Form für das Auge verliert, wie der Nebel des Gebirgs nur aus der Ferne Gestalt hat, so wie man aber in ihn hineintritt, formlos umherstiebt. Man nähert sich diesem ihrem Wesen aber, je mehr verschiedene Sprachen man genauer betrachtet, dadurch in das allgemeine Geschäft der Sprachbildung der gesumten Menschheit eindringend; je mehr man jede einzelne — und dazu sind die Zergliederungen unentbehrliche Vorarbeiten — als den individuell bestimmten Ausdruck einer gewissen nationalen Charakterform zu erkennen bemüht ist. Wenn man diesen Weg richtig verfolgt, gelangt man indess freylich selbst über die Grenzen des bloßen Sprachstudiums hinaus. Denn die Sprache ist Überall Vermittlerin, erst zwischen der unendlichen und endlichen Natur, dann zwischen einem und dem andern Individuum: zugleich und durch denselben Act macht sie die Vereinigung möglich, und entsteht aus derselben; nie liegt ihr ganzes Wesen in einem Einzelnen, sondern muss immer zugleich aus dem andern errathen, oder errahndet werden; sie lässt sich aber auch nicht aus beiden erklären, sondern ist (wie überall dasjenige, bei dem wahre Vermittlung Statt findet) etwas Eignes, Unbegreifliches, aber nur durch die Idee der Vereinigung des, für uns und unsre Vorstellungsart, durchaus Geschiedenen Gegebenen, und nur innerhalb dieser Idee Befangenen. Ihre Betrachtung, die jedoch, um nicht chimärisch zu werden, von der ganz trocknen, sogar mechanischen Zergliederung des Körperlichen und Construirbaren in ihr anfangen muss, führt also bis in die letzten Tiefen der Menschheit. Man muss sich nur durchaus von der Idee losmachen, dass sie sich so von demjenigen, was sie bezeichnet, absondern lasse, wie z. B. der Name eines Menschen von seiner Person, und dass sie, gleich einem verabredeten Chiffre, ein Erzeugniß der Reflexion und der Übereinkunft, oder überhaupt das Werk der Menschen (wie man den Begriff in der Erfahrung nimmt) oder gar des Einzelnen sei. Als ein wahres, unerklärliches Wunder bricht sie aus dem Munde einer Nation, und als ein nicht minder staunenswerthes, wenn gleich täglich unter uns wiederholtes, und mit Gleichgültigkeit übersehenes, aus dem Lallen jedes Kindes hervor, und ist (um jetzt nicht der überirdischen Verwandtschaft des Menschen zu gedenken) die leuchtendste Spur und der sicherste Beweis, dass der Mensch nicht eine an sich abgesonderte Individualität besitzt, dass Ich und Du nicht bloß sich wechselseitig fordernde, sondern, wenn man bis zu dem Punkte der Trennung zurück gehen könnte, wahrhaft identische Begriffe sind, und dass es in diesem Sinn Kreise der Individualität gibt, von dem schwachen, hülfbedürftigen und hilfälligen Einzelnen hin bis zum

uralten Stamme der Menschheit, weil sonst alles Verstehen bis in edle Ewigkeit hin unmöglich sein würde.

Mit den ersten Worten spricht hier H. den weltgeschichtlichen Standpunkt seiner Betrachtung aus. Doch ist er noch fern von dem was er später, in der Akad. Abh. darüber lehren wird. Es gebe mehrere Bearbeitungen der Geschichte; einer derselben will er Vorarbeiten. Welche diese ist, wird dann wol klar genug ausgedrückt. Der Mensch ist eine Wesens-Art der Natur, wie die Pflanze und das Tier, allerdings diejenige Art, zu deren Wesen auch und vorzugsweise der Geist gehört; aber der Geist wird hier auch nur als eine Form natürlicher Vegetation gefasst. Die Freiheit bleibt dabei völlig außer Acht; denn sie tritt nur im Individuum hervor, und bei dieser Geschichtschreibung werden bloß die Massen, Bassen, Stämme und Nationen in Betracht gezogen, wie in der Botanik und Zoologie die Arten, Familien, Classen. Dieselbe berichtet so wenig wie letztere von Taten als solchen, sondern nur von Erlebnissen der Menschheit.

Hier wird also das Menschengeschlecht von Seiten seiner Trennung (Z. 32) betrachtet während eine andre Form der Geschichte die Vereinigung (Z. 34) hervorhebt, worauf sich das moralische Leben richtet, das einem idealen Ziele zustrebt. Beide Formen müssen in einander greifen; hier jedoch soll nur von der erstem die Rede sein. Für diesen Gesichtspunkt aber ist die Sprache von besonderer Wichtigkeit. Hierbei jedoch vergesse man nicht, dass auch hier die Idee (Z. 43) erkannt werden muss, unter deren Herrschaft das Menschengeschlecht steht (50). Denn hier wird allerdings der Mensch an die Natur geknüpft; aber auch sie steht unter derselben Idee (49 f).

Was diese Darlegung von der in der Akad. Abh. unterscheidet ist dies, dass hier eben verschiedene Formen der Geschichte neben einander bestehen, welche dort in der einen wahren Form der Geschichtschreibung aufgehoben sind. Es ist aber so klar, wie sehr die ältere Auffassung zur jüngem drängte, da auch jene in den Ideen mündet, dass nur aus der Neuheit ihres Gedankens zu begreifen ist, wie dieser etwas abgerissen und zu selbständig hingestellt werden konnte. Vgl auch *Ueber d. Sprst.* §. 9.

In demselben Jahre 1812, in einem Briefe an Goethe (*Goethe's Briefwechsel mit den Brüdern von Humboldt* S. 244) machte H. folgende Aeußerung: *Man muss aber schlechterdings die Sprachen als einen Theil der Geschichte des Menschengeschlechts und als das wichtigste Mittel in der Oekonomie der intellectuellen Natur ansehen, um dasselbe seiner Bestimmung euszuführen, und daher gehören die Hauptmomente aller Untersuchungen über Nationalcharakter und über die Vertheilung des Menschengeschlechts in Stämme und Nationen wesentlich mit in diese Untersuchungen, die aber freilich mit vieler Feinheit geführt werden müssen, wenn man nicht Einer Ursache fälschlich zuschreiben will, was eigentlich mehrem angehört.*

Schon dieser Brief scheint der Sprachwissenschaft eine andre Stellung zur Geschichte zu geben, als die Ankündigung. Von den oben S. 14 aufgestellten drei Punkten ist in letzterer nur der zweite und die damit zusammenhängende erste Seite des dritten Punktes deutlich ausgedrückt. Dagegen können wir Z. 111 in der *unendlichen und endlichen* Natur den Gegensatz von Sein oder Natur oder Welt und Denken oder Subject nur erraten. Hat H. bei den gebrauchten Worten an Makro- und Mikrokosmos gedacht? Jener Gegensatz ist auch Z. 122–127, obwohl recht unklar und nur negativ, angedeutet. Der tiefere Sinn des weltgeschichtlichen Zusammenhangs der Sprache, der in der andren Seite des dritten Punktes liegt, konnte in der Ankündigung, nach der daselbst ausgesprochenen rein empirischen Auffassung, noch gar nicht zur Geltung kommen.

Zur Bezeichnung des allgemein methodologischen Standpunkts aber, den H. in allen seinen Arbeiten einnimmt, citire ich folgende Stelle aus H.

Das Sprachverfahren kann auch nicht bloß historisch geschildert werden. Der Mensch erscheint in einer doppelten idealischen, d. h nicht durch die Wirklichkeit eu gebenden Gestalt, einmal ohne Individualität in seiner allgemeinen, nur durch den Gedanken eu erreichenden Beschaffenheit, in den nothwendigen Bedingungen seines Wesens

[d. h. doch wol, wie der Psychologe und Anthropologe den Menschen als eine allgemeine Form des Daseins, also als eine Idee zeichnen], dann in der Gesamtheit aller Individualität, als Menschengeschlecht, in der Totalität aller gleichseitig vergangener, gegenwärtiger und künftiger Zustände. In der Mitte dieser beiden Erscheinungen steht der wirkliche Mensch an gegebenem Ort und in gegebener Zeit, und jedes auf ihn gerichtete, aber in sich auf wissenschaftliche Allgemeinheit Anspruch machende Studium muss von der ersteren ausgehen und nach der andren Hinblicken. Doppelt nothwendig ist das eine und das andre bei der mit seinem Dasein gegebenen, und ganz ausdrücklich alle Theile des Erdbodens und alle Zeiten seines Bestehens eu allseitiger Totalität zu verknüpfen bestimmten Sprache. Nur die philosophische Erörterung der allgemeinen menschlichen Natur sichert den Pfad der Untersuchung, und nur die immer gespannte Frage, wie die historisch erkannte Mannigfaltigkeit in dem Bilde des Gänsen Lücken ergänzt, Schroffheiten abschleift, einseitig Starkes in Harmonie bringt, einsein Allgemeinem Zustrebendes vervoll, lässt die Individualität als das ansehen, was sie in ihrer innersten Natur ist, und in der Erscheinung werden sollte, eine in immer mehr rein umschreibender, aber immer minder ausschliessend beschränkender Begrenzung einem alles umfassenden Ideal asymptotenartig erlaufende Bahn. Nur unter der Beherrschung bestimmter Gesetze, und mit dem Blick auf leitende allgemeine Endideen lässt sich die reiche und lebendige Mannigfaltigkeit des historischen Stoffes in jeder Art, ohne Gefahr, dass er sich selbst einseitig beschränke, mit der Strenge wissenschaftlicher Behandlung so vereinigen, dass der realen Vielfachheit kein Eintrag geschieht.

Aufs häufigste wiederholt H., dass sich der Forscher Zartheit für die geschichtlichen Tatsachen aneignen müsse und keine übersehen dürfe. Wenn er sich nun an seine große Aufgabe wagt, so ist er sich recht wol seiner unvollständigen Sprachkenntnis bewusst, meint aber (das. f°. 47):

Das Ziehen von Resultaten kann aber darum doch in keiner Wissenschaft, und am wenigsten in der allgemeinen bis niemals er scheinenden Augenblick des vollendeten Studiums verschoben werden. Man muss stufenweise das Gesammelte in einzelne Bilder zusammen fassen, und die Vervollständigung der Einseitigkeit, die Verbesserung einzelner Irrthümer der Zeit und glücklicheren Bearbeitern überlassen. Gerade um vermittelst des sich immer in der Wissenschaft erweiterndem Stoffes die Ansicht zu verallgemeinern und zu berichtigen, muss früher aus dem noch Mangelhaften eine gefasst sein. So spricht er in echter Bescheidenheit sein Ziel dahin aus (f°. 48): Das große Gebäude allgemeiner Sprachwissenschaft, das gewiss einst, wenn gleich spät, zu Stande kommt, vorzubereiten.

Hiermit dürften die Punkte, welche in eine allgemeine Einleitung gehören, erschöpft und, insoweit es hier notwendig und möglich ist, genügend erörtert sein. Denn so klar auch diese, die abstract philosophische und concret empirische Forschung mit einander verbindende, Methode von H.s frühestem Auftreten an ihm im allgemeinen klar vor dem Geiste schwebte, so musste sie sich doch in Bezug auf Bestimmtheit der einzelnen Momente erst im Laufe jahrelanger Arbeit entwickeln. Besonders war es die Idee, in deren Erfassung H. manche innere Wandlung erfährt, wie wir in der Einl. zur Abh. *üeber d. Gesch.*, und zu den §§ 1 u. 2–3 sehen werden.

Der Styl Humboldts.

Humboldt war ganz dazu angelegt, zu genießen, im höchsten Sinne dieses Wortes. Er konnte also auch arbeiten, schaffen – insofern ihm dies Genuss war. Denn nicht nur das Schöne, wo und in welcher Form er es fand, sondern auch die Wirklichkeit, überall wo und wie sie sich ihm darbot, suchte er zu genießen, d. h. *in seine Empfindung* [sein Gefühl] *verwandeln*. Das war freilich nicht möglich ohne tief eindringendes Verständnis, und so lässt sich auch sagen, dass er zum Verstehen geschaffen war, d. h. er war geborener Philologe im hervorragendsten Sinne.

Ohne ein gewisses Productions-Vermögen versteht man nicht. Er hätte weder die Poesie noch die Wirklichkeit verstanden, wenn er nicht selbst einen Grad poetischer Schöpfungskraft und praktischer Befähigung in sich gehabt hätte. Dies beweisen nach jener Richtung seine Uebersetzungen griechischer Dichter und seine Sonette; nach der andren Richtung hin beweist das seine Tätigkeit als Beamter und Staatsmann. In letzterer Beziehung zeigte er, wie sehr ein von der Idee der Menschheit erfüllter, mit dem allgemeinsten Blick für die Erkennung der Wirklichkeit ausgestatteter Staatsmann vor Irrtümern geschützt ist, denen die zum Handeln sogar viel tüchtigeren, aber in der allgemeinen Theorie, in der Höhe und Weite der Betrachtung ihm nachstehenden Staatsmänner, wie einige seiner Zeitgenossen, gar zu leicht verfallen.

Konnte also auch H. produciren, so war dies doch nicht sein Beruf; und so wenig wie Praktiker, war er Schriftsteller, nicht bloß nicht Dichter, sondern auch nicht Prosaiker. Er schreibt (V, 39 £): *Wieder gesehen habe ich aber bei dieser Gelegenheit, dass die Gesichtspunkte, die entweder an sich nicht gewöhnlich, oder nur dem einseinen jedesmaligen Leser fremd sind, hell und klar zu machen, eine unglaubliche Schwierigkeit hat.* Statt nun, dass ihn diese Erkenntnis hätte anfeuern sollen, die Schwierigkeit zu überwinden, wie es den echten Schriftsteller, dessen Beruf doch eben auch ein praktischer ist, hätte tun müssen; statt einzusehen, dass es nach der Natur des menschlichen Geistes nicht anders sein kann, und sich zu entschließen, die belehrende Tätigkeit danach einzurichten, sagt er: *Der Himmel soll mich davor in Gnaden bewahren. Habe ich mir eine Idee entwickelt, so ekelt es mich an, sie nun auch einem Andren auszuknäueln, und so lange mich nicht äussere Umstände zwingen, überwinde ich diesen Ekel nicht.* Er studirt die Griechen und, schreibt er (das.): *ich muss hinzusezen, dass auch der Schatten von Lust, ein thätiges Leben in Geschäften zu führen, nie so sehr in mir erstorben ist, als seitdem ich mit dem Alterthum irgend vertrauter bin.* Danach ist es mir freilich kein Zweifel, dass der Minister und Agitator Stein mehr Grieche war als H.; aber dieser hat die Griechen besser verstanden, und nur sie verstehen und genießen, nicht ein Grieche sein, wollte er.

In andrem Zusammenhänge, aber auf dasselbe hinauslaufend ist folgende Aeußerung (das. 47). Er weiß, wie viel zur Aufhellung des theoretischen und praktischen Lebens der Griechen noch zu tun ist und zählt einige Desiderata auf, die er ausführen könnte; aber er fügt hinzu: *Doch liegt mir überhaupt wenig an eignen Arbeiten, das meiste nur am Studieren, und darin würde mich eine so schwierige und weiltläufige Arbeit sehr hindern.* In einem Briefe an Körner von 1796 (S. 46) sagt er: *Das Lernen und Wissen hat für mich zu viel Reiz und zu große Wichtigkeit.*

Aeussere Umstände (Z. 7) haben ihn freilich nicht gezwungen; aber zur Praxis ist er übergegangen, in der Zeit als ein Mann mit Kraft und Begabung es dem Vaterlande schuldig war, ihm seine Fähigkeit zu widmen. Zum Schriftsteller zwar mag ihn auch äußere Veranlassung, wie Rücksicht auf die Freunde, namentlich die Mitgliedschaft der Akademie gemacht haben. Unser Werk aber, das Werk seines Lebens (denn das ist es!) ist doch aus einem ganz andren, gar nicht so äußerlichen, einem ganz innern Triebe, entstanden, wenn auch freilich eben so wenig aus einem schriftstellerischen. Er schreibt an Goethe (G.'s

Briefwechsel mit den Gebr.v.H. S. 297. den 6. Jan. 1832):

Indess ist es mir auch, als wäre ich mehr, als je bisher der Fall war, auf den Fund gekommen, auf den sich alle meine frühem Arbeiten und Studien in Eins zusammenziehen. Ich sehe dies als eine Mahnung an, der Dauer der Folgezeit nicht zu viel zu vertrauen, sondern die Gegenwart zu benutzen, das was ich wohl fühle, was aber noch unentwickelt und zum Theil unerwiesen in mir liegt, dargestellt und ausgeführt zugleich mit mir davonzutragen und hinter mir zurückzulassen. Denn beides verbindet sich immer in meiner Vorstellung. Man besitzt in Ideen nur ganz, was man ausser sich dargestellt in andre übergehen lassen kann, und wie dunkel auch alles Jenseitige ist, so kann ich es nicht für gleichgültig halten, ob man vor dem Dahingehen zur wahren Klarheit des im langen Leben in Ideen Erstrebten gelangt oder nicht. [Hier die 88 zu 24, 11 citirte Stelle, dann:]... Die Klarheit vor mir selbst bleibt mir daher, wenn ich nicht glaube, vid zu versäumen zu haben, das dringendste Motiv zur unausgesetzten Arbeit und ich fühle mich glücklich, dass diese sich jetzt in mir in festem Richtungen bewegt.

H. kannte die Art seiner Befähigung sehr wohl. Er schreibt an Wolf 1796 (V, 176, si): *Wenn ich zu irgend etwas mehr Anlage, als die Allermeisten besitze, so ist es zu einem Verbinden sonst gewöhnlich als getrennt angesehener Dinge, einem Zusammennemen mehrerer Seiten, und dem Entdecken der Einheit in einer Mannigfaltigkeit von Erscheinungen.* Diese Eigentümlichkeit der Begabung H.s stempelte ihn für dasjenige Gebiet, welches wir das der Einleitungen nennen, nämlich dasjenige, wo eine einzelne Disciplin mit andren, und sie alle mit den höchsten Prinzipien zusammentreffen. Insofern hat sich H. sogar schon verkannt, wenn er meint, er sei wegen seiner Fähigkeit die Einheit in einer Mannichfaltigkeit von Erscheinungen zu entdecken dazu berufen, *eine Charakteristik unserer Zeit auszuarbeiten oder eine vergleichende Anthropologie (das. 176).* Er lässt es in der Tat *dahingestellt sein*, ob er auch nur die erstere *ausführen werde* (das. 169); nur die *Einleitung* dazu beschäftigt ihn wirklich, in der er viele zu jener Charakteristik gehörige *Grundideen vortragen* wollte. — So ist denn auch sein Hauptwerk eine *Einleitung*, nicht in die Kawi-Sprache, sondern in das vergleichende Sprachstudium: hier wollte er den Punkt aufhellen, wo Sprachwissenschaft und Geschichte der Menschheit sich berühren, indem sie in die Metaphysik einmünden.

Nicht aus dem Wesen solcher Einleitungen, welche recht wol einen in sich geschlossenen Kreis von Objecten enthalten können, und also einer vollendet objectiven Darstellung fähig wären, sondern aus dem persönlichen Charakter H.s folgt die Mangelhaftigkeit seiner Darstellung, seines Styls. Er selbst leitete diese daraus ab, dass ihm Methode gefehlt habe (V, 176, l); und er scheint darunter das zu verstehen, was wir sorgfältige Schulung nennen, wenn er nicht doch vielleicht sich noch etwas andres darunter gedacht hat, da er hinzufügt, dass dieses *Gebrechen radikal* (das. Z. 3) in ihm sei, und dass er ebenso notwendig an sich selbst, als an seinem Gegenstände arbeiten müsse (das. Z. 8). Und er hat viel an seinem Styl gearbeitet. Denn er sah wohl ein, dass man sich nicht bei *der Wahrheit der Materie der Gedanken* beruhigen dürfe, sondern auch *nach vollkommner Deutlichkeit und Bestimmtheit ihrer Form tu streben habe* (an Körner S. 36).

Ich kann aber nicht sagen, dass es ihm gelungen sei, die Fehler seines Styls zu überwinden; sie saßen zu tief und folgten aus seinem intellectuellen Charakter. Darum kehren sie in seinem letzten großen Werke genau so wieder, wie in seinen Aufsätzen in Schillers Horen. Nämlich H.s Styl war und blieb durchaus subjectiv.

Was ich darunter verstehe, will ich an einem Satz von ihm selbst entwickeln. Er sagt 328, 8, *in der geistvollen Prosa zeichne sich die ganze lebendige Entstehung des Gedankens, das Bingen des Geistes mit seinem Gegenstände.* In H.s Prosa findet dies zwar in höchstem Maße statt und insofern ist seine Darstellung durchaus charaktervoll; aber nicht das objective Ringen, wie es in der Natur des allgemeinen Geistes und des Objects liegt, nicht die Entstehung des Gedankens, wie er sich im Menschen überhaupt aus dem Zusammenwirken des Objects mit dem Subject erhebt, sondern wie dieses Ringen psychologisch sich in H.s individueller Subjectivität vollzog, zeichnet sich in seiner Darstellung, die eben darum ganz subjectiv bleibt, und nur durch vollstes

Eingehen in seine Subjectivität verstanden werden kann. Seine *Gedanken gestalten sich darum nicht wie eine freie unmittelbare Eingebung*, sie werden nicht, abgelöst von den Zurüstungen and Mitteln des Bewusstseins, frei und als *selbständige Wesen* hingestellt. Sie tragen nicht ihre eigene objective, darum auch allgemein gültige und notwendige Gestalt an sich, sondern nur eine psychologisch-subjective, zufällige Form.

Wenn der Schriftsteller *bildend* und *stimmend* verfahren soll (vgl. EinL zu § 20): so verfährt H. selten bildend, sondern meist nur stimmend; er ist kein Homer, sondern ein Ariost – leider ohne des Letztem Leichtigkeit. Daher begegnet es ihm, dass er wol in jedem Leser die besten Gedanken und höchsten Gefühle weckt, die dieser in sich trägt, aber nicht H.s Gedanken. H. schreibt meist ganz unplastisch; und durch solche Weise empfingt wol jeder von ihm Impulse, aber es wird ihm nicht die bestimmte Kraft des beabsichtigten Gedankens mitgeteilt.

Dies zeigt schon der Plan des großen Werkes (vgl. unsere Darlegung desselben), der so wenig durchsichtig ist, weil sich die Glieder des Grundgedankens nicht auch in den Formen der Darstellung klar absondern. Ueberhaupt scheinen in H.s Darstellung die Gelenke verrenkt und mit Fleisch und Fett überzogen. Die Darstellungsweise H.s erinnert mehrfach an die platonische Form – nur mit dem Unterschiede, dass, was bei Plato als Kunst dramatischer Nachahmung, und insofern sehr objectiv erscheint, sich bei H. als einseitige Wirklichkeit kund gibt. Vielleicht ist gerade darum aus H. für Plato um so mehr zu lernen.

Wenn H.s Darstellung nicht objectiv und plastisch in dem Sinne ist, dass er die Formen der Sache, die immanente Gliederung des Begriffs, nicht im Ausdruck wiedergibt, so ist er noch weniger ein didaktisches Talent. Er versteht es nicht sich in die Seele des Lesers zu versetzen, zu berechnen, was bei diesem vorausgesetzt werden dürfe, und was er hinzutun müsse, um ihn vorzubereiten, wie ein Gedanke überhaupt fasslich hingestellt werden könne.

Er kann den Gedanken noch nicht objectiv darstellen: denn er ringt noch mit demselben, er will sich selbst darüber aufklären und ist noch nicht Herr darüber, er hat den Gegenstand noch nicht bemeistert.

Nicht der Umstand trägt die Schuld an den Mängeln seines Styls, dass er, wie er selbst sagt, seine wertvollsten Gedanken, seine Grund-Ideen, *einem glücklichen Zufall, einem gewissen Takt verdankt* (an Körner 1794. S. 35): denn das gilt wol von allen Meistern des Gedankens. Aber die concipirte Idee, sei sie eines Denkers oder eines Dichters und Künstlers will nun nach der Conception erst streng bearbeitet werden. H. dagegen vermag es nicht, den objectiv in seinen Gedanken liegenden Zusammenhang auch für sein eigenes Bewusstsein und das Verständnis eines Andren subjectiv zu erfassen und darzustellen, die Objectivität seiner Ideen in subjectiver Durchsichtigkeit hinzustellen.

Schon deswegen kann H. seine Form der Darstellung nicht wählen. Er kann dieselbe nicht der Gelegenheit anpassen, noch einer Laune folgen oder sich einer besondern Absicht hingeben. Er kann dies aber auch aus einem andren Grunde nicht. H. denkt klar und deutlich; aber seine Gedanken finden schwer die Einkleidung in Worte. Die Sprache ist ihm nicht ein Gewand, das er frei um seine Gedanken schlägt, damit diese hindurchscheinen; sondern sie gehört zu ihrem Fleisch und ihrer Haut. Er denkt wirklich in Worten, die Sprache ist ihm ein Organ des Denkens: darum kann er den Gedanken nicht losschälen von der Sprachform, in der er ihn gefasst hat. Weil sein Gedanke im Wort entsteht, geboren wird, so kann er über dieses nicht schalten und walten; es sitzt am Inhalt selbst.

Hiermit soll also nicht gesagt sein, dass H. langsam geschrieben und an der Fassung seiner Gedanken vielfach geändert hätte; seine Mss. wie seine Dictate beweisen fast das gerade Gegenteil. Wenig Schriftsteller werden während ihrer Darstellungen am Ausdruck so wenig streichen und verändern, als H. gethan hat. Das Wort floss ihm, wie berichtet wird, auch mündlich, wie schriftlich unmittelbar zusammen mit dem Gedanken, und wir müssen uns

diesen Strom recht lebhaft denken; aber dieser Doppelstrom floss in einem Bett und seine doppelartigen Wasser ließen sich nicht spalten. Das Wort floss mit dem Gedanken aus ihm und für ihn, aber nicht für den Leser.

Dies hat eine merkwürdige, aber ganz notwendige Folge. Nicht sowohl, dass er ein consequenter Denker ist (was er in der Tat ist) muss für H. als charakteristisch gelten; sondern die Einheit seines Bewusstseins in denselben Worten muss hervorgehoben werden. Er, der sich auf so mannichfachen Gebieten des Erkennens bewegt, bringt überall dieselben Principien mit und macht dieselben überall geltend. Der Metaphysiker und der Aesthetiker und der Sprachforscher in H. sind derselbe Denker; seine Welt-, seine Kunst-, seine Sprach-Anschauung werden von denselben Grundgedanken beherrscht und hängen aufs engste zusammen. Aber auch zeitlich ist er immer derselbe: der junge H. und der Staatsmann, der Freund des Jena-Weimarer Kreises und der Einsiedler von Tegel erkennen dasselbe Ziel des Strebens mit denselben Mitteln. Und dieselben Gedanken hängen bei ihm an denselben Worten und sprachlichen Wendungen überall und zu allen Zeiten.

Dies ist für die Interpretation höchst günstig. Aus welcher Zeit auch eine Aeußerung stammt, sie hängt mit allen des Mannes zusammen, und die früheste kann zur Erklärung der spätesten dienen; und jede hat ihr Stichwort oder Leitwort, woran die Gleichheit zu erkennen ist. Ich weiß nicht, ob eine so feste gediegene Einheit, in der literarischen Welt ihres gleichen wieder findet.

Gehen wir nach dieser allgemeinen Betrachtung des intellectuellen Wesens H.s auf seine Darstellungsweise näher ein.

Da er eben nach Erkenntnis nur strebt, nur sucht, so ist er frei von Systematik; aber darum hat er auch kaum jemals eine Disposition, und noch weniger kann er sich an sie binden und sie streng verfolgen. Die Invention herrscht so vor, dass er zur Disposition nicht leicht gelangt. Hierüber haben wir auch schon (S. 26 Anm.) sein Selbstbekenntnis gehört. Daher sind nun aber auch weiter nicht nur die Teile höchst ungleichmäßig ausgeführt; sondern die einzelnen Gedanken erhalten auch nicht die gerade für die Gelegenheit passende Behandlung. Sie erscheinen nicht als Glieder einer Kette, als Fäden eines Gewebes, sondern behalten immer ihre Selbständigkeit. Jeder Gedanke ist an dem Orte, wo er im Zusammenhang gefordert wird, selbständiger Gegenstand der Betrachtung, nicht Organ eines Ganzen, sondern selbst Ganzes. So oft er wiederholt wird, genügt es nicht, auf ihn hinzuweisen; sondern er wird immer, als wäre er etwas neues, neu dargestellt. Es fehlt H. ganz und gar die Kunst der Gruppierung und der Schattirung. Alles steht im Vordergrund, alles erscheint neben einander, wie die Figuren auf den antiken Reliefs. So tritt der Zusammenhang nicht hervor. Hieran sieht man deutlich, welches Gewicht jeder Gedanke bei ihm hat, und wie wenig H. ihn beherrscht. Jeder Gedanke, der in sein Bewusstsein tritt, beherrscht auch dasselbe und nimmt es ein, verweilt aber hier nicht nach seiner absoluten Wertigkeit an sich, oder mit Rücksicht auf seine Stellung zum Ganzen und auf das augenblickliche Bedürfnis, sondern so kurz oder so lang, als bis er von einem andren Gedanken verdrängt wird, der zuweilen bloß durch irgendwelche Association, also zufällig, angeregt ist. Daher fehlt es seinen Darstellungen an Stätigkeit und Zusammenhang, an fortwährend vermittelnden Uebergängen. Ein und derselbe Gedanke wird an mehreren Stellen, aber an keiner erschöpfend behandelt, und oft genug ohne Förderung wiederholt.

Mit all dem hängt ein gewisser Mangel an Terminologie (im üblichen Sinne dieses Wortes) zusammen. Die Gedanken tragen ihr Leitwort an sich durch ihre Entstehung; aber sie werden nicht frei durch einen gewissen Terminus verdichtet und gestempelt, der sie ein für allemal benennt und ruft. Solche Termini werden nur durch ein System geschaffen, und sie stellen es heraus. Solch ein System fehlt bei H., und er will es nicht.

Ein System ist die ordnungsmäßige Ausbreitung der aus den Principien durch logische

Operationen abgeleiteten Begriffe. Es liegt aber in H.s Forschungsweise, sich nicht einseitig solchen Deductionen hinzugeben, sondern fortwährend den Blick auf die Tatsachen gerichtet zu halten. Die empirischen Tatsachen und die logischen Folgerungen werden unausgesetzt mit einander verglichen und an einander gemessen. So wird nicht sowohl der Gedankengang unterbrochen, als sich vielmehr ein Ringen des Begriffs mit der Tatsache einstellt, bei welchem eben so oft diese jenen modificirt und begrenzt, als jener diese umgestaltet und in das rechte Licht bringt. Dieses Ringen ist ein Drama in H.s Subjectivität, aber erzeugt kein objectives System und verschmäht es. Der Terminus würde bei H. ein unehrliches Mittel zum Kampfe bedeuten, eine Voraussetzung. Er könnte als Ausdruck eines Erfolges in jenem Ringen dienen, und das tut er auch, und so entsteht ein solches Leit- oder Stichwort. Geht man aber an ein neues Problem, so ist dieses, weil anderweitig errungen, hier nicht in den Kampf zu führen. Das also ist der Unterschied zwischen diesen beiden: der Terminus entsteht durch die logische Forderung des objectiven Systems; das Stichwort ist ein psychologisches Ereignis: dort ist Freiheit, hier Gebundenheit.

Aus H.s nie vollendetem Suchen ergibt sich endlich, dass er sein Object immer wieder von einer andren Seite aus ansieht. So gewinnt er ihm wohl immer neue Erkenntnisse ab, die aber notwendig immer verwant sind, und doch nie eine geschlossene Einheit bilden. Wie oft sie auch denselben Punkt treffen, so bleiben sie dennoch von einander getrennt, und man weiß nicht ob und in wiefern man an ihnen dasselbe oder verschiedenes hat. Das Ganze wird dabei zersplittert. Man sieht ein Ganzes in Bildern, die von verschiedenen Seiten ausgenommen sind; und nun bleibt es dem Leser überlassen, diese Bilder zur Auffassung des Ganzen zu vereinen.

Diese Zersplitterung kann gelegentlich bis zum Gegensatz ausarten. H. ist höchst umsichtig, erwägt höchst sorgfältig. Derselbe Punkt in verschiedener Beleuchtung kann dann sehr verschieden erscheinen, und solche Differenz soll dann ausgeglichen werden, was zu neuen Gesichtspunkten führt.

Jeder Gesichtspunkt erzeugt sein Leitwort, und wir können ja darin die Termini H.s erkennen. Nur dass H. durch solche Worte doch nicht derartig gebunden sein kann, um sie unausgesetzt festzuhalten. Jeder Terminus ist allgemein und abstract; H.s Bewusstsein aber ist immer nur auf einen bestimmten Gedanken bezogen, für den der Terminus gar leicht zu umfassend, zu unbestimmt ist. H. denkt jeden Gedanken individuell, und so verlangt er dafür einen individuellen Ausdruck, dem der Terminus nicht genügt. So wählt er ein andres Wort das diesem Bedürfnis wenigstens besser entgegen kommt, da es eine Modification enthält, an der ihm gerade hier viel liegt. Man hat also oft Veranlassung zu suchen, warum H. an einer bestimmten Stelle ein andres Wort setzt als an einer andren, obwohl im allgemeinen beide dasselbe bedeuten. Es sind eben nur Synonyma, und H. hat eine feine Synonymik. – Dies ist nun auch der Grund, warum sich H. öfter wiederholt. Der Gedanke erhält doch eine kleine Schattirung, die er noch nicht gehabt hat und wärt eben nur durch die Stellung an diesem Platz.

Dies gilt alles selbst von denjenigen Arbeiten H.s, die in einem Gusse vollendet sind. Gehäuft aber muss es in unsrer Schrift hervortreten, die durch vielfaches Überarbeiten, Zusammenstücken, Einfügen und Umstellen mitstanden ist. Wie H. sein eigener Interpolator im eigentlichsten Sinne werden konnte, liegt 63, 16. 17. klar vor. Gewissermaßen Interpolation liegt auch in 99, 25 ff und auf S. 37 vor, und an noch vielen andren Orten. Da nämlich an jeder Stelle der Ausdruck genau der Stimmung H.s entspricht, d. h. genau dem Punkte, bis zu dem die Entscheidung im Kampfe gelangt ist: so konnte es sich leicht ereignen, dass wenn H. später wieder an diese Stelle kam, er in andrer Stimmung hinzutrat, und so den Ausdruck änderte, oder dass er wenigstens einen Satz hinzufügte, welche einer verschiedenen Stimmung Ausdruck gab. Oft wurden spätere Stellen nach vorn gerückt, frühere hinter gestellt. So

erscheinen Ergebnisse vorausgegriffen und Bedenken zu spät erhoben. Dieser Umstand stört sogar die subjective Einheit des Werkes.

Diese Mängel des H.schen Styls, verstärkt durch die sogleich darzustellenden Eigentümlichkeiten seines sprachlichen Ausdrucks, bewirken die Unklarheit der Schriften H.s, welche dieselben seinen Zeitgenossen wie den nachfolgenden Geschlechtern unverständlich machen mussten. Kann es hierüber ein gültigeres Zeugnis geben als das eines Kant? Kant sagt von dem Aufsätze *Ueber den Geschlechtsunterschied*: *Diese Abhandlung kann ich mir, so ein guter Kopf mir auch der Verfasser tu sein scheint, doch nicht enträthseln.* Und wenn man hier die Schuld auf Kants Alter und die Kürze des Aufsatzes schieben wollte, so würde ich noch hervorheben, dass auch Körner von H.s Versuch über Goethes Hermann und Dorothea, also einer so systematisch ausgeführten Schrift wie keine andre H.s, bemerkt, man *ahne in seinen Sötten Gehalt.* Dies beweist, was ich schon oben sagte: H. wirkt stimmend, aber nicht bildend.

Und wenn alles dies den vorliegenden Commentar zu H. rechtfertigt, so wird es auch seine etwaigen Schwächen entschuldigen. Die Nachwelt ist in Bezug auf das Verständnis eines Denkers *immer* besser gestellt, als die Zeitgenossen. Ich halte heute für möglich, was Kant und Körner unmöglich war.

Wir kommen zu den rein grammatischen Verhältnissen seiner Rede. Er baut die Perioden recht schlecht, ohne Rhythmus und Symmetrie. Ja, seine längern Sätze sind kaum Perioden; die Glieder sind nicht in einander geflochten: es sind Einschachtelungen, oft recht mühsame. Die Participien finden häutigst Anwendung, aber nicht in ihrer wahren verbalen Kraft, sondern als regierende Adjectiva, zum Ersatz- für Relativ-Sätze. Ein Satz, welcher beginnt (Anf. des §. 23): *Die von der durch die* kann nur abschrecken. Dass in solch einem Participial-Satz sich ein Substantivum befindet, dem ein Adjectiv-Satz beigegeben ist, dass also ein Satz in eine participiale Verbindung hineingezwängt wird, ist nicht selten (116, l-i. 237,25–29), wobei leicht der Artikel durch 2 – 3 Zeilen von seinem Substantivum getrennt werden kann. Oder in eine participiale Verbindung wird eine andre participiale Verbindung geschoben, wie 157,12–13. H. liebt aber solche Participien so sehr, dass er zuweilen, wie die Mss. zeigen, die Relativ-Sätze in Participia umgestaltet.

Seine Perioden beweisen nicht etwa Unaufmerksamkeit, sondern im Gegenteil die höchste Aufmerksamkeit, aber nur darauf, ob sie der Form seines Gedankens passen. Er zieht die Sprache so straff wie möglich über den Gedanken. So ist nicht zu leugnen, dass das attributiv gesetzte Particip in strengerer Einheit zum Substantivum steht, als ein Relativ-Satz. Man darf auch, meine ich, nicht glauben, dass ein so proportional gebauter Satz wie 16, 1 – 4 von H. erkünstelt ist; er ist der unbeabsichtigte Erfolg, nicht seines Gedankens an sich, aber der Weise, wie er ihn sich vorstellte, – in straffer Kürze. Ebenso 50, 20. 21, wo wie auch 52, 4–6 eine sehr natürliche Inversion der Glieder der Proportion eintritt. Zuweilen ist auch die Proportion ganz zerrissen, wie 60, 4–15: 15–28, weil jedes der Glieder eine gewisse Entwicklung forderte. Da zeigt sich sogleich H.s Schwäche der Formung. Wenigstens gestört ist sie 236, 21–25. Wer diese nicht selten wiederkehrende Proportion nicht beachtet, wird H. nicht verstehen; ja, Stellen wie die in der Einl. zu §. 5. Z. 24 – 28 werden ohne diese Aufmerksamkeit falsch verstanden werden; denn dort (27) geht *schaffend* nicht auf *Idee*.

Die Straffheit der Form gibt sich weiter in der Liebe H.s zu Zusammenziehungen (63, 7. 8. u. ö. auch in den Mss.) kund, zum Gebrauch demonstrativer Pronomina (*diesen, ihn*), welche auf ein erst folgendes Substantivum hinweisen, zu Ergänzungen aus dem Vorangegangenen. Beachtet man dies nicht, so können sehr leicht Misverständnisse entstehen. Buschmann hat hier öfter durch Interpolationen nachgeholfen; ich habe geglaubt, den ursprünglichen H.schen Styl herstellen zu müssen. Es ist doch auch nicht allzuhart, z. B. 369, 25 *Dialekt* zu ergänzen aus 23. Wer hieran Anstoß nimmt und dergleichen für einen Schreibfehler hält, durch Zufall

erklärt, würde 192, 28 hinter *äusseren* nicht aus 27 *Bau* ergänzen wollen, sondern *äusseren* auf *Charakter* beziehen, womit der Sinn entstellt wäre. So bleibt häufigst hinter Adjectiven das Substantivum zu ergänzen, selbst wo dies erst folgt, wie 74, 21 hinter *wahren* das erst folgende *Welt*. 95, 7 ergibt sich *Kraft* aus 6, gerade so wie 299, 23 *Laut* hinter *articulirte* aus Z. 19 herabzuholen ist, und Abh. über d. Sprst 242, 5 *Mundarten* hinter *vermischenden* aus Z. 2 ergänzt werden muss. Die seltsame Zusammenziehung 121, 2 oder 241, 1 kann nicht durch bloßes, durch ein Versehen entstandenes Ausfallen eines Wortes erklärt werden. Dies sind nur besonders auffallende Erscheinungen einer Eigentümlichkeit des H.schen Styls. Man beachte ferner 4, 3, wo sich ihm auf *Menschen* bezieht, das aber nur in *menschlichen* (2) steckt 158, 13 bezieht sich *ihr* auf *Sylbe*, welches Wort sechs Zeilen vorausgeht, und drei Zeilen zuvor durch das Poss. *ihre* vertreten war. Bei keinem andren deutschen Schriftsteller wird man so oft wie bei H. auf *dieses* (gen. masc.) *jener* (gen. sg. fern. u. pL. c.) u. ä. ohne beigefügtes Subst. stoßen. — Wer an dergleichen Anstoß nimmt könnte nicht die Schönheit eines Ausdrucks wie: *das zerstreut Gesammelte* (üeber d. Gesch. c. I. Ende) vollkommen genießen.

Merkwürdig ist nun freilich, dass H., neben einer solchen Straffheit des Ausdrucks, doch auch Pleonasmen zeigt. Doch dürfte man berechtigt sein, dieselben dadurch wegzudeuten, dass man ihnen einen besondern Sinn oder Zweck oder Veranlassung unterlegt. Wenn 298, 8/9 von *immer gegenseitiger Wechselwirkung* die Rede ist, so sollte dies vielleicht bedeuten: immer tätiger Wechselwirkung. Indessen gerade hier wäre der Vorwurf des Pleonasmus vielleicht begründet. Denn auch 37, 8. 3, 7 findet sich *einander gegenseitig*, und doch ist gerade letztere Stelle in andrer Einsicht wieder ein Beispiel kurzer Rede. Die Wörter *Wechselwirkung* und *einander* hatten für H. ihren Sinn zu sehr geschwächt dagegen der Begriff war zu lebendig, als dass nicht der Pleonasmus erklärlich wäre. — Aehnlich mag es sich verhalten in einer Stelle aus frühem Jahren, von uns im Anfang der Einleitung zu §. 2. 3 citirt, wo es heißt: *ungeachtet, ... indess... dennoch*. Der Gegensatz forderte den stärksten Ausdruck. *Einseln zerstreut*. — Andre Fälle sind vielleicht mehr Prägnanz des Ausdrucks, wie 104, 13 *neue Geistesumformung*, eine Umformung, wodurch ein neuer, kräftigerer Geist entsteht; oder 288, 21 *neue Umbildung*, die Umbildung, wodurch neue Sprachen entstanden; oder es wird hier wie 290, 17 *Behandlung des umgebildeten Stoffes* (wenn es nicht als umbildende Behandlung des Stoffes zu nehmen ist) wirklich an zwei Umbildungen gedacht, an die erste, wodurch das Latein zersetzt ward, und die zweite, wodurch nach einem besondern Princip (das. 19) aus dem zersetzten Stoffe eine neue Form gebildet ward.

Aehnlich prägnant, und fern von Pleonasmus, ist 15, 27. *am würdigsten emporhebend*. Indessen scheinen solche Fälle, verbunden mit andren, von denen ich jetzt sprechen will, allerdings eine Neigung H.s zu vollem Klange zu verraten. So sagt er lieber *Wurzeln schlagen* als *wurzeln*, schreibt gelegentlich *mehr sorgfältig* 372, 23 für *sorgfältiger*; und aus demselben Grunde setzt er namentlich gern einen Genitiv statt des Adjectivs: 29, 30. *Einheit des Bildes* für einfaches Bild; 39, 14. *Totalität seines Umfangs* für seinen ganzen Umfang; 233, 26 f. *Charakter höhern Ernstes* für ernstern Charakter.

Durch Correcturen in den Mss. beweist er, dass er die nahe Aufeinanderfolge desselben Wortes vermeiden wollte.

Sonstige stylistische Fehler wüsste ich nicht anzugeben. Nur einmal ist mir ein schlecht durchgeführtes Bild aufgestoßen 236, 14–16. Der Schwung kann wohl emportragen, aber nicht auf eine Erweiterung und Verknüpfung gerichtet sein. Hier liegt aber vielmehr eine falsche Verbindung vor: es sollte heißen: der Schwung des gerichteten Geistes.

Eigentümlichkeit im Gebrauche von Wörtern habe ich nur bei der Conjunction *da* bemerkt, welche häufig adversative Bedeutung hat = während; und das Particip. Perf. Pass. für

das Particip. Präs. eines neutralen Verbum: gelegt = liegend.

Von rein grammatischen Dingen scheint mir nur H.s Behandlung der eingeordneten Adjectiva zu erwähnen. Als Regel wird man annehmen dürfen, dass er sie schwach flectire: *zweier wichtigen Sprachstämme* 40, 3., ähnlich 256, 30. 284, 2. Aber nicht nur das eingeordnete, auch das einem andren Adj. beigeordnete Adj. flectirt er schwach: *von etwas Über den Ausdruck Ueberschiessende-m, ihm selbst Mangelnde-n* 210, 21., wo Buschmann das in A stehende *n* in *m* verwandelt hatte. Ebenso heißt es *von diesem allen* und *allem diesen* 228, 13. 310, 10. Doch findet sich im Gegenteil, aber ganz erklärlich: *zu Einzelnem glücklich ausgedrücktem* 194, 4/5 für: Einzelnem, das glücklich aasgedrückt war, vom Nominativ: einzelnes glücklich aasgedrücktes; *fremder gestalteter Werke* 237, -ff., wo auf *gestalteter* der Nachdruck ruht; *alle andre Volker* 325, 30; *keine eigne Pronomina* 347,13; *einiger . . . genommener Wörter* 372, 24. 26.

Endlich H.s Orthographie. Er ist hier nicht consequent, weder in seinen frühem oder spätem Drucken, noch in seinen Mss. Er schreibt 82,4. eigenhändig *Gebehrde*; aber sonst findet sich *Geberde*; and *nämlich*. Er schreibt *allmählich*; aber in Drucken wie Mss. lässt er auch *allmählig* stehen. Er schreibt *trift, sest, gieng*, den Infin. *seyn*, auch *Bewusstsein*, *bey*; *Ursach* und *Ursache*, ersteres auch vor Consonanten, und hat 8, 9. das *e* hinzugesetzt, obwohl es vor einem Vocal steht; *Nahmen, acht, selbstständig, Flection; mannigfaltig*, aber in den Drucken auch *mannichfaltig*.

Zusammengesetzte Substantivs werden von H. ohne Trennung (also ohne Verbindungszeichen) geschrieben. Doch findet sich *Indo-Germanisch*. Zusammengesetzte Verba schreibt er oft getrennt: *da seyn, Statt haben*.

Zu erwähnen ist hier auch das stumme *e*. Regel scheint bei H., dass von zwei oder drei Schluss-Sylben mit *e* die erstere, dem Hauptton nähere, das tonlose *e* verliert, namentlich vor *l* und *n* der Endung; aber auch vor *r*, und wiederum besonders wenn den Stamm eine Media oder scharfes *s* und *ch* und *m* schließt: *vorhandnen, verschiednen, erfahrnen, andren, unsren, unsrigen, besondren, bescheidneres, unvollkommere* (wo drei *e* hinter einander folgen, wohl ausnahmslos) *eigne, ich sondre, ununterbrochne, sichren, vollkommne*. Doch alles dies kaum ohne Ausnahme, und zwar findet sich dicht neben der einen Schreibweise auch die andre. Vor dem Suff. *lung* fehlt das *e* meist: nicht nur *Entwicklung, Verwandlung, Handlung, Veredlung*, sondern auch *handlen*. Vor *rung* bleibt es: *Gliederung*; doch findet sich *innren, innen* and *inneren*; *die äussren, äussem, äusseren; seltnere; sichre, heitre, genausten*. Ferner schreibt H. oft *größte*, nur nicht immer, und hat 132, 6. *größte* corrigirt; häufig *dies* für *dieses*, auch vor einem Substantivum. H. scheint in Bezug auf dieses *e* principiell, wenn auch nicht immer tatsächlich, genau seiner Aussprache gefolgt zu sein. So scheint z. B. folgendes nicht Zufall, sondern wol begründet: *in sehr verschiedenem Masse und in sehr verschiedner Art*. Hier scheint mir das Schluss *-m* und *-r* eine andre Aussprache in Bezug auf die Folge von *d-n* zu bewirken; *dnem* wäre härter als *dner*.

Hieran knüpft sich das *e* der Genitive und Dative an. Auch hier finde ich keine festgehaltene Regel. Nur soviel steht fest, dass H. dieses *e* nicht liebte. Denn in seinen letzten Tagen, wo seine Hand dermaßen zitterte, dass er keinen geraden Strich mehr machen konnte, sondern der kürzeste verticale Strich ihm zur gezackten Linie ward, hat er im Ms. das *e* mancher Genitive und Dative gestrichen, auch das *e* von *Ursache*. Dies scheint beweisend. So hat er gewollt, dass geschrieben werde: *Volks, Schmucks, Scheins, Sprachsinns, Worts*, von welchen Wörtern einige sogar mehrmals mit durchstrichenem *e* Vorkommen; aber er schreibt eigenhändig: *Zusammenhanges* (doch öfter noch, und in Drucken ohne *e*), und obwohl er oft *eigne* schreibt und das *e* 213,31. streicht, schiebt er es 207, 28. selbst ein; ebenso *dem Gesänge*. Jene Wörter mit bloßem *s* im Gen. haben nicht alle kurzen Vocal; er schreibt auch *Gefühls, Verkehrs, Welttheils*. Für den Dativ hat er das *e* häufig. Da ich in allen diesen Punkten keine Consequenz fand, wie es auch keine einzige deutsche Schrift geben mag, in der in dieser

Hinsicht Consequenz herrschte, habe ich auch keine in H.s Werk hineinragen wollen. Durchweg habe ich nur das *s* von *Verbuns* gestrichen, weil es H. 142, 14. gestrichen, und erst Buschmann es consequent hineingetragen hat. Ebenso bei *Nomen* and *Pronomen* and einigen andren Fremdwörtern.

Schließlich ist hier auch zu bemerken, dass H. meist den Gen. *des Gedanken* bildet; selten hat er ein *s* hinten angefügt. Ich habe hier durchweg *Gedankens* gesetzt, wie er selbst z. B. über d. Sprst 255,17 hat drucken lassen.

So habe ich nur noch zu erklären, dass hier im ganzen H.s Orthographie unverändert vorliegt. Dagegen herrscht in meinen Worten des Commentars und der Einleitungen die von mir auch sonst angewante, gemäßigt phonetische Rechtschreibung.

Zur Orthographie gehört auch die Interpunction. H. eigentümlich ist es, die Kommata in französischer Methode zu setzen. Darum erscheinen sie theils gehäuft, theils fehlen sie auch, nach der bei uns üblichen Weise beurteilt Jede einigermaßen nachdrückliche adverbial objective Bestimmung wird in Kommata eingeschlossen. Aus seiner Neigung ferner für Participien in attributiver Stellung folgt, dass solche längere und Objecte regierende Attribute von dem voranstehenden Artikel des Substantivs, zu dem sie wie dieser gehören, durch ein Komma getrennt werden müssen; aber mit dem Substantivum selbst bleiben sie verbunden, und kein Komma trennt de von ihm, nach der Formel: *das, mt dem Substantivum Attribut* u. s. w. Dagegen steht vor den einfachen Infinitiven kein Komma, wo wir es regelmäßig setzen. Andererseits setzt H. vor jedes, auch nur zwei Wörter verbindende *und, oder* gewöhnlich ein Komma.

Die indirecte Frage versieht H. mit einem Fragezeichen.

Ich habe H.s Interpunction in der Regel unverändert gelassen. Nur zuweilen habe ich Kommata in Semicola oder in Zeichen der Parenthese verwandelt oder ein Zeichen hinzugefügt, wo mir die Deutlichkeit dadurch zu gewinnen schien.